



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

GERLAINE CRISTINA SILVA FRANCO

**REDES DE SOLIDARIEDADE EVANGÉLICA NO DESENHO DE NOVAS
CENTRALIDADES URBANO-DEVOCIONAIS NA REGIÃO METROPOLITANA DE
FORTALEZA**

FORTALEZA
2020

GERLAINE CRISTINA SILVA FRANCO

REDES DE SOLIDARIEDADE EVANGÉLICA NO DESENHO DE NOVAS
CENTRALIDADES URBANO-DEVOCIONAIS NA REGIÃO METROPOLITANA DE
FORTALEZA

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Dinâmica Territorial e Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F895r Franco, Gerlaine Cristina Silva.

Redes de solidariedade evangélica no desenho de novas centralidades urbano-devocionais na Região Metropolitana de Fortaleza / Gerlaine Cristina Silva Franco. – 2020.
160 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Bioquímica, Fortaleza, 2020.

Orientação: Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira.

1. Geografia. 2. Movimento evangélico. 3. Centralidades urbano-devocionais. 4. Redes de solidariedade. 5. Região Metropolitana de Fortaleza.. I. Título.

CDD 572

GERLAINE CRISTINA SILVA FRANCO

REDES DE SOLIDARIEDADE EVANGÉLICA NO DESENHO DE NOVAS
CENTRALIDADES URBANO-DEVOCIONAIS NA REGIÃO METROPOLITANA DE
FORTALEZA

Dissertação apresentada à Coordenação
do Programa de Pós-Graduação em
Geografia da Universidade Federal do
Ceará como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em
Geografia. Área de concentração:
Dinâmica Territorial e Ambiental.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Jose Borzacchiello da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Raphael Teixeira da Silva
Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE)

Prof. Dr. Tiago Estevam Gonçalves
Instituto Federal do Ceará (IFCE)

AGRADECIMENTOS

A palavra de Deus no Livro de Eclesiastes, capítulo 3, afirma que existe tempo para todas as coisas deste mundo. Este momento é o tempo de colher o que fora plantado por dois anos. Foram dias de preocupações, cobranças, sorrisos e reconhecimentos. Agradeço ao Senhor Jesus por ter me possibilitado viver tais circunstâncias; por me segurar em seus braços e ter me dado sabedoria para transpor as dificuldades deste percurso e ainda, por ter colocado pessoas para me auxiliar a tornar-me uma pessoa e profissional melhor.

Grata a Deus pela vida do meu amado esposo Haron Harisson, que esteve comigo desde o início dessa pesquisa, sendo meu braço direito nos trabalhos de campo e encorajamentos diários. Seu cuidado, amor e amizade foram imprescindíveis principalmente nesta etapa final. Mostrou-me que é possível crescermos juntos e sonharmos os sonhos um do outro. Juntos vamos sempre mais longe, meu amor!

Agradeço aos meus familiares por sua demonstração que não conseguimos nada nesta vida sem esforço e dedicação; por também estarem sempre comigo nesta caminhada. Vocês são meu porto seguro e alento e eu os amo incondicionalmente. Uma grande parcela do que estou alcançando é graças ao encorajamento e afeto de vocês!

Agradeço ainda pelas ricas oportunidades de formação e inserção no Laboratório de Estudos Geoeducacionais e espaços simbólicos (LEGES) e na Macromapas. Os diálogos, a partilha de conhecimento e a convivência com alunos e professores foram ricas e fez com que eu admirasse ainda mais a profissional que estou me tornando. Em especial aos colegas do Leges/Macromapas: Marcos, Jacquecilane, Yvna, Aurislane, Kevin, Antônio, Lucas e Eduardo que tanto admiro e partilharam comigo momentos importantes.

A outros amigos da Geografia: Lucas Ferreira, Gleilson Ângelo, Israel Rodrigues, Jefferson Fernandes e colegas do programa, vocês em muito me ajudaram neste percurso, com parcerias e diálogos para além dos muros da universidade. Contem comigo!

Aos membros dessa banca, Luiz Raphael e Tiago Estevam que aceitaram tão prontamente o convite e estiveram comigo já na qualificação, fazendo importantes contribuições e acredito que continuarão sendo tão importantes neste

fechamento. Ao professor José Borzacchiello que esteve comigo na graduação como orientador, e que agora está somando nesta fase de defesa de mestrado. Meu muito obrigada a vocês!

Ao professor Christian Dennys que me acompanhou, cujas orientações neste percurso foram imprescindíveis e que deram suporte a construção deste trabalho de mestrado. O senhor é admirável como pessoa e profissional, obrigada pela sua dedicação e paciência!

Agradeço ainda a todos que contribuíram direta, ou indiretamente para essa pesquisa, desde professores do programa, os líderes das igrejas, comerciantes e pessoas cujas conversas/debates/diálogos ajudaram neste processo!

O meu reconhecimento e minha gratidão a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), por fortalecer e apoiar essa pesquisa com recursos necessários ao desenvolvimento desse trabalho.

RESUMO

A Geografia desde os séculos passados tem demonstrado seu interesse sobre a Religião. Isso ocorre ainda mais intensamente no tempo presente, devido ao fortalecimento de grupos religiosos, cujas manifestações são latentes no espaço geográfico. Nessa perspectiva, o objetivo principal desse trabalho é compreender a relação estabelecida entre as redes de solidariedade evangélicas e o desenho de novas centralidades urbano-devocionais na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). Para alcance do objetivo geral, os objetivos específicos foram traçados, sendo eles: Contextualizar o crescimento do movimento evangélico na contemporaneidade urbana no país e na RMF; Entender a dimensão organizacional das igrejas evangélicas na constituição de redes de solidariedade e suas articulações durante os ciclos natalino e Pascal; Discutir a relação entre as redes de solidariedade evangélicas e as novas centralidades urbano-devocionais na RMF por meio de estudos focados no Município de Caucaia-Ce. Para tanto, um percurso metodológico foi traçado, organizando-se sob uma abordagem qualiquantitativa. Assim, foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental, seguida de uma pesquisa de campo. Posteriormente foi feita uma tabulação e análise dos dados. É importante ressaltar, que durante a construção dessa pesquisa o mapeamento cognitivo foi utilizado, seja para elucidar os resultados, seja para demonstrar aspectos evolutivos de conceitos e discussões, dentre outras utilidades. Vemos que o movimento evangélico se constitui como importante objeto de estudos para a Geografia, haja vista a sua densidade e pulverização no país e na RMF, que desencadeia importantes transformações no espaço geográfico. E ainda, que os ministérios e igrejas evangélicas ao se articularem em redes de solidariedade, criam novas centralidades urbano-devocionais na RMF, haja vista as redes de sociabilidade urbana serem adensadas pela tessitura de atividades socioculturais dos fiéis.

Palavras-chave: Geografia. Movimento evangélico. Centralidades urbano-devocionais. Redes de solidariedade. Região Metropolitana de Fortaleza.

RESUMEN

La geografía desde los siglos pasados ha mostrado su interés por la religión. Esto ocurre aún más intensamente en la actualidad, debido al fortalecimiento de grupos religiosos, cuyas manifestaciones quedan impresas en el espacio geográfico. En esta perspectiva, el objetivo principal de este trabajo es comprender la relación que se establece entre las redes de solidaridad evangélica y el diseño de nuevas centralidades urbano-devocionales en la RMF. Para lograr el objetivo general, se delinearon los objetivos específicos, a saber: contextualizar el crecimiento del movimiento evangélico en la contemporaneidad urbana en el país y en la RMF; Comprender la dimensión organizativa de las iglesias evangélicas en la constitución de redes solidarias y sus articulaciones durante los ciclos de Navidad y Pascua; Discutir la relación entre las redes de solidaridad evangélica y las nuevas centralidades urbano-devocionales en la RMF a través de estudios enfocados en el Municipio de Caucaia-Ce. Para ello, se trazó un camino metodológico, organizándose bajo un enfoque cualitativo y cuantitativo. Así, se realizó una investigación bibliográfica y documental, seguida de una investigación de campo. Posteriormente se realizó la tabulación y análisis de datos. Es importante señalar que durante la construcción de esta investigación se utilizó el mapeo cognitivo, ya sea para dilucidar los resultados o para demostrar aspectos evolutivos de conceptos y discusiones, entre otros usos. Vemos que el movimiento evangélico es un importante objeto de estudios para la Geografía, dada su densidad y dispersión en el país y en la RMF, lo que desencadena importantes transformaciones en el espacio geográfico. Y, sin embargo, que los ministerios y las iglesias evangélicas, al articularse en redes de solidaridad, crean nuevas centralidades urbano-devocionales en la RMF, dado que las redes de sociabilidad urbana están densificadas por el tejido de actividades socioculturales de los fieles.

Palabras clave: Geografía. Movimiento evangélico. Centralidades urbano-devocionales. Redes solidarias. Región Metropolitana en Fortaleza.

ABSTRACT

Geography since the past centuries has shown its interest in Religion. This occurs even more intensely in the present time, due to the strengthening of religious groups, whose manifestations are printed in the geographical space. In this perspective, the main objective of this work is to understand the relationship established between the evangelical solidarity networks and the design of new urban-devotional centralities in the RMF. To achieve the general objective, the specific objectives were outlined, namely: To contextualize the growth of the evangelical movement in urban contemporaneity in the country and in the RMF; Understand the organizational dimension of evangelical churches in the constitution of solidarity networks and their articulations during the Christmas and Easter cycles; Discuss the relationship between the evangelical solidarity networks and the new urban-devotional centralities in the RMF through studies focused on the Municipality of Caucaia-Ce. To this end, a methodological path was drawn, organizing itself under a qualitative and quantitative approach. Thus, a bibliographic and documentary research was carried out, followed by a field research. Subsequently, tabulation and data analysis were performed. It is important to note that during the construction of this research, cognitive mapping was used, either to elucidate the results or to demonstrate evolutionary aspects of concepts and discussions, among other uses. We see that the evangelical movement is an important object of studies for Geography, given its density and dispersion in the country and in the RMF, which triggers important transformations in the geographical space. And yet, that the ministries and evangelical churches when articulating themselves in networks of solidarity, create new urban-devotional centralities in the RMF, given that the networks of urban sociability are densified by the fabric of social and cultural activities of the faithful.

Keywords: Geography. Evangelical movement. Urban-devotional centralities. Solidarity networks. Metropolitan Region of Fortaleza.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estrutura da metodologia da pesquisa.....	22
Figura 2 - Aplicação do mapeamento cognitivo na pesquisa.....	27
Figura 3 - Mapa Cognitivo sintetizando o percurso do capítulo.....	31
Figura 4 - Mapa cognitivo dos campos teóricos nos estudos de Geografia da religião brasileira.....	37
Figura 5 - Mapa cognitivo das interações que constituem a Cultura Religiosa urbana.....	49
Figura 6 - Mapa cognitivo sintetizando o percurso do capítulo.....	53
Figura 7 - Mapa cognitivo das características das principais vertentes do Movimento evangélico brasileiro.....	64
Figura 8 - Demonstração das estruturas variadas dos Templos e Igrejas na RMF.....	72
Figura 9 - Mapa da RMF.....	79
Figura 10 - Crescimento populacional em Caucaia (1950 - 2010).....	81
Figura 11 - Mapa de Localização do distrito de Jurema/Caucaia – CE.....	83
Figura 12 - Mapa do recorte espacial e das igrejas pesquisadas.....	84
Figura 13 - IURD Parque Potira.....	87
Figura 14 - Templo da IDB – PP.....	91
Figura 15 - Templo da IPMM no Parque Potira.....	92
Figura 16 - Assembleia de Deus Celebrai a Cristo.....	95
Figura 17 - Logo da MEPB.....	97
Figura 18 - Cantata de Natal MEPB em 2018.....	107
Figura 19 - Mosaico de fotos da Divulgação e realização do evento da IURD-Potira.....	109
Figura 20 - Folder de divulgação.....	110
Figura 21 - Paróquia Nossa Senhora das Graças do Parque Potira.....	112
Figura 22 - Mapa cognitivo da centralidade urbano-devocional da Avenida Heribaldo Rodrigues, elementos constituintes e áreas de interação metropolitana.....	114
Figura 23 - Mapa cognitivo do adensamento da Rede de solidariedade evangélica.....	139

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Tempo de funcionamento do comércio/ serviço.....	125
Gráfico 2 -	Relação entre a criação do comércio/ serviço com o público das igrejas.....	125
Gráfico 3 -	Mudanças visualizadas após a chegada das Igrejas evangélicas na área.....	126
Gráfico 4 -	Mudança na área após a chegada das igrejas evangélicas.....	127
Gráfico 5 -	Frequentadores das igrejas evangélicas e o consumo de mercadorias/ serviços.....	129
Gráfico 6 -	Os eventos/festividades evangélicas e o fortalecimento do comércio.....	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Técnicas de pesquisa e aplicações.....	25
Quadro 2 - Aspectos gerais dos grupos protestantes.....	62
Quadro 3 - Períodos que caracterizam o Pentecostalismo no Brasil.....	63
Quadro 4 - Distribuição percentual da população, por grupos de religião Regiões do Brasil - 2000/2010.....	67
Quadro 5 - Percentual de Grupos por religião no Ceará.....	69
Quadro 6 - Ranking por evangélicos e católicos na RMF segundo censo 2010 do IBGE.....	70
Quadro 7 - Igrejas pesquisadas e seu quantitativo em Caucaia e Fortaleza..	77
Quadro 8 - Municípios inseridos na RMF desde 1973 à 2014.....	78
Quadro 9 - Recorte de grupos por religião em Caucaia.....	81
Quadro 10 - Horário das reuniões ao longo da semana da IURD – PP.....	87
Quadro 11 - Celebração evangélica durante a Páscoa no ano de 2019.....	111
Quadro 12 - Tabulação de comércios e serviços da Av. Heribaldo Rodrigues Caucaia/CE.....	119
Quadro 13 - Comerciantes e participação em eventos solidários evangélicos.	130
Quadro 14 - Igrejas e parcerias na comunidade.....	131
Quadro 15 - Fiéis e seus usos/consumos no bairro.....	133
Quadro 16 - Estratégias conjuntas nas Festividades segundo os Líderes.....	135
Quadro 17 - Fiéis e Visitas/articulações à outros ministérios e congregações..	138

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Assembleia de Deus
ADCC	Assembleia de Deus Celebrai a Cristo
EBD	Escola Bíblica Dominical
EDGID	Ensino, disciplina, e governo da Igreja de Deus
EUA	Estados Unidos da América
FIEEC	Federação das Igrejas do Estado do Ceará
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEMM	Igreja Evangélica Ministério Manaim
IEQ	Igreja do Evangelho Quadrangular
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
IPF	Igreja Presbiteriana de Fortaleza
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
IURD - PP	Igreja Universal do Reino de Deus do Parque Potira
LEGES	Laboratório de Estudos Geoeducacionais e espaços Simbólicos
MEPB	Missão evangélica Pentecostal do Brasil
MEPB - PP	Missão evangélica Pentecostal do Brasil do Parque Potira
OMS	Organização Mundial de Saúde
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	A dimensão religiosa na RMF e a representatividade do movimento evangélico	16
1.2	Caminhos metodológicos da pesquisa	20
1.2.1	<i>Etapas da pesquisa</i>	23
1.2.2	<i>A cartografia cognitiva e aplicação na pesquisa</i>	25
1.3	Estrutura da dissertação	28
2	PERSPECTIVAS E CAMINHOS: PENSAR A CULTURA RELIGIOSA NA METRÓPOLE	30
2.1	A(s) Geografia(s) e a Religião: Diálogos possíveis	34
2.2	A religião e a cidade na modernidade: discutindo a teoria da secularização e seus enfrentamentos	38
2.3	A cidade e a religião na contemporaneidade: embates, diálogos e metamorfoses na constituição de uma cultura religiosa urbana	42
3	“A REALIZAÇÃO DA OBRA”: A FÉ EVANGÉLICA NO BRASIL E NA RMF	51
3.1	Breve contextualização do surgimento do protestantismo no Brasil e no mundo	54
3.2	Crescimento e densidade do movimento evangélico no país e na RMF	60
3.2.1	<i>Densidade do movimento protestante</i>	61
3.2.2	<i>Quadro religioso no Brasil e na RMF: um olhar sobre o movimento evangélico</i>	65
4	REDES DE SOLIDARIEDADE EVAGÉLICA E A DINÂMICA CÍCLICA DAS FESTAS CRISTÃS (NATAL E PÁSCOA)	77
4.1	Contextualizando as interfaces do estudo: As igrejas evangélicas em Caucaia (CE) – RMF	79
4.1.1	<i>Igreja Universal do Reino de Deus – Parque Potira (IURD - PP)</i>	86
4.1.2	<i>Igreja de Deus no Brasil - Parque Potira (IDB-PP)</i>	90
4.1.3	<i>Igreja Pentecostal Ministério Maanaim (IPMM)</i>	93

4.1.4	<i>Igreja Assembleia de Deus Celebrai a Cristo (ADCC)</i>	94
4.1.5	<i>Igreja Missão Evangélica Pentecostal do Brasil – Parque Potira (MEPB)</i>	96
4.2	As igrejas evangélicas e as Redes de solidariedade na RMF	99
4.2.1	<i>Discutindo as redes em Geografia e a existência das redes de solidariedade no movimento evangélico</i>	99
4.2.2	<i>A dinâmica cíclica das festas cristãs (natal e páscoa) para as práticas solidárias</i>	104
5	REDES DE SOLIDARIEDADE EVANGÉLICA E A FORMAÇÃO DE CENTRALIDADES URBANO- DEVOCIONAIS NA RMF	115
5.1	Breve contextualização sobre centralidade e sua formação: aspectos visualizados na Av. Heribaldo Rodrigues	116
5.1.1	<i>Discutindo a centralidade urbana</i>	116
5.1.2	<i>Elementos da centralidade urbana da Av. Heribaldo Rodrigues</i>	121
5.2	Redes de solidariedade evangélica externa: a constituição da centralidade urbano-devocional	124
5.2.1	<i>As igrejas evangélicas da Av. Heribaldo Rodrigues e sua articulação/ colaboração com o comércio próximo</i>	125
5.2.2	<i>Articulação/integração entre as igrejas evangélicas da Av. Heribaldo Rodrigues e outros ministérios (destaque para os ciclos natalino e pascal)</i>	136
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
	REFERÊNCIAS	147
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM REPRESENTANTES E LÍDERES DAS IGREJAS EVANGÉLICAS	156
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS FREQUENTADORES E MEMBROS DAS IGREJAS EVANGÉLICAS	158
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO REALIZADO COM COMERCIANTES NO ENTORNO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS	160

1 INTRODUÇÃO

Desde o início do século XX, a Geografia vem sendo reconhecida por sua capacidade de dialogar com diversas áreas do conhecimento. Diante dessa marca, a ciência abre uma gama de possibilidades para discutir o fenômeno religioso, corroborando no entendimento atualizado do seu campo de estudos: o espaço geográfico. Dessa forma, muitas são as produções na área da Geografia Cultural, com leituras que abordam temáticas sobre as práticas religiosas mais diversas e as formas como essas constituem diferentes espacialidades contemporâneas.

Reconhecemos ser de grande importância as pesquisas que surgem a respeito do movimento evangélico na contemporaneidade. Esses trabalhos abordam desde as dimensões mais estruturantes da religião protestante (BITTENCOURT, 1994; GIUMBELLI, 2001), às práticas socioespaciais desenvolvidas (GONÇALVES, 2001; MENDONÇA, 2008; PEREIRA, 2014).

Sendo assim, o interesse em discutir sobre uma dimensão religiosa na cidade – com ênfase nas articulações socioespaciais da fé protestante – se instaura levando em consideração as questões urbanas das mais abrangentes. Essas questões pensam desde a organização espacial das cidades e as relações que nelas se estabelecem a partir da religião, como também as constantes modificações e transbordamentos que as cidades têm passado e que acaba por constituir o que chamamos de cultura religiosa urbana.

As representações associativas, as redes estabelecidas no movimento evangélico que interferem nas transformações no adensamento de Fortaleza e municípios da RMF, com destaque para Caucaia, são pontos que corroboraram com esta investigação.

Nossa pesquisa intitulada *Redes de solidariedade evangélicas no desenho de novas centralidades urbano-devocionais na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF)*, caminha em direção a tornar-se uma contribuição nos estudos geográficos a respeito do movimento evangélico.

É importante ressaltar que as discussões imbricadas na construção do trabalho reforçam a necessidade da Geografia interagir e dialogar com conceitos, tipologias e outros elementos de áreas com as Ciências Sociais, História, Teologia, Psicologia, dentre outras áreas do conhecimento. Outro ponto de destaque, é o diálogo presente entre Geografia cultural e Geografia urbana, tendo em vista que é

no espaço urbano que as Igrejas evangélicas conseguem alcançar maior crescimento de fieis, e ainda, podem vir a criar novas centralidades (RUSSO; OLIVEIRA, 2011).

Nessa perspectiva, é possível demonstrar que estudos sobre as grandes cidades, associados as suas múltiplas funções e transbordamentos/extensões, influenciam o leque de possibilidades nos estudos da chamada Geografia cultural, com foco sobre o aspecto religioso, tendo em vista suas manifestações pujantes e sujeitos envolvidos.

Na efervescência simbólica, nas constantes interações entre diversos grupos na cidade temos portanto, os aspectos religiosos. O caráter cosmopolita influencia a existência de uma pluralidade religiosa que (re)cria culturas urbanas, com práticas socioespaciais cada vez mais diversificadas. Nos espaços das cidades surgem vazios e carências que justificam cada vez mais a existência da religião, e em consonância, existem aspectos da cidade que facilitam a mobilidade real e virtual que propiciam o movimento evangélico.

1.1 A dimensão religiosa na RMF e a representatividade do movimento evangélico

As cidades que compõem a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), são marcadas por espaços diferenciados, com múltiplas funcionalidades. Suas dinâmicas socioespaciais são ligadas desde as funções econômicas, até as funções religiosas. No que tange a função religiosa nas cidades, vemos que a mesma está presente desde a constituição dos núcleos urbanos iniciais, desenvolvendo relações de poder, resistência com o Estado e com a sociedade; e ainda, constituindo importantes centralidades¹.

A dimensão religiosa na RMF é bastante diversificada, fato que durante o século XIX não existia ou, de certa maneira, não era permitido. Sobre isso, o autor Vasconcelos esclarece que durante o período colonial no Brasil “outros cultos tiveram uma dimensão de pouca importância devido à situação oficial da igreja

¹ As centralidades religiosas constituídas em virtude da influência dos templos e igrejas tem origem no tempo pretérito. O autor Vasconcelos (2007) ao estudar os agentes produtores do espaço no período colonial brasileiro afirma que a igreja católica e suas primeiras ordens se estabeleciam nos núcleos urbanos e posteriormente nas periferias, fomentando uma expansão urbana colonial, pois “tendiam a atrair o crescimento das cidades em sua direção” (p. 253). Formando assim, novas centralidades.

católica e a proibição de templos protestantes [...]” (VASCONCELOS, 2007; p. 253). Foi apenas no século seguinte que se teve um desenvolvimento desse movimento religioso no país, alcançando maior destaque nas últimas décadas do século XX mas sem grandes realces na paisagem urbana naquele espaço-tempo.

Em contrapartida, um novo quadro se emoldura a respeito do fenômeno religioso no país. Na conjuntura atual, vivenciamos, portanto, um contexto diferente ao que se constituía no período colonial/imperial brasileiro. Tal contexto da virada urbana de 1970 é marcado pela mobilidade e certa diversidade religiosa, que nas palavras de Silva (2016) se constitui como um “constante e inacabado desafio para os estudiosos da religião” (p. 71). Assim, é possível observarmos a construção do pluralismo religioso corroborados por sincretismos e separatismos, em meio a embates e trocas simbólicas.

Uma nova faceta que instiga diversos pesquisadores na Geografia são as mutações de cenários do movimento evangélico brasileiro. É possível perceber tal movimento em diferentes espaços no país, por meio de inúmeras igrejas evangélicas dispersas que variam enormemente na “adesão” à perspectiva específica do Pentecostalismo, com uma variedade de práticas e ritos “não pentecostais” até as organizações autointituladas “neopentecostais”. É importante ressaltar que este quadro se repete tanto em Fortaleza como em sua Região Metropolitana, com igrejas evangélicas concentradas ou dispersas desde áreas centrais à áreas consideradas periféricas.

A respeito da disseminação dos ideais protestantes no Brasil, sabe-se que no início do século XIX, durante a regência de D. João VI, em virtude da criação dos portos e por consequência da chegada de outras nacionalidade em território brasileiro, que novas formas de ver e entender o mundo – principalmente relacionadas a fé cristã – foram instauradas no país (*Ibid*). Posteriormente a esta abertura para nações estrangeiras, tem-se a chegada mais intensa de missionários que propagariam a fé cristã reformada. A ampliação do movimento se deu efetivamente no país durante o século seguinte, com a disseminação de diferentes igrejas evangélicas, fortalecidas na veiculação dos meios de comunicação de massa e pela identidade do evangelismo com a vida urbana.

A progressiva expansão de igrejas evangélicas em algumas cidades brasileiras como em Fortaleza, é bem evidente nas últimas décadas. A atração de fieis e adeptos para tais igrejas – em um constante movimento de “conversão cristã”

da sociedade – é cada vez mais acelerado, e segundo dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE) apresentou e continua a apresentar certo crescimento, sendo no ano 2000 o percentual de população evangélica no país de 15,5% e no ano de 2010 de 22,4%. Tal fenômeno pode resultar em formas e interações espaciais diferenciadas (fixos e fluxos) e mutações sociais, ainda que pouco significativas.

Sobre esse crescimento, é necessário esclarecer que a mudança confessional (de igreja, de adesão institucional) não é o mesmo que mudança religiosa. A mudança religiosa só aconteceria caso houvesse, por exemplo, uma Convenção Cristã de Igrejas, que decretasse a ruptura final e definitiva das bíblias, dos credos e visões sobre a Trindade. Um paralelo semelhante, seria o caso de políticos que mudam de partidos. A mudança de partido nem sempre determina, por exemplo, uma mudança na política estabelecida/exercida por esses sujeitos.

É possível observarmos igrejas evangélicas (pentecostais ou não) concentradas ou dispersas na RMF. A adesão à fé evangélica vem se popularizado de forma expressiva na RMF, cujo crescimento significativo ocorreu principalmente a partir da década de 1980, concomitante ao contexto nacional. (MONTERO; ALMEIDA, 2000). Essa simultaneidade é decorrente do desenvolvimento urbano acelerado e a expansão das periferias, desassistidas inclusive das estruturas simbólicas do Catolicismo, fortemente forjadas na territorialidade comunitária, hierárquica e rural (MARIANO, 2004).

Muitas pesquisas geográficas apontam que o movimento evangélico tem desenvolvido estratégias de articulação, conquista e expansão socioespaciais em distintas escalas nacionais. Nossa principal hipótese é de que essas práticas e relações ligadas à fé protestante, estabelecidas no espaço geográfico e acopladas ao imaginário cristão, estando fortemente associado ao simbólico, podem constituir, ou em determinados casos fortalecer, centralidades urbano-devocionais, contando com articulações em redes densas. Dessa forma, a “produção religiosa envolve uma complexa trama de racionalidade explicativa e simbolismo implicante” (RUIZ, 2003, p. 118).

As festividades, eventos e grandes concentrações evangélicas ao reunir um grande público (re) criam dinâmicas urbanas e promovem a interação entre diferentes agentes (sociais, políticos e econômicos). Em complementação ao apontado anteriormente, os autores Gaarder, Hellern e Notaker (1999) esclarecem

que, no Cristianismo, as principais festividades e datas memoráveis se instauram mediante o nascimento e a morte de Cristo (período temporal que envolve os ciclos natalino e pascal). Efemérides essas que acabam por impulsionar diferentes eventos evangélicos na contemporaneidade, além de demonstrarem em certos momentos articulações em redes de solidariedade entre os diferentes grupos evangélicos e organizações. Entendemos portanto, que uma tessitura material e organizacional se constitui de maneira intensa neste período de dezembro-abril.

Nesta perspectiva, pensando o movimento evangélico na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), a constituição das redes de solidariedade evangélicas e a criação de novas centralidades urbano-devocionais, alguns questionamentos surgiram.

Como questão norteadora geral temos:

- *Que relações socioespaciais as redes de solidariedade evangélicas estabelecem com o desenho de novas centralidades urbano-devocionais, na RMF?*

E em termos secundário, outras questões advém:

- *Como o crescimento do movimento evangélico no país se reforça na contemporaneidade urbana da RFM?*
- *Como a dimensão organizacional das igrejas evangélicas atua na constituição de redes e como elas se articulam durante os ciclos festivos do Cristianismo?*
- *De que forma é possível mapear conceitualmente essas novas centralidades devocionais?*

Essas questões serviram de base para o desenvolvimento dessa pesquisa e sinalizaram, a respeito do trabalho, o interesse pela temática no entendimento de que as manifestações religiosas são parte integrante de todo tipo de formação social, pois assumem, necessariamente, uma nítida dimensão geográfica (ROSENDAHL, 2001). A aproximação inicial ao tema se deu durante a graduação, com a bolsa de iniciação científica, onde foi trabalhado as interações espaciais ligadas as igrejas evangélicas que se localizavam no Centro de Fortaleza. A partir daí, aproximações e diálogos se estruturaram, servindo de base na realização dessa pesquisa.

Somado a isso, a proposição para a construção desse conhecimento no meio acadêmico é fortalecido cotidianamente pelo fato do movimento evangélico expandir-se no Brasil, como também na RMF, sendo, portanto, o vislumbre da nova faceta que se constitui e modifica os grupos religiosos no país.

O enfoque sobre a dimensão organizacional das igrejas evangélicas, que atuam na constituição de redes solidárias, abre possibilidades de entender as novas demarcações – ou desenhos – de novas centralidades urbano-devocionais na RMF. O entrelace possibilitado pela articulação em redes em diferentes interfaces locais forja o transbordamento de características da metrópole e (re)cria novos espaços centralizadores, que corrobora na produção do espaço urbano da RMF e constitui assim novas urbanidades.

É importante destacar ainda o caráter interdisciplinar dessa pesquisa, haja vista esse tema não ser apenas geográfico, o que leva a, de acordo com as necessidades de interpretação e construção da pesquisa, beber de outras fontes como a Teologia e a Filosofia. A Geografia demonstra ser, portanto, umas das ciências capazes de dialogar com outras áreas do conhecimento, haja vista o fenômeno social articular-se a dimensão espacial ao ocorrer.

A respeito dos objetivos do estudo, entende-se que o objetivo geral consistiu em: **compreender a relação estabelecida entre as redes de solidariedade evangélicas e o desenho de novas centralidades urbano-devocionais na RMF.**

Para alcance do objetivo geral, os objetivos específicos foram traçados, sendo eles: Contextualizar o crescimento do movimento evangélico na contemporaneidade urbana no país e na RMF; Entender a dimensão organizacional das igrejas evangélicas na constituição de redes de solidariedade e suas articulações durante os ciclos natalino e Pascal; Discutir a relação entre as redes evangélicas e as novas centralidades urbano-devocionais na RMF por meio de um estudo focado.

1.2 Caminhos metodológicos da pesquisa

A metodologia “corresponde aos procedimentos utilizados pelo pesquisador, material e métodos, em determinada investigação, ou seja, às etapas a seguir em dado processo [...]. Contempla todos os passos a serem tomados na

pesquisa” (ALVES, 2013, p. 38-39). Neste trabalho, o percurso metodológico estabelecido, dividido em diferentes passos, foi organizado em torno da abordagem quali-quantitativa. Utilizamos ainda a metodologia do mapeamento cognitivo em toda a construção da pesquisa.

O aspecto qualitativo se dá pelo olhar diferenciado sobre o fenômeno, que requer uma objetivação de dados primários, subsidiado por diferentes estratégias (MARCONNI; LAKATOS, 2003). A própria Ciência geográfica já desenvolve técnicas específicas no que tange a metodologia qualitativa, utilizando de diferentes recursos. Nesse tipo de pesquisa tem-se o reconhecimento da existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, como elemento de identidade, “de uma interdependência viva entre sujeito e objeto e de uma postura interpretativa, constituindo-se como um campo de atividade que possui conflitos e tensões internas” (RAMIRES; PESSÔA, 2013, p. 25).

O aspecto quantitativo está presente na busca de dados secundários, seja relacionado aos recortes pretendidos ou a processos e fenômenos que possam ser de alguma maneira registrados e contabilizados (SEVERINO, 2007). Assim, estamos nos fazendo valer, enquanto pesquisadores, de uma variedade de dados que foram coletados em diferentes momentos, através de diversos meios de informação (GODOY, 1995). É importante esclarecer que os dados quantitativos, vistos com excesso de objetividade e/ou isoladamente, podem mascarar certas realidades. Porém, quando é empregado uma análise crítica sobre eles, podem revelar e contribuir grandiosamente em análises sócio espaciais.

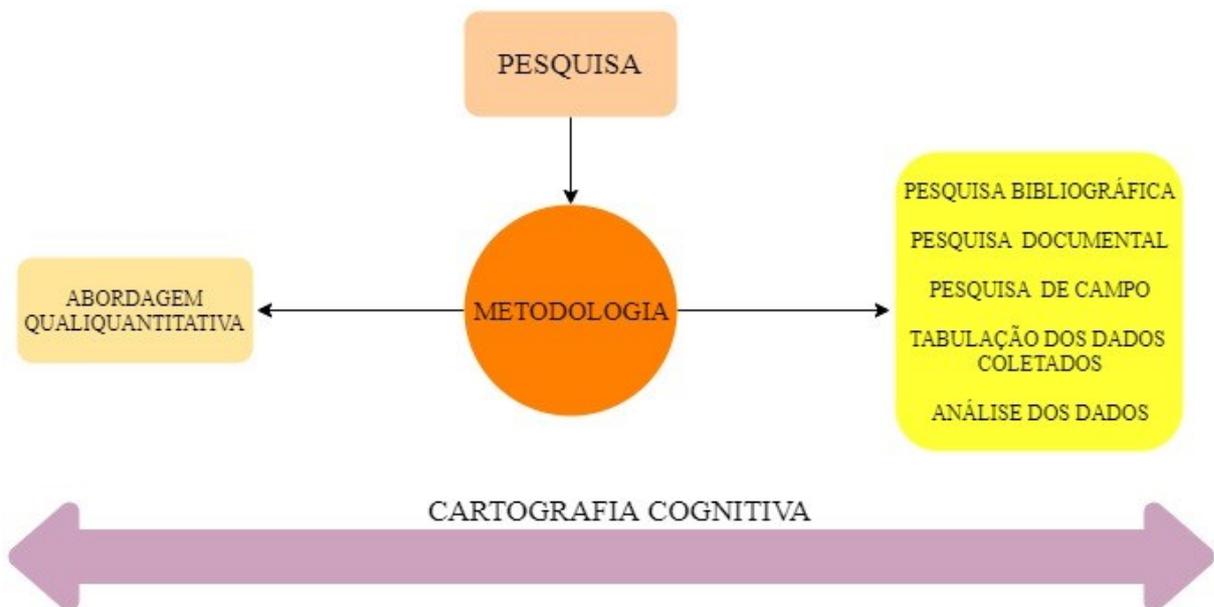
A respeito dos fenômenos geográficos, autores como Corrêa (1989) acreditam que esses podem se repetir em diferentes escalas e espaços do globo. Credo nisso, um recorte foi estabelecido para o entendimento do fenômeno que envolve a criação de centralidades urbano-devocionais na RMF. Dessa forma, um estudo focado de uma das áreas foi feito, objetivando alcançar maior grau de detalhamento e comprovação do que acreditamos que as redes de solidariedade evangélicas podem desencadear no espaço socioespacial.

O transbordamento de Fortaleza se faz presente na interface selecionada, constituindo, portanto, a parte mais vívida da influência da metrópole. O recorte escolhido para maior aprofundamento de nossas análises e para observação dos fenômenos, foi o município de Caucaia, parte da RMF. Este faz fronteira com a capital cearense e possui concentrações de igrejas evangélicas diversificadas.

Nesse município, o recorte escolhido possui concentrações de igrejas evangélicas não pentecostais (históricas), pentecostais e neopentecostais. A inserção dessas no município se deu por diferentes motivações, que envolvem condições socioespaciais específicas, estratégicas para seu crescimento e manutenção.

Para uma melhor estruturação e realização dessa pesquisa, um percurso metodológico foi traçado tendo por base o uso de diferentes metodologias listadas no mapa cognitivo (Figura 01):

Figura 1 – Estrutura da metodologia da pesquisa



Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019).

É possível entender, portanto, que esta pesquisa quali quantitativa se dividiu em diferentes etapas que vão desde a Pesquisa bibliográfica à análise dos dados, sendo marcada em toda a sua construção pelo uso da cartografia cognitiva.

A escolha pelo mapeamento cognitivo como elemento metodológico fundamental na construção dessa pesquisa ocorre principalmente pela sua utilidade ao que propomos nesse trabalho. As próprias conexões possíveis de serem estabelecidas em amplitude e, portanto, macro, são fundamentais para representar aspectos específicos das práticas associativas e solidárias, mantendo a centralidade do movimento evangélico. Assim sendo, o mapeamento consegue expressar a teia de conexões que mantém o crescimento devocional (da fé) em sintonia com o atendimento de outras demandas culturais urbanas. Isso é indispensável na

representação do processo reticular do movimento evangélico em Fortaleza e na significativa área da conurbação com Caucaia.

1.2.1 Etapas da pesquisa

De forma a pontuar os processos metodológicos aqui empregados apresentaremos, agora, cada etapa realizada. Assim, a pesquisa bibliográfica refere-se às leituras com o intuito de que as teorias possam facilitar o entendimento, investigação, bem como as análises dos dados coletados durante o desenvolvimento da pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2003). A respeito desse referencial teórico foram buscados autores e autoras que dialogam com a temática envolvida na pesquisa como Almeida (2008), Gil Filho (2006), Mariano (1999, 2004) em obras literárias, dissertações, teses e artigos publicados em periódicos.

A busca desse material, se deu em torno de campos de estudos diversos, temáticas geradoras, conceitos e categorias principais tais como: Geografia da religião; Geografia cultural; Cristianismo, História e desenvolvimento do Protestantismo; Diversidade e densidade do movimento evangélico; Centralidades; Metropolização, Metrôpole e Região Metropolitana; Redes geográficas, estratégias de organização, conexão e sociabilidade; Imaginário cristão, ritos, símbolos; Eventos, festividades, práticas patrimoniais; Espaço geográfico e interações espaciais, dentre outros. Para uma melhor organização desse levantamento bibliográfico foi feito um banco de dados online de acordo com as temáticas principais pretendidas.

Para alcançarmos os objetivos desse projeto foi necessário fazer uma pesquisa documental que se consistiu na busca de informações ligadas as igrejas evangélicas no Brasil e na RMF. Documentos internos as igrejas também foram analisados, tratando sobre sua criação, historicidade, regimento interno e membresia; dados do movimento evangélico buscados na Federação das Igrejas Evangélicas do Estado do Ceará (FIEEC); dentre outros.

A pesquisa de campo foi um momento singular neste trabalho. Ela buscou “conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 186).

As atividades de campo foram realizadas durante o segundo semestre de 2018 (mês de dezembro), primeiro semestre de 2019 (meses de janeiro, março e abril) e segundo semestre de 2019 (meses de novembro e dezembro). Os períodos escolhidos para as atividades de campo estão associados ao calendário de festividades e datas comemorativas cristãs e ao momento que as antecede, onde as articulações entre as igrejas e demais sujeitos e organizações pudessem estar sendo estabelecidas.

Vale ressaltar que o calendário de atividades de campo deste ano (2020) foi impedido de ocorrer, haja vista a pandemia do novo Corona Vírus que se estabeleceu no mundo e, conseqüentemente, no país. Seguindo decretos Governamentais e orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) as atividades religiosas presenciais, neste recorte temporal, foram suspensas por conta da aglomeração de pessoas que acarretam. Neste contexto, muitas atividades cristãs das igrejas pesquisadas foram suspensas e/ou canceladas.

Durante a realização das pesquisas de campo, buscando um melhor desempenho, algumas técnicas de coletas de dados foram utilizadas, sendo elas observação sistemática, entrevistas e questionários.

Segundo Marconi e Lakatos (2003) a observação sistemática “realiza-se em condições controladas, para responder a propósitos preestabelecidos” (p. 193). Sendo assim, o observador deve saber o “que procura e o que carece de importância em determinada situação”; devendo ser objetivo, reconhecendo possíveis erros e eliminando sua influência sobre o que vê ou recolhe (*Ibid*).

As entrevistas desenvolvidas são semiestruturadas cuja característica é ser não dirigida: “quando o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada” (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 279) e “quando há liberdade por parte do entrevistado, que poderá manifestar livremente suas opiniões e sentimentos” (*ibid*). As entrevistas tiveram como alvo representantes e líderes das igrejas evangélicas (APÊNDICE A), como também os frequentadores e membros dessas igrejas (APÊNDICE B). As entrevistas foram registradas através de gravações e/ou anotações no diário de campo, e preservam a identidade dos sujeitos.

Um questionário com comerciantes que possuem estabelecimentos próximos as igrejas evangélicas no recorte espacial aprofundado, no município de Caucaia também foi feito (APÊNDICE C). O questionário visou entender a relação

da dinâmica gerada no entorno, consumo, infraestrutura, dentre outros elementos a partir da instalação dos templos e igrejas protestantes. No quadro 1 é possível observar os dados referentes as técnicas de pesquisa empregadas em campo:

Quadro 1 - Técnicas de pesquisa e aplicações

Técnicas de pesquisa e público alvo	Número de aplicação
Entrevista com Líderes religiosos	10 entrevistas
Entrevista com fiéis	18 entrevistas
Questionário com comerciantes	48 questionários válidos

Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019).

A documentação do que foi analisado e observado em campo foi feita através de anotações no diário de campo de natureza descritiva, de comportamentos, ações, atitudes e estrutura física, por exemplo. Alguns registros visuais dos espaços e estruturas foram realizadas em diferentes momentos com o objetivo de favorecer a análise.

Todos os dados coletados nas etapas anteriores sejam de forma primária ou secundária foram organizados de forma a se procurar conexão entre os mesmos. Os dados foram trabalhados e explorados, sob a luz das teorias de forma a responder os objetivos já descritos neste trabalho, com auxílio do mapeamento cognitivo no decorrer da investigação.

1.2.2 A cartografia cognitiva e aplicação na pesquisa

Uma importante área do conhecimento geográfico que contribui na análise e objetivação do espaço é a Ciência cartográfica e todo geógrafo a apreende como sendo a arte e técnica de elaborar mapas. Os mapas, possuem como principal objetivo demonstrar através de uma seleção o que é mais expressivo e a partir daí forjar associações que possuem significados.

A cartografia cognitiva vai além dos pontos e linhas estabelecidos, haja vista o mapa cognitivo ser a “representação gráfica do mundo intelectual da mente humana” (OKADA, 2008, p. 41). Assim, a construção de mapas cognitivos está associada a necessidade de serem desenvolvidas habilidades e estratégias

essenciais para os processos de aprendizagem e de pesquisa. Dessa forma, buscamos utilizar o mapeamento cognitivo em diferentes momentos deste trabalho.

Destacamos, que a proposta do uso do mapeamento cognitivo tem sido consolidada cotidianamente pelos pesquisadores do Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos (LEGES) vinculado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). O laboratório possui um projeto intitulado *Macromapas* que tem como objetivo central apresentar as potencialidades do mapeamento cognitivo nas pesquisas acadêmicas de diversas áreas do conhecimento, como também suas potencialidades para os processos de ensino e aprendizagem.

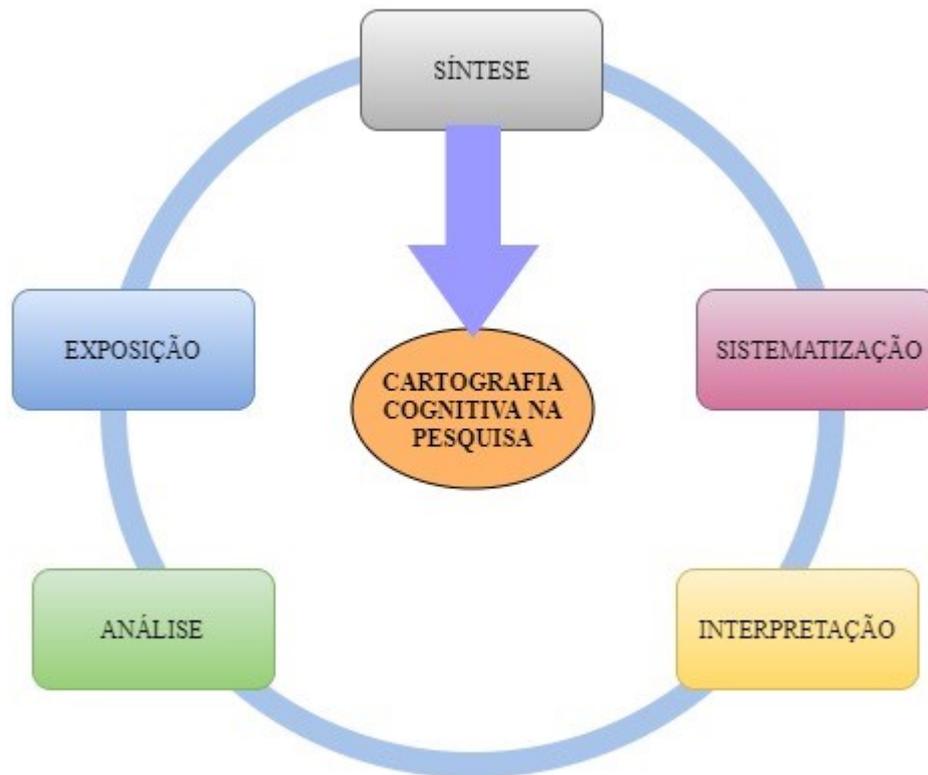
É importante destacar que os mapas cognitivos não se resumem a produções visuais. Eles são modelos mentais ou estruturas de definições e conceitos que possibilitam o entendimento dos diferentes objetos de estudo, associando aspectos do mundo objetivo e subjetivo (OKADA, 2008).

Sobre o aspecto cognitivo o apreendemos como “o conjunto de processos mentais no pensamento, na percepção, no reconhecimento dos objetos, das coisas, das organizações simbólicas” e ainda “um processo, que está imbricado no problema da explicação, na procura da razão das coisas” (KASTRUP, 1999, p. 19). Sendo assim, vemos que os mapas cognitivos podem auxiliar os pesquisadores a representarem tanto os espaços físicos (materiais) quanto os espaços mentais da mente humana e os informacionais (imateriais).

A experiência de construir um mapa cognitivo é, portanto, bastante vantajosa no processo de consolidação da pesquisa, pois desenvolve “habilidades necessárias neste cenário marcado pela era digital, sociedade do conhecimento e mundo globalizado” (OKADA, 2008, p. 37).

Pensando nisso, este trabalho debruçou-se sobre diferentes possibilidades de utilizar a cartografia cognitiva (Figura 02), como fator diferencial durante o processo da sua construção. Trata-se de utilizar o mapa – em nosso caso principalmente o cognitivo - não apenas como elemento visual, que reforça informações textuais que são tratadas.

Figura 2 – Aplicação do mapeamento cognitivo na pesquisa



Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019).

Assim, a cartografia cognitiva que engloba procedimentos diversos para representar e descrever graficamente as informações/conhecimentos/cognições (BASTOS, 2000), esteve presente no processo de pesquisa e na construção deste trabalho através da *exposição* da metodologia e dos procedimentos usados; por meio da *análise* e *interpretação* dos dados que auxiliam na construção de pontes de significado; para a *sistematização* de ideias, conceitos e estruturas; e por fim, para a *síntese* dos resultados.

Para a elaboração dos mapas cognitivos utilizamos predominantemente o Draw.io, que consiste em um *software online*, que possibilita a criação de elementos gráficos gratuitamente. Suas ferramentas são variadas, possibilitando a criação de desenhos e gráficos, bem como utilizar modelos existentes. A escolha do programa se deu por sua funcionalidade, desempenho e pelo fato de que, por meio de conexão com o Google Drive, os arquivos puderam ser salvos, editados e compartilhados conforme as demandas da investigação. Existem ainda outros *softwares* para elaboração dos mapas cognitivos, como o Cmap Tools, o Freemind,

e o Lucidchart, cujas ferramentas variam e podem ser executados em diferentes plataformas (OKADA, 2008).

É perceptível, portanto, que o uso do mapeamento cognitivo nesta pesquisa ampliou o leque de possibilidades metodológicas e permitiu que nossas análises não fossem reduzidas a linguagens tradicionais e marcadamente lineares. Esperamos que os pesquisadores atentem para a importância desse mapeamento e fortaleçam em suas produções científicas o seu uso, tendo em vista que a cartografia cognitiva está para a sociedade atual assim como a imagética (CARVALHO, 2001).

1.3 Estrutura da dissertação

A dissertação está estruturada em seis capítulos principais incluindo a presente “Introdução”. No segundo capítulo, intitulado “Perspectivas e caminhos: pensar a cultura religiosa na metrópole” iniciamos tratando sobre a Geografia e sua articulação com o conhecimento religioso, de forma a fortalecer os estudos que surgem nesse contexto, tendo em vista que todo fenômeno religioso ocorre e se materializa no espaço geográfico. Discutimos ainda neste capítulo sobre a teoria da secularização, de forma a entender o contexto que subsidiou o atual quadro do aspecto religioso na cidade contemporânea, cuja pluralidade e hábitos cotidianos dos cidadãos impulsionam, potencialmente, a constituição de uma cultura religiosa urbana.

No terceiro capítulo “ ‘Realizando a obra’: a fé evangélica no Brasil e na RMF” apresentamos brevemente a história desse movimento religioso no mundo e seguimos analisando o crescimento de fiéis nas escalas geográficas propostas, bem como a segmentação e densidade que ocorre dentro da fé evangélica no contexto atual. Demonstramos, ainda, o quadro que mostra uma crescente e efervescente criação de novas igrejas, que variam em inúmeros aspectos que vão desde o doutrinário até o da forma do templo, e que se proliferam em áreas urbanas que passam por intensos processos como o de metropolização do espaço.

No quarto capítulo intitulado “Redes de solidariedade evangélica e a dinâmica cíclica das festas cristãs (Natal e Páscoa)” discutimos a dimensão organizacional das igrejas evangélicas durante os principais eventos e festividades, que motivam conexões e a criação de fluxos e fixos nos municípios da RMF. No

capítulo 5, intitulado “Redes de solidariedade evangélica e a formação de centralidades urbano-devocionais na RMF” aprofundamos nosso olhar sobre a tessitura, o desenho forjado pelas igrejas evangélicas, a partir das redes de solidariedade externas, que permitem a circulação de elementos materiais e imateriais, resultando em uma intensa dinamização de aspectos socioeconômico e geográficos, nos levando a discussão sobre a criação de novas centralidades urbano-devocionais.

2 PERSPECTIVAS E CAMINHOS: PENSAR A CULTURA RELIGIOSA NA METRÓPOLE

Ao longo da história, desde os tempos mais primitivos, a humanidade sempre desenvolveu práticas que se conectam ao aspecto religioso. Isso se dava, inicialmente, de maneira involuntária ao se relacionar com os elementos da própria natureza (GAARDER; HELLERN; NOTAKER 1999).

Com o passar dos decênios, o homem religioso firma suas ações sobre a ideia de articulação com uma divindade, cujos objetivos variavam desde a busca por uma vida após a morte à alcance de desejos associados à sua vida mundana. A religião tende ainda a sanar algumas inquietações dos homens, como as que se debruçam sobre o motivo de nossa existência e onde iremos parar após a morte (MENDONÇA, 1990).

As concepções humanas forjadas a partir da religião, variam conforme a tríade sociedade, tempo e espaço, resultando em formas de entender e vivenciar o espaço geográfico. Sendo assim, a religião passa a conferir identidade aos grupos e indivíduos, forjando hábitos, gostos, maneiras para interagirem entre si e com a natureza, condicionando e transformando o meio no qual estão inseridos.

O aspecto religioso sempre esteve presente na história da humanidade (GAARDER; HELLERN; NOTAKER 1999). Todavia, teorizar a respeito do exato surgimento da relação estabelecida entre o homem e a religião é ainda complexo, pois não se sabe ao certo como a mesma foi forjada, inventada. O que temos certeza, é que “a religião é inerente ao homem que, antes de inventar a escrita, buscava o desconhecido, o saber sobrenatural, o mistério por trás dos acontecimentos, das coincidências, dos fatos e do acaso” (BONJARDIM; ALMEIDA, 2015, p. 95).

Nessa tentativa de explicar sobre o surgimento da religião, acredita-se que tudo começou pela forma que o homem vislumbrava as coisas ao seu redor como animadas, sendo assim “ele acreditava que os animais, as plantas, os rios, as montanhas, o sol, a lua e as estrelas continham espíritos, os quais era fundamental apaziguar” (GAARDER; HELLERN; NOTAKER 1999, p. 15).

Conforme Bezerra (2011) um dos indícios mais antigos de que a religião já se fazia presente desde a pré história é o sepultamento. Essa prática “revela uma preocupação com a vida após a morte. Isso é mais ressaltado ainda, nos detalhes

de preparação e adereços encontrados em inúmeras sepulturas” (*ibid*, p. 2). Além disso, muitos objetos encontrados naquela época revelam o aspecto sagrado e ritualístico de lugares, no qual “figuras e símbolos femininos ocupam posição central” (*ibid*, p. 2).

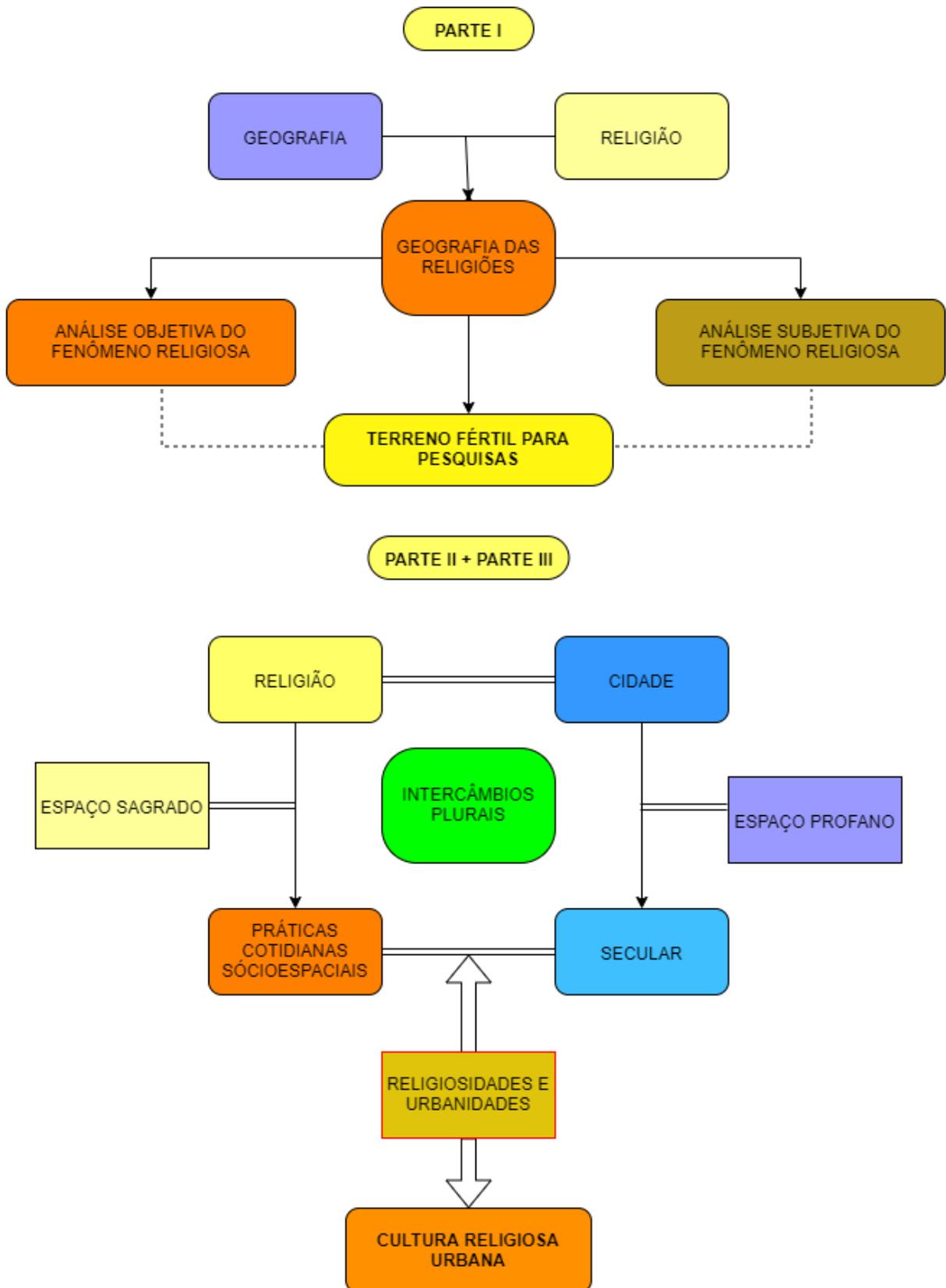
Autores como Eliade (1983) acreditam que a religião nasceu e se consolidou associada a morte, marcando a constituição dos rituais e celebrações já descritos. Para Bonjardim e Almeida (2015) desde o início das manifestações religiosas temos rituais e manifestações embutidos de representações simbólicas, que produzem e comandam os territórios dos homens ainda na contemporaneidade.

Não deteremos nossas análises em todo o universo religioso ao longo dos decênios, basta-nos esclarecer em poucas linhas o papel que a religião tem ocupado nas sociedades desde os tempos mais primitivos, e ainda, que esse papel é de suma importância na constituição da sociedade contemporânea.

A lógica transcendental e a necessidade por uma divindade que a religião contempla faz com que a religião não tenha sido ou seja superada, ainda que o nível de desenvolvimento – técnico/ científico/ racional que a sociedade vivencia pregue o contrário.

Este capítulo se consolida, portanto, como uma breve reflexão sobre a Geografia, a religião, a cidade e as práticas culturais. A seguir, um mapa cognitivo (Figura 03) sintetizando as principais ideias e o percurso estabelecido neste capítulo.

Figura 3 – Mapa Cognitivo sintetizando o percurso do capítulo



Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2020).

Sendo assim, nos propomos a demonstrar como a religião interage com a Geografia, pois acreditamos que “ao estabelecer forma, vida, representatividade, a religião transformou-se numa criação do ser humano, inventada e reinventada no decorrer dos anos” (BONJARDIM; ALMEIDA, 2015) que desde o início “moldou o espaço ocupado, delimitando e estabelecendo territorialidades e paisagens propriamente religiosas” (*ibid*, p. 96); e ainda, como esse campo de estudo tem se constituído enquanto campo fértil para os estudos científicos dos geógrafos pesquisadores. Assim, apontamos alguns autores, trabalhos defendidos, grupos de estudos existentes que podem ser vistos como importantes contribuições dentro da Geografia que consolida um olhar sob o aspecto religioso existente.

Nesse caminho, que imbrica inúmeras possibilidades ao conhecimento geográfico, construiremos um pensamento que envolve a cidade com o seu modo de vida urbano e o aspecto religioso. Nesta perspectiva, ambos, cidade e a religião vislumbrados como intercâmbios plurais. O intercâmbio imbricado na articulação entre cidade e religião, corrobora com a miscelânea de características culturais tradicionais/modernas/pós-modernas que existem. Sendo assim, admitimos ainda que essa pluralidade na cidade e na religião instiga, traz desafios teóricos e metodológicos, e também torna complexa nossa análise, tendo em vista que nessa trama tem-se embates/ diálogos/ metamorfoses inerentes as culturas existentes.

Ao se tratar do espaço urbano, iremos vislumbrá-lo portanto, a partir da mistura de religiões em constantes (re)encantamentos, que condicionam e são condicionadas pelo modo de vida urbano. Segundo Pierucci e Prandi (1996), existe um grande número de motivações que permitem que as religiões cresçam (em diversidade, densidade e número de fiéis) nos dias atuais. Uma das motivações ocorre pelo fato da religião conservar sua função social, como também atender as necessidades dos povos para com o sagrado, dando sentido a sua existência.

Acreditamos, que as cidades são espaços em que o campo religioso se fortalece, veste novas roupagens e se transforma cotidianamente, entrando em conflito com os processos de secularização no qual as sociedades têm passado/já passaram. O urbano tem a capacidade de proporcionar um encantamento contínuo da religião e de suas muitas outras faces, fazendo desse aspecto fator determinante para a constituição de sua tessitura, organização e ainda, forjando o que chamamos de uma cultura religiosa urbana.

2.1 A(s) Geografia(s) e a Religião: Diálogos possíveis

Na Geografia humana, muitas são as áreas que se consolidam na contemporaneidade, como a chamada Geografias das religiões. É importante ressaltar que essas Geografias se constituem no tempo pretérito, sendo consolidada apenas no século XX, quando aparece como uma subdisciplina da Geografia Humana. Sobre este fato, o autor Pereira (2014, p. 23) afirma que “tal postulação lhe garante certa liberdade metateórica, o que para os estudos a que se propõe é uma das mais coerentes possibilidades”.

Por muito tempo os estudos sobre a religião pareceram pouco relevantes, ou não estratégicos para a Geografia. Isso se deve, porque durante décadas o positivismo limitou a Geografia, enquanto Ciência, a debruçar suas análises sobre a humanidade e sua relação com a natureza, não se preocupando com as relações que mantinham entre si, especialmente quando os fenômenos dessa relação tinham forte lastro na subjetividade dos valores. Sendo assim, “as relações sociais não faziam parte do pensamento geográfico positivista e naturalista” (ROSENDAHL, 1996, p. 20). Compreendemos, portanto, que a Geografia tendo por base o positivismo lógico possui um caráter prático e de aplicabilidade imediata, não interagindo com áreas que não as da natureza, o que exclui o importante diálogo entre Geografia e religião.

Conforme a sociedade se modificava, a Geografia tradicional baseada no método positivista não mais dava conta da realidade que a envolvia, os fenômenos e os processos ocorridos no espaço geográfico estavam cada vez mais complexos e necessitavam de novas formas de ver e entendê-los. Nesse contexto, a abordagem positivista foi posta em dúvida como sendo o único método capaz de analisar e compreender a realidade sócio espacial, levando-a a um movimento de renovação da Geografia, a princípio, por uma abordagem marcadamente marxista.

Esse primeiro movimento de renovação intitulado como Geografia crítica, muito embora tenha sido uma reação a neutralidade assumida pela Geografia positivista frente a questões fundamentais da sociedade acabou por negligenciar as temáticas religiosas pois “o procedimento rigorosamente materialista de análise em busca das forças que realmente moviam a sociedade, levou os geógrafos críticos à marginalizar as questões religiosas de seus estudos” (ROSENDAHL, 1996, p. 22).

Ainda durante esse movimento de renovação da Ciência geográfica uma nova abordagem surge, chamada de Geografia humanista. Inicialmente, trata e valoriza assuntos referentes ao homem e sua subjetividade, envolvendo assim seus significados, valores, anseios, práticas e propósitos e como isso interfere nas práticas socioespaciais. Nessa perspectiva, os estudos sobre religião, a partir de um enfoque geográfico dado pela Geografia humanista, se fortalecem e assumem maior grau de importância ao demonstrarem diferentes leituras do espaço geográfico (*ibid*).

O resultado, é uma corporeidade teórica na análise geográfica do aspecto religioso, que permite que os estudos dentro da Geografia analisem aspectos relacionados ao sagrado e as materializações do religioso (ritos, símbolos e crenças) espacialmente, por exemplo. Temos, portanto, campo fértil para as possibilidades de análise da religião pela Geografia em diversas escalas.

No Brasil, a Geografia da religião ou o saber geográfico sobre religião se firma sob dois vieses principais, sendo um deles o que visa o fenômeno religioso sob suas dimensões objetivas pois “busca compreender as manifestações espaciais do fenômeno religioso a partir das formas religiosas já impressas na paisagem” (PEREIRA, 2013, p. 21); e o outro, que se preocupa com as dimensões subjetivas do fenômeno religioso ao “compreender as manifestações religiosas partindo das dimensões estruturadas da religião” (*ibid*, p. 21).

Reconhecemos que a religião interage efetivamente com a tríade sociedade, tempo e espaço e que os estudos de Geografia da religião – e não a Geografia religiosa – constroem conhecimentos à respeito do fenômeno religioso e os efeitos espaciais que ocasiona.

Alguns autores ao discutir sobre a relação entre Geografia e religião em uma perspectiva histórica, afirmam que por muito tempo o que se teve foi uma *Geografia religiosa* ao invés de uma Geografia da religião, haja vista ser claramente embasada por princípios religiosos. Assim, a Geografia religiosa “explora o papel da teologia e da cosmologia na constituição do entendimento do universo” (PEREIRA, 2014, p. 44) enquanto a Geografia da religião “não busca a religião em si, mas as muitas maneiras em que ela se expressa; mostrando-a como uma instituição humana. É neste viés que se explora os impactos social, ambiental e cultural” (*ibid*, p. 44).

Ainda a respeito da relação entre Geografia e religião, um dos indicadores é que a religião, entendida como sendo um sistema unificado de crenças e práticas

relativas às coisas sagradas, que pode unificar um povo em uma comunidade moral entendida como Igreja/templo religioso (MIKLOS, 2012), pode vir a normatizar procedimentos dos homens em relação ao espaço (PEREIRA, 2013).

O homem no seu processo de adaptação com o meio marca a terra a partir de seu pensamento atribuindo sentido às realidades naturais e sobrenaturais. Deste modo **o homo faber sapiens torna-se o homo religiosus**. Em razão deste aspecto **é necessário que uma parte da Geografia Humana estude o homem sob à influência da religião, ou seja, uma Geografia das Religiões**. (GIL FILHO, 2007, p.208, *Grifos nossos*).

São, portanto, muitas as ações religiosas que compartilham de questões geográficas (GIL FILHO, 2006), pois “as experiências espaciais e as representações do espaço destes grupos religiosos se sustentam através da coesão da crença religiosa (CARVALHO, 2016, p. 03).

Ainda a respeito do conceito de religião é importante destacar que não estamos aqui resumindo seu entendimento a conceituação acima tratada. Se o fizéssemos estaríamos tornando a compreensão do conceito fechada e não associada a marcos temporais múltiplos. Compreendemos que são muitas as representações que se estendem aos conceitos (HAESBAERT, 2014), e mais ainda sobre o que seria a religião.

As possíveis relações entre Geografia e Religião nem sempre estão bem claras; mas mesmo que não evidentes, elas existem e são incontestáveis. Basta olharmos para as ações humanas e veremos as dinâmicas espaciais e religiosas entremeadas. O pesquisador ao debruçar-se sobre a religião por um viés geográfico deve explorá-la não apenas em suas dinâmicas materiais, mas sim atentar principalmente para suas dimensões mais íntimas e sutis. Ao menos é o que arrazoamos ser o papel principal da Geografia da Religião (PEREIRA, 2014, p. 23).

Em consonância ao entendimento que existe uma intrínseca relação estabelecida entre Geografia e religião, a autora Rosendahl (1996, p. 11) esclarece:

Geografia e religião são, em primeiro lugar, duas práticas sociais. O homem sempre fez geografia, mesmo que não o soubesse ou que não reconhecesse formalmente uma disciplina denominado geografia. A religião, por outro lado, sempre foi parte integrante da vida do homem, como se fosse uma necessidade sua para entender a vida. Ambas, geografia e religião, se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, a outra porque, como fenômeno cultural, ocorre espacialmente.

Os estudos sobre a Geografia da religião devem envolver, tanto sua dimensão imaterial como a material, de forma a dar sentido ao visível e concreto

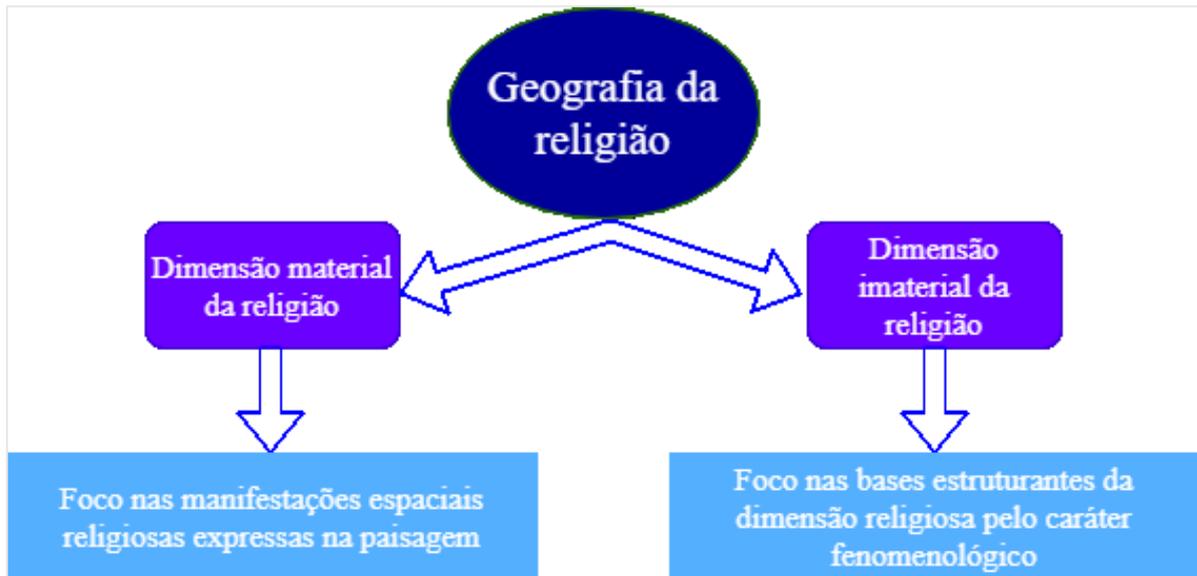
constituído no espaço geográfico. Assim, para o entendimento do fenômeno religioso e das ações que produzem e reproduzem o espaço faz-se necessário não ignorar a dimensão cultural e imaterial da religião que se comunica diretamente às formas e interações espaciais presentes no espaço geográfico.

Dessa maneira, “o fenômeno religioso deve ser visto como espaço de relações objetivas e subjetivas consubstanciadas em formas simbólicas mediadas pela religião” (PEREIRA, 2013, p. 25). Essas formas simbólicas de perceber e representar o mundo podem encaminhar-se em modos diferentes de experiências, ao estruturarem-se em mundos diferenciados (CARVALHO, 2016).

Dessa forma, é perceptível que os geógrafos pesquisadores encontraram terreno fértil no campo da Geografia da religião, devido as múltiplas potencialidades de articulação entre Geografia – com destaque para os campos culturais e urbanos - e religião na contemporaneidade. Sobre isso, a autora Rosendahl (1996) aponta que isso se dá de maneira ainda mais intensa no Brasil, pois essas esferas potencialmente férteis e ainda não conquistadas geram ânimo e instigam os geógrafos a compreenderem “o sentido que a religião dá à razão humana, bem como a vivência e a prática religiosa como caracterizadoras dos espaços geográficos” (ROSENDAHL, 1996, p. 24).

A relação entre Geografia e religião potencializa diversos estudos a partir das duas dimensões estruturantes da Geografia da religião já apontados, que dedicam as análises no fenômeno religioso sob a forma objetiva e subjetiva (Figura 04). No contexto brasileiro, muitos trabalhos e grupos de pesquisa surgem com o intento de dar conta da pluralidade que este tema remete dentro da Geografia. Dedicar-se a temática da religião, dentro da área de Geografia cultural possibilita articulação com outros campos de estudos como o da Geografia urbana, que é justamente um dos caminhos possíveis nesse trabalho.

Figura 4 – Mapa cognitivo dos campos teóricos nos estudos de Geografia da religião brasileira



Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019).

É importante esclarecer que os estudos que compõem a Geografia das religiões se dedicam sob os diferentes sistemas religiosos, tendo em vista que todas as religiões, em seus diferentes graus de dimensão organizacional, operam sob uma espacialidade existente. Sendo assim, existem estudos que trabalham com foco desde as religiões cristãs, até as de origem oriental que por efeitos de transbordamentos na articulação local-global e processos de hibridização, e globalização estão sendo manifestados em outras escalas, a incluir o território brasileiro.

A variedade temática aliada aos grupos religiosos existentes possibilita inúmeras pesquisas para os geógrafos na atualidade. Dentro desse campo fértil na Geografia, muitos estudos dialogam sobre os aspectos materiais e imateriais da religião no espaço urbano. Sendo assim, a cidade é vista como palco de ação das religiões, é um espaço condicionado e condicionante da religião.

2.2 A religião e a cidade na modernidade: discutindo a teoria da secularização e seus enfrentamentos

O novo ritmo estabelecido pelas cidades a partir dos processos de urbanização na modernidade determinam novas práticas sócio espaciais. Nessa

perspectiva, a religião em sua multiplicidade passa por transformações, e ainda, pode ver-se obrigada a assimilar novos padrões de sociabilidade e posturas condizentes ao modo de vida urbano.

O desenvolvimento das cidades no globo, durante o período moderno, esteve atrelado a diferentes concepções. Essas concepções eram marcadas em maior ou menor grau por ideias fundamentadas na racionalidade humana. Nesse período, muitos teóricos (filósofos, sociólogos por exemplo) que discutiam sobre a religião no mundo desenvolvido ocidental predestinavam um processo de autonomização da humanidade perante as crenças estabelecidas. Esse processo era reflexo de um “desencantamento” do homem pela religião. Sendo assim, previa-se que a cidade, enquanto espaço de desenvolvimento técnico e científico, portanto moderno, seria o espaço da libertação da mente humana.

Esse quadro, bastante debatido no século XX, é apresentado por alguns teóricos como o processo de secularização da sociedade. Para o entendimento desse processo, o autor Almeida (2008) esclarece que no que tange a religião, se trata de uma dessacralização do homem, impondo-lhe uma libertação dos parâmetros religiosos, de forma que sejam predominantes os pensamentos racionalistas, herdados dos períodos renascentista e iluminista.

Sendo assim, toda e qualquer orientação de valores religiosos são levados à segundo plano, pois pregava-se sobre a capacidade de autonomia do homem para orientar-se de forma ética e moral por meio de esferas não religiosas. O resultado, portanto, conforme a teoria da secularização, seria uma legitimação de poder na esfera civil e laica.

É importante explicitar que boa parte dos parâmetros morais e éticos adotados na história da humanidade estiveram ligados às religiões, que comumente não faziam distinção entre o plano religioso e o plano ético dos homens. Segundo Gaarder, Hellern, Notaker (2001), isso ocorria pois “a noção do ser humano como uma criação divina implica que ele é responsável perante ‘Deus’ por tudo o que faz, ritual, moral, social e politicamente” (p. 32). Todavia, a coexistência de várias crenças fez com que se tornasse difícil vincular os padrões éticos exclusivamente as religiões, levando as sociedades a criarem padrões morais que pudessem ser seguidos por todos, independentemente da fé que confessassem².

² Segundo Gaarder, Hellern, Notaker (2001) foram os romanos os que primeiro introduziram, de maneira sistemática, arcabouços legais morais e éticos para que os povos seguissem,

Segundo a teoria da secularização, a sociedade moderna levaria as instituições religiosas a um segundo grau de importância, tendo em vista que servir-se de uma ideologia religiosa para orientação de valores e práticas era compreendido como algo retrógrado, irracional. A secularização levada ao extremo, excluiria toda e qualquer menção ao divino e se basearia em uma concepção pura e imanente da existência humana.

Ainda a respeito da relação entre cidade e religião, conforme o pensamento secularizado moderno, a tendência era que existissem apenas cidades técnicas e racionais, definidas por suas superestruturas como tecnópolis. Todavia, temos a manifestação do sagrado ainda mais intensa na pós modernidade, presente no espaço urbano por diferentes maneiras.

Segundo Passos (2006) muitos autores que defendem o processo de secularização não teriam como explicar como crescem e se diversificam as produções religiosas, bem como as reproduções dos resíduos religiosos do passado em plenas cidades contemporâneas, algumas delas supermodernas, inegavelmente racionalizadas.

Segundo Steil (2001), a secularização da sociedade durante a modernidade não diminuiu a religião, ela apenas mudou a sua posição na organização da sociedade, e portanto, na forma com que interagia com o espaço. Segundo este autor (*ibid*) a secularização e a diversidade religiosa são dois processos historicamente associados, pois ao mesmo tempo que a sociedade moderna se organiza “a partir de instâncias seculares autônomas, como o Estado e o Mercado, os diferentes indivíduos que a compõem podem cultivar uma imensa diversidade de deuses” (*ibid*, p. 116).

A partir dessa discussão de secularização da sociedade, apresenta-se um “reencantamento” da religião pela sociedade em um contexto global por diferentes motivações na pós modernidade. Sendo assim, o quadro apresentado, que forjou o espaço urbano e a cultura moderna de diversos países no cenário mundial, propicia que o aspecto religioso assuma diferentes graus de relevância na contemporaneidade.

Entende-se que o processo de secularização na modernidade – apreendido aqui em uma perspectiva mais ampla, de dessacralização,

independentemente das suas religiões. Assim, o “direito romano se tornou a base para todos os sistemas legais subsequentes nos Estados seculares modernos” (*ibid*, p. 32)

contemplando as visões da realidade e das instituições sociais - possui desdobramentos que fazem o caminho inverso: fortalecem os aspectos religiosos e impulsionam a sua transformação/mutação.

De fato, a ideia de um *retorno do sagrado* inscreve-se na postura analítica que vê a sociedade e a cultura contemporânea como ruptura com a modernidade, como uma fase histórica, dialeticamente oposta, emergida do desgaste do processo e das promessas de racionalização. O reencantamento está para a pós-modernidade assim como o desencantamento estava para a modernidade. O crescimento dos grupos e movimentos religiosos, para além dos velhos territórios institucionais, faria parte deste processo de cansaço e revisão da modernidade. A tecnópolis voltou a ser hierópolis. A metrópole trouxe de volta os velhos deuses. (PASSOS, 2006, p. 06)

Não obstante, a teoria da secularização pensada em diversos países do mundo entra em confronto com o quadro religioso que temos na contemporaneidade, haja vista a religião corresponder a uma estrutura fundamental da existência humana, e dessa forma, nenhum contexto cultural poder anulá-la.

No cenário global, mais de 80% da população atual afirma ser de algum seguimento religioso (PEW RESEARCH CENTER, 2014). Esses dados podem aumentar ainda mais, ao serem questionados sobre serem religiosos e, portanto, não ateus. Sendo assim, vemos que a linearidade estabelecida pelo pensamento de uma sociedade secularizada a respeito de existência da religião e processos de dessacralização dos espaços na contemporaneidade não é efetivamente concretizado nos países onde esse processo ocorreu – em maior ou menor grau - tendo em vista que a participação da população nas diversas confissões religiosas não sofreu grandes declínios.

Sendo assim, nos países onde autores defendem a clássica teoria da secularização da sociedade, se discute sobre a capacidade de convívio e enfrentamento das religiões – com destaque para a cristã – em (re)afirmar-se diante da complexidade moderna seja na forma institucionalizada, seja como sentimento religioso individual e coletivo.

A assertiva de que estamos vivenciando um reencantamento do homem para com o religioso na pós-modernidade deve ser analisada em sua complexidade, e quando associado ao espaço urbano contemporâneo se faz imprescindível refletir sobre a sua capacidade em (re)encantar-se continuamente, tendo em vista a necessidade forjada pela hipermodernidade, em uma estetização da vida cotidiana,

que integra em vários aspectos as dimensões estéticos-imaginários-emocionais, se estendendo assim às religiões (LIPOVETSKY; SERROY, 2015).

Em resumo, a teoria da secularização da sociedade é de suma importância para entendermos sobre a relação da religião com a humanidade – com foco na que vivencia o espaço urbano - em países que atingiram o mais profundo estágio de modernização, como alguns países da Europa por exemplo, bem como em outros países que modernizaram-se tardiamente em contextos socioespaciais divergentes.

A análise desse processo nos possibilita levantar questões para reflexão que confrontam a linearidade nele estabelecida que “aniquila as práticas religiosas tradicionais, através de um processo de racionalização” (SILVA, 2016, p. 31). Vale atentar também as importantes consequências atreladas a secularização da sociedade, como a diversidade e pluralidade no campo religioso que se estende a muitos países, realçando a cidade e a religião como intercâmbios plurais.

2.3 A cidade e a religião na contemporaneidade: embates, diálogos e metamorfoses na constituição de uma cultura religiosa urbana

Concordamos com Eliade (1957) que a religião, enquanto uma estrutura essencial da consciência faz com que o homem profano, ainda que não queira, conserve vestígios do comportamento do homem religioso. Da mesma forma, o homem sagrado tende a possuir características do homem profano (*ibid*), e ainda, o próprio espaço sagrado se articula ao espaço profano.

O resultado evidente, é que o espaço urbano, dessacralizado na contemporaneidade tende a ser marcado pelo aspecto religioso e se comunica com ele. Portanto o espaço urbano contempla de forma expressiva a dimensão religiosa e profana. É palco da comunicação desses “dois mundos” e de seus homens.

Para um crente, a igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado (ELIADE, 1992, p. 19, *grifos nossos*).

O grau de complexidade para o entendimento da realidade religiosa no espaço urbano brasileiro é determinado por diferentes processos, que influenciam direta ou indiretamente as mutações/ adesões religiosas que ocorrem; a própria linearidade encantamento-desencantamento-reencantamento da religião associada ao processo de urbanização e secularização da sociedade não pode ser utilizada para entendimento de nossa realidade (PASSOS, 2006).

Isso ocorre pois segundo Passos (*ibid*) os processos históricos que formaram a nossa cultura rural-metropolitana e a religião popular são ocultadas pela adoção dessa teoria da secularização, tendo em vista que “a racionalização do espaço e, de certa forma, das instituições sociais e políticas, ocorrida, sobretudo, com a expansão das metrópoles não teve paralelos no âmbito da cultura e, a *fortiori*, da cultura popular” (*ibid*, p. 11).

Acreditamos que cidade e religião constituem espaços marcadamente pluralizados no contexto atual. Isso significa que estamos admitindo uma diversidade presente que legitima e possibilita uma convivência entre as diferenças. Para o entendimento desse fenômeno em nossa realidade nacional, de acordo com a professora Maristela Andrade (2002)³ o povo brasileiro é demasiadamente religioso, o que reflete em sua vivência cotidiana, na sua capacidade de expressar inúmeras formas de fé religiosa; sendo assim, são partes fundamentais do *ethos* da cultura do povo brasileiro as crenças religiosas e modos de conduta.

As raízes da religiosidade brasileira se firmaram e se firmam sob o imaginário popular ao longo do tempo, mantendo tradições e até fazendo aumentar esse universo religioso, pela inclusão de elementos e ritos de outras religiões disponíveis (*ibid*).

O Brasil viveu e vive, portanto, um encantamento religioso contínuo na história das cidades. Esse encantamento pode ligar-se na atualidade a diferentes processos como o de metropolização, em discordância ao que se prega na teoria da secularização pois “a metropolização seria o contexto propício à efetivação da teoria de secularização, pois ela traria consigo um desencantamento das práticas culturais e por consequência uma ruptura social com a religião” (SILVA, 2016, p. 31).

³ Em sua obra, reflexo de sua pesquisa de pós doutorado a autora toma o catolicismo como referência para discutir a interpenetração de crenças e ritos, que geram novas formas religiosas. A autora, discute e retoma o conceito de sincretismo, demonstrando sua operacionalidade na mistura de rituais e doutrinas religiosas, desde as católicas, africanas, protestantes e demais crenças existentes no país.

Sobre a metropolização brasileira, a autora Lencioni (2013) compreende-o como um processo que transformou e transforma intensamente o país. Em suas palavras, esse processo corresponde a uma metamorfose, pois altera rapidamente a estrutura e natureza das cidades, indo muito além das transformações em suas formas (aspectos visíveis e materiais).

A autora afirma ainda que o processo de metropolização impulsiona uma “forte difusão por todo o espaço da cultura urbana, dos valores urbanos, das normas e relações sociais dominantes na cidade” (*ibid*, p. 25). Portanto, temos embutido fortemente na instância cultural desse processo o aspecto religioso, sem dúvidas sequer. Assim, o que existe em nossa realidade nacional que se fortifica e se materializa no espaço urbano e metropolitano brasileiro é o entrelace do pré-modernidade, do moderno e do pós-moderno.

Uma importante contribuição para o entendimento da religião nas grandes cidades do Brasil por exemplo, deve-se a proporção dada a religião pelos sujeitos que vivenciam diversos problemas sociais e urbanos. A cidade que é contraditória, palco dos conflitos entre os agentes produtores do espaço é vislumbrada especialmente como *lócus* para observação de boa parte das injustiças sociais existentes (CARLOS, SOUZA, SPOSITO, 2011).

Segundo Pierucci e Prandi (1996) as religiões permitiam aos que chegavam às cidades brasileiras adaptarem-se ao novo estilo de vida, encontrando no interior dos grupos religiosos formas de solidariedade que já conheciam. Em muitas situações, esses vínculos atendiam as necessidades que se tinha de participar da vida coletiva, que se efetivava no espaço público (*ibid*).

Além disso, “as religiões farão parte do repertório diferenciado de estilos de vida na cidade” (*ibid*, p. 28), o que nos permite compreender que não existe mais uma única referência para organizar-se e viver no espaço urbano, também não existe um único modelo religioso que possua a capacidade de atribuir sentido completo a cidade, tendo em vista que o sentido secularizado da cidade é laico, profano, dessacralizado e não, o de fundamento/ ordenamento religioso (*ibid*).

O espaço urbano em sua configuração básica impele, portanto, “sob o abrigo da diversidade, da autonomia dos sujeitos e tradições, da polifonia e anomia de significados, teogonias diversas que se difundem nos processos e veículos de produção e divulgação da cultura urbana” que se forma cotidianamente (PASSOS, 2006, p. 11).

Pode-se observar, portanto, o leque de possibilidades de sentido da cidade, que nos possibilitam refletir sobre a diversidade de cultos e ritos que nelas se concretizam. No Brasil e no mundo, o crescimento das religiões no espaço urbano pode interligar o mítico e o místico à aspectos racionalizados. Sendo assim, o campo religioso é, portanto, bastante diverso pois possui inúmeras formas de expressões religiosas - institucionalizadas ou não institucionais, tradicionais e novas, dentre tantas outras características, que ocupam contextos sócio espaciais comuns, marcando um pluralismo sem limites para a diversidade.

A presença massiva da religião na cidade, uma aparente contradição, mostra bem como se constitui hoje o leque de possibilidades de sentido: a cidade não precisa mais de deus, mas, para aqueles que a própria cidade deserda e desampara, deuses de todo tipo e rito podem ser fartamente encontrados. A cada culto se agrega outro culto, até que se extravasem todas as formas de combinação capazes de responder à criatividade (...) que a cidade, em todas as esferas, incentiva, premia e dela se alimenta. (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 28, *grifos nossos*)

É no espaço urbano que o fenômeno religioso demonstra fortemente sua face multifacetada, diversa e plural. Conforme o autor Passos (2006), no passado as cidades nasciam dos deuses, atualmente os deuses que nascem das cidades como pontos sagrados dentro dos espaços profanos. Válido destacar que o mapa das habitações dos deuses é tão complexo como o espaço metropolitano haja vista os deuses serem onipresentes: se fazem presentes desde os espaços mais centrais, até os mais periféricos (PASSOS, 2006). Dessa forma, pode-se interpretar que os deuses se difundem por todo o espaço metropolitano, por meio de inúmeras confissões religiosas, desde as mais tradicionais as mais populares.

As diferentes confissões religiosas no espaço urbano corroboram na construção de uma sociedade cada vez mais multicultural⁴. Sendo assim, em um cenário nacional percebemos diferentes religiões que vão desde as originadas na Índia, as religiões orientais, religiões afrodescendentes, as religiões cristãs, dentre outras. Vale ressaltar, que em uma análise histórica, essas religiões passaram por mutações e/ou misturas de práticas religiosas, como também, sobreviveram e se

⁴ O multicultural é uma realidade que caracteriza a existência das sociedades. Conforme Hall (2006) o multicultural consiste em um termo qualitativo, usado para descrever características sociais que se apresentam dentro de qualquer sociedade, formada por diferentes sujeitos que “convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade original” (p. 50).

ressignificaram frente a emergência de signos advindos de uma cultura metropolitana.

Sendo assim, as religiões em articulação a cultura urbana existente se entrelaçam e se alimentam do passado religioso como também do presente que se impõe numa dinamicidade de continuidades e descontinuidades no espaço metropolitano. Tal quadro é reflexo do que seria então a própria cultura de uma sociedade, entendida como um processo sócio histórico que ocorre continuamente, criando e assimilando novos sentidos (WILLIAMS, 1979, *apud* SILVA 2014).

Para os autores Pierucci e Prandi (1996) as religiões proporcionam diferentes práticas que condicionam e são condicionadas pela cidade. Nessa perspectiva, cada religião se articula a seu modo na construção de espaços individuais e coletivos que refletem em uma vida religiosa nas cidades. Tais fatos podem ser facilmente percebidos em países como o Brasil, sobretudo nas grandes cidades a partir de seguimentos com maior número de adeptos (*ibid*).

Acreditamos que as cidades são, portanto, o espaço por excelência para as novas/ velhas religiões e práticas religiosas, tendo em vista as inúmeras formas de encontro entre religiosidades – cristãs e não-cristãs – e urbanidades. A cidade, não resumida a perspectiva Ocidental, de modernidade e centralidade, é considerada o marco da interação social, produzindo assim visões e estilos de vidas religiosas diferenciados e ao mesmo tempo próximos. Essa interação social, pode ser influenciada pelos processos de mediações culturais, que conforme o entendimento de Silva (2014, p. 37) “são elementos que colaboram com a produção de sentidos de um sujeito ou de uma coletividade. Seria a manifestação de crenças, costumes, sonhos, medos, presentes na cultura cotidiana”.

Para Sanchez (2009) a cidade é o espaço da multiplicidade. Essa multiplicidade aparece por meio da diversidade no campo religioso. Dessa forma, para o autor isso se constitui como “uma marca indelével da vida na cidade” (*ibid*, p. 56). Nesta perspectiva, a diversidade religiosa e a demonstração do sagrado podem ser vislumbradas através de sua materialização no espaço urbano por meio de formas e objetos religiosos como templos, igrejas, tótems, dentre outros objetos, que constituem um sistema simbólico representativo de uma identidade cultural, e também pelo movimento dos rituais e manifestações que envolvem diretamente o humano.

Nesse contexto, o templo aparece como elemento imprescindível mediante a necessidade social de cultuar uma divindade, e demarcar o espaço sagrado deste. Os núcleos urbanos foram sendo adaptados, territórios sagrados foram sendo constituídos, além de terem sido fragmentados e reorganizados. O templo aparece como um “atributo forte da conexão entre o urbano e o sagrado” (ROSENDHAL, 1996, p. 39).

Vale explicitar que a pluralidade religiosa no Brasil se instalou na virada do século XIX para o século XX haja vista a penetração de algumas religiões, crenças e seitas, fazendo com que a partir desse momento as cidades existentes se transformassem (visual e organizacionalmente) pela articulação entre as urbanidades e religiosidades presentes. Assim, acreditamos, que a cidade e a religião constituem intercâmbios plurais, que transformam o espaço geográfico e (re)criam aspectos da cultura de uma sociedade.

Nessa conjuntura, de transformação e produção do espaço urbano a partir de práticas devocionais que se materializam e constituem a paisagem urbana estão envoltas relações de poder na complexa trama de combates/ sincretismos/ convívios entre as religiosidades cristãs e não cristãs. Sendo assim, é de suma importância esse entendimento, pois o espaço geográfico constituindo um conjunto indissociável entre objetos e ações (SANTOS, 1999) sendo determinado em seu arranjo por instâncias e componentes, com destaque para a cultural-ideológica (MOREIRA, 2007).

A diversidade e o pluralismo religioso nas cidades contemporâneas aqui apresentadas, resultado do processo de secularização, pode ser marcado, também, por conflitos e disputas por fieis. Autores como Campos (1997) ao discutir sobre o crescimento com base em adeptos pelas religiões no Brasil, esclarece que boa parte das religiões assume o comportamento de “empreendimento religioso” e utiliza diferentes estratégias como o “marketing de fé” a fim de obter maior êxito no “mercado religioso”. O consumo espiritual no espaço urbano é marcado pela busca da satisfação, criando parâmetros de comparação do que as instituições religiosas podem oferecer.

Além disso, pensar a existência do religioso na cidade atual, que é cada vez mais plural, força-nos, enquanto geógrafos pesquisadores a refletir sobre territórios e territorialidades constituídos a partir da religião e das práticas religiosas. Segundo Mello (2006) as territorialidades são inerentes a cidade pois “esse espaço

é configurado por um conjunto de territorialidades que se estende desde áreas particulares às de domínio público” (MELLO, 2006, p. 18)

Sendo assim, as territorialidades religiosas podem ser vislumbradas com maior ênfase no espaço urbano, com destaque para as cidades chamadas de hierópolis. Em uma análise mais geral, concordamos com a autora Rosendahl (1996) que a religião – em todos os tempos históricos – valeu-se de sua autonomia e poder sobre os homens para controlar o espaço geográfico, a fim de torná-lo um espaço sagrado.

A religião será examinada no contexto geográfico relacionado à apropriação de determinados segmentos do espaço. Os espaços apropriados efetiva ou afetivamente são denominados territórios. Territorialidade, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos, no sentido de controlar um dado território. É nesta poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, ampliando muitas vezes o controle sobre espaços, que a religião se estrutura enquanto instituição, criando territórios seus. (ROSENDAHL, 1996, p. 58)

O autor Nogueira (2012) ao discutir sobre a pluralidade religiosa nas cidades brasileiras propõe uma discussão acerca de uma hierarquização existente. Segundo esse autor, essa hierarquização é resultado de um percurso histórico que permeou a história das religiões, se mantendo assim, na configuração espacial adotada por elas no espaço urbano. O resultado, é a constante busca por ocupar os espaços da cidade, impedindo que as religiões diferentes o façam antes (*ibid*). Conforme Gil Filho (2008) a territorialidade do sagrado surge nesse contexto como meio de controlar e gerir o espaço sagrado, devido às limitações percebidas no cenário religioso.

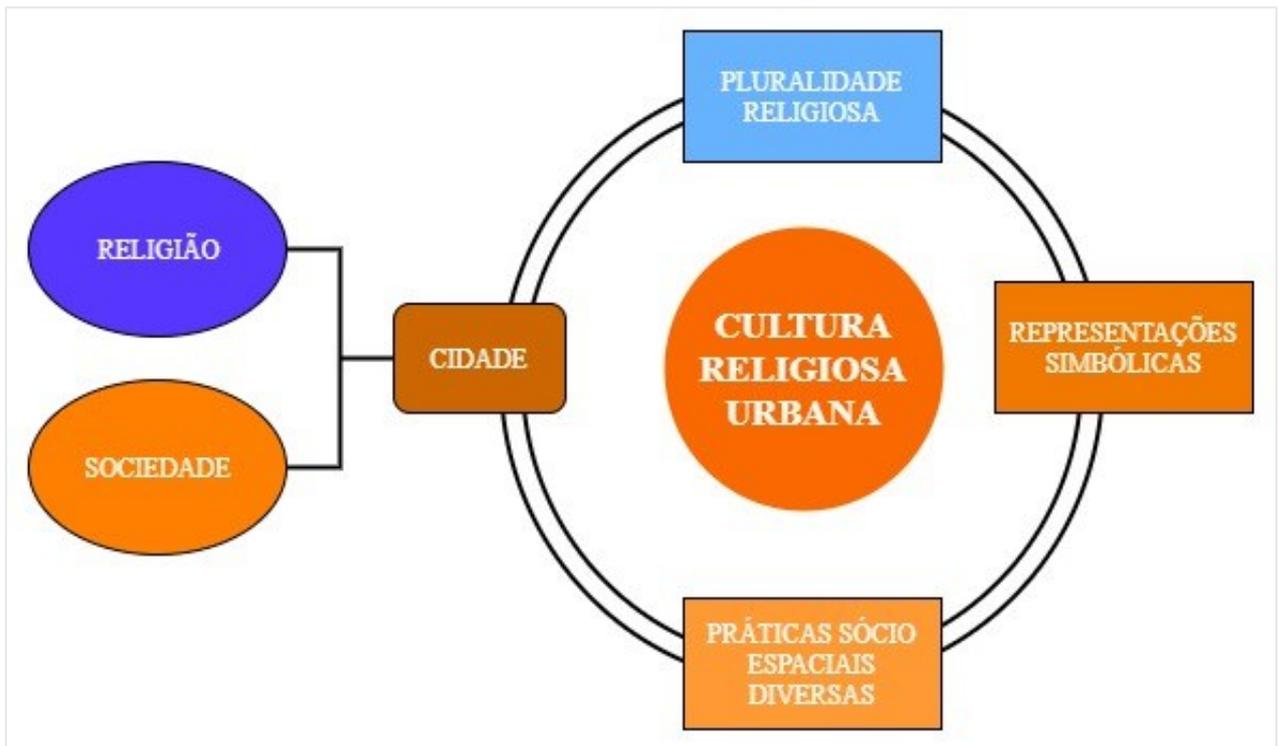
É perceptível, portanto, que a relação que as religiões estabelecem entre si e com/no espaço urbano na contemporaneidade são permeadas por diálogos, embates e metamorfoses que podem forjar elementos característicos para pensarmos a existência de uma cultura religiosa urbana, com condutas, concepções e valores condizentes ao modo de vida urbano.

Dessa forma, a cidade tende a possuir ou gestar uma cultura religiosa, marcadamente diversificada em cristianismos e não-cristianismos, com abundância paisagística e organizacional, que se concretiza pelas atitudes e vivências religiosas na cidade, ligadas à abertura para algo superior e transcendente, que dá sentido à existência desse homem urbano-religioso.

Sendo assim, a cidade enquanto lócus de destaque para o fortalecimento do modo de vida urbano (re)cria novas formas de sociabilidade/ interação social que se ligam diretamente ao aspecto religioso e constituem espaços sagrados (fixos ou efêmeros). Essa interação intensa – e a nosso ver permanente – resulta no quadro diverso e plural facilmente reconhecível no campo religioso.

Acreditamos assim, que a cultura religiosa urbana (Figura 05) é resultado da intrínseca relação que se estabelece entre sociedade e religião e suas práticas devocionais nas cidades, sendo marcada pela pluralidade religiosa que desencadeia diversas práticas e enfrentamentos sócio espaciais. Nessa teia de relações, tem-se representações simbólicas que constituem a identidade dos sujeitos que vivem e se apropriam dos espaços da cidade. Essa identidade se fortalece por meio das ideologias religiosas e o frenesi que a vida nas cidades e o modo de vida urbano proporcionam.

Figura 5 – Mapa cognitivo das interações que constituem a Cultura Religiosa urbana



Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019).

Pode-se perceber, portanto, que a cultura religiosa urbana nasce da relação estabelecida entre a sociedade e religião. Essa relação, se adensa e ganha uma nova roupagem na cidade, que apesar de marcada pelo desenvolvimento

técnico, pela racionalidade e por ideias seculares continua integrada a busca pelo divino e espiritual. Nesse contexto, a cultura religiosa urbana é diversa e plural, pois a negação “dos deuses” faz com que eles se multipliquem em associação a processos inerentes ao urbano, de forma a se fortalecerem as representações simbólicas e práticas sociais (com destaque para as devocionais).

A respeito da presença de significados simbólicos no espaço, o autor Harvey (1980) acredita que esses impactam diretamente sobre o comportamento social. Nessa perspectiva, as cidades, marcadas por uma cultura religiosa que é diversificada, possuem uma composição social bastante complexa. Essa complexidade pode ser visualizada nos hábitos cotidianos (consumo/práticas de lazer/etc.), padronização de gostos estéticos, variação na forma que os indivíduos interagem com o seu grupo social e fora deles, e que determinam diretamente a (re)produção do espaço geográfico.

Acreditamos, portanto, que a raiz religiosa, com ampla diversidade de interfaces que se articulam, presente no espaço urbano e que ínsita no fundo do espírito humano, tende continuamente a brotar, apresenta aspectos de sociabilidade, vivência e atitudes que impulsionam a criação de uma cultura religiosa no espaço urbano com continuidade possível de ser visualizada em diferentes situações.

3 “A REALIZAÇÃO DA OBRA”: A FÉ EVANGÉLICA NO BRASIL E NA RMF

As discussões que antecederam esse capítulo buscaram evidenciar como o homem conserva hábitos e valores religiosos seja em maior ou menor grau. Nesse contexto, a cidade aparece como engrenagem para a atualização moderna do mundano, provedora de aceleração e tensão dessa busca. É palco e ato cênico, em um só tempo. Dessa forma, compreendemos o espaço geográfico como condição e projeção de vivência humana e, portanto, da própria dimensão religiosa que se embasa e justifica pela busca espiritual.

Ao analisarmos a nossa realidade nacional, é possível perceber que os aspectos religiosos estiveram presentes desde os povos primitivos, marcando suas paisagens, criando símbolos e sacralizando os espaços. Boa parte das cidades que existem hoje no país são marcadas por monumentos e templos. Sobre isso, é importante esclarecer que temos a predominância e imposição de templos e igrejas de religiões cristãs, haja vista a imposição ocidental do Estado Católico Cristão, redimensionado na República, que não permitiu a diversidade religiosa, como também não foi acolhida socialmente.

A mobilidade e a pluralidade que existe no país, principalmente nas metrópoles e suas áreas de influência (regiões metropolitanas), marcam um universo religioso com características diversificadas. Isso ocorre pela possibilidade dos processos de metropolização difundirem e propiciarem a existência de culturas religiosas urbanas. Sendo assim, na conjuntura nacional e metropolitana, as religiões crescem, transformam-se ao se comunicarem ou divergirem entre si, marcando assim a nossa realidade cultural e espacial. Dessa forma, as religiões cristãs reformadas aparecem no repertório religioso que resulta em estilos de viver e modificar a cidade. Essas, ao imbricarem e fortalecerem aspectos de uma cultura urbana, (re)produzem os espaços da cidade, que comunica um mundo de símbolos (i)materiais além do “universo cristão”.

Nesse universo simbólico cristão presente nas cidades brasileiras, vemos o constante trabalho ativo e o esforço de grupos protestantes em imprimirem estilos, sejam materiais ou imateriais, sobre as cidades. As igrejas trazem consigo uma “bagagem mental, estilo de vida comportamental e um padrão arquitetônico” (SEGATO, 2007, p. 104) que criam territórios à medida que crescem em número de fiéis (*ibid*).

Torna-se fundamental, portanto, debruçar nossas atenções para o movimento evangélico, que dentro da miscelânea de religiões existente nas cidades metropolitanas tem ganhado bastante significância e visibilidade no cenário nacional (MENDONÇA, 2008). A própria concepção de viver e estar no mundo, propagada e vivenciada pelos protestantes, tem impactado e influenciado a construção de nossa realidade socioespacial na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, o objetivo desse capítulo consiste em contextualizar o crescimento do movimento evangélico na contemporaneidade urbana no país e na RMF. Para tanto, faz-se necessário iniciar nossas reflexões apresentando o que seria esse movimento, de que forma ele surgiu e em qual contexto socioespacial isso ocorreu. Seguidamente, caracterizamos em densidade esse movimento no país a partir da leitura de autores que discutem esta temática, sobretudo Mendonça (1986). A densidade do movimento e amplitude alcançada seja no país como um todo é visualizada a partir de inúmeras igrejas e ministérios, com roupagens e ações que podem ser próximos e ou distintas entre si.

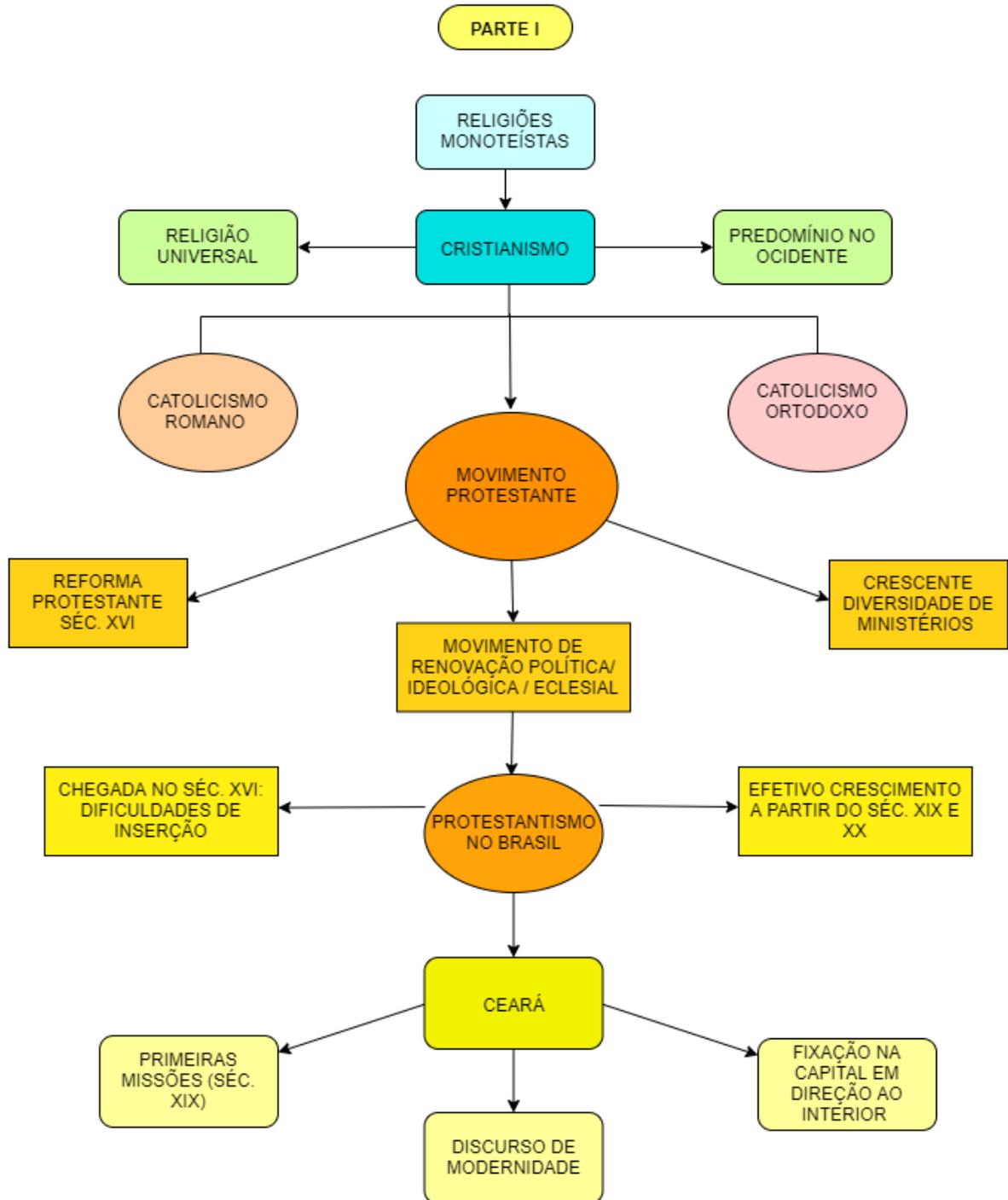
Na tentativa de contextualização do crescimento do movimento evangélico é importante refletir a respeito da expansão quantitativa (devotos, simpatizantes, praticantes, adeptos, todos enfim podem ser incluídos nessa quantificação). Algo que ocorre com maior intensidade nas cidades, colocando ainda em nossas discussões as possibilidades/dificuldades que esse movimento encontra para alcançar áreas que iniciaram processos de mutações urbanas mais recentemente.

O número de pessoas que confessam o cristianismo renovado, os evangélicos, tem crescido ao longo das últimas décadas. Um exemplo desse crescimento está contido nos últimos censos do IBGE pois no ano de 2000 a população evangélica correspondia a 17,3% da população e no censo de 2010, já chegava 25,1% da população total do país. Esse crescimento está ligado aos novos padrões culturais e urbanos que a sociedade contemporânea vivencia.

A realização “da obra” pelo movimento evangélico (referente à forma de trabalho das igrejas que rende ‘frutos ao reino’) traz à tona elementos simbólicos capazes de alterar a representação do mundo, a realidade e o próprio homem (MIKLOS, 2012). Temos mudanças significativas no espaço geográfico, seja pelas práticas que o constituem, sejam nas novas formas que nele são estabelecidas ligadas a fé protestante.

Pelo que já foi explanado, vê-se, portanto, que esse capítulo foi pensado de forma a evidenciar aspectos históricos e contemporâneos do movimento evangélico que se ligam a nossa realidade socioespacial (Figura 06)

Figura 6 – Mapa cognitivo sintetizando o percurso do capítulo





Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019).

Dessa forma, será possível evidenciar que a fé evangélica encontra significativo espaço nas cidades, com destaque para as áreas periféricas das metrópoles e as demais cidades da região metropolitana. A capacidade de (re)encantamento presente no espaço urbano e a tendência de propagação de hábitos culturais e novas formas de conceber o mundo na atualidade demonstra que o movimento evangélico encontra terreno fértil nas cidades brasileiras. Isso nos permite compreender que o movimento evangélico e as cidades possuem forças de atração constantes pela sua essência dinâmica, modernizada e em contínua pluralização.

3.1 Breve contextualização do surgimento do protestantismo no Brasil e no mundo

Autores como Oliveira (2015) afirmam que um conhecimento religioso sólido comprova a existência do multicultural, da diversidade, haja vista as necessidades do homem pelo divino. No mundo ocidental, a maior parte das crenças são monoteístas⁵, “isto é, a convicção de que existe um só deus” (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 1999, p. 22)

O Cristianismo, uma das principais religiões monoteístas e universais, é sobretudo, uma religião ocidental. A respeito da fé cristã, é notória a variedade de comunidades religiosas na contemporaneidade e sua espacialização no cenário

⁵ As ciências das religiões dividem as religiões em três grupos principais, coincidindo com os diferentes grupos da sociedade. Tem-se as religiões primais (primitivas), as religiões nacionais (históricas, mais praticadas), e as religiões mundiais (universais). As religiões universais surgidas no Oriente médio são na maior parte monoteístas, sendo criadas a partir de profetas fundadores como Jesus, Maomé e Buda (GAARDER; HELLERN; NOTAKER 1999).

internacional e nacional. Têm-se comunidades eclesiásticas com diferentes organizações, doutrinas, ordens e atitudes sociais.

Podemos dizer que a Igreja permaneceu única e indivisa até 1054, quando se divide em duas, *católica romana* e *ortodoxa*. No século XVI ocorreu a Reforma protestante, quando diversas comunidades da Igreja se levantaram em protesto contra certos aspectos da doutrina e da prática da Igreja católica. Foram elas a Igreja anglicana, a reformada e a luterana. Depois disso surgiram novas igrejas, destacando diferentes aspectos do evangelho cristão. Estas incluíam: os calvinistas, os presbiterianos, os metodistas, os batistas, os *quakers* (ou quares), os petistas etc. (GAARDER; HELLERN; NOTAKER 1999, p. 193)

A respeito da divisão da Igreja cristã, o autor Dunstan (1964) afirma que “o protestantismo é uma das três divisões principais da Igreja Cristã universal, formando, em conjunto com a Igreja Católica Romana e as Igrejas Ortodoxas, uma religião mundial” (DUNSTAN, 1964, p. 07). O marco que deu origem ao protestantismo, entendido como movimento religioso de dissidência foi a reforma protestante, conhecida como:

[...] movimento de renovação evangélica que surgiu na Alemanha, nos anos vinte do século XVI, capitaneada pela obra do monge agostiniano Martinho Lutero (1483-1546). O termo Reforma Protestante marcadamente denota o período compreendido entre 1517 (data tradicional da afixação das 95 teses de Lutero) e a morte do teólogo João Calvino (1509-1564), englobando assim o pensamento e a obra de outros reformadores clássicos. (PEREIRA, 2014, p. 169)

A reforma protestante equivaleu tanto a um movimento de renovação como também de protesto a igreja católica que englobava suas práticas e doutrinas. As comunidades de igrejas que se opuseram e fortaleceram esse movimento foram, inicialmente, “a igreja anglicana, a reformada e a luterana. Depois disso surgiram novas igrejas, destacando diferentes aspectos do evangelho cristão. Estas incluíam: os calvinistas, os presbiterianos, os metodistas, os batistas, os quakers (ou quares), os pietistas” dentre outras (GAARDER; HELLERN; NOTAKER 1999, p. 194).

Os autores Oscar d’Alva e Souza Filho (2011) discutem a reforma protestante como um movimento político e ideológico sob formulação religiosa, que representou “um conjunto de forças sociais e econômicas em expansão da classe burguesa colonizadora que necessitava assumir um papel expansionista de seu poder na Europa e no mundo, com reflexos ideológicos e militares” (*ibid*, p. 29).

Dessa forma, compreendemos que a chamada Reforma Protestante, como um plano de renovação eclesiástica, ocasionou não apenas mudanças na

esfera religiosa existente, cuja realidade era marcada pela hegemonia da Igreja católica, como também na esfera política, devido ao quadro de intensa insatisfação com o poder exercido pelo papa no mundo. O surgimento de inúmeras comunidades eclesiais nesse período foi motivado pela necessidade de mudança seja na dimensão organizacional da Igreja, seja pelas críticas à doutrina e as suas orientações perante a fé; e ainda, por causas de outras instâncias sociais e políticas naquele período (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 1999).

O autor Dunstan (1964), ao narrar a história do protestantismo, bem como sua chegada em outros países por meio das chamadas missões evangélicas, esclarece que o protestantismo é forçado a existir em variados grupos a que está ligado. O avanço deste, ainda durante o período da reforma, se deu de maneira diferenciada, em um prazo de tempo relativamente curto nos países da Europa.

As primeiras missões protestantes⁶ eram vistas como necessidades básicas a manutenção das igrejas reformadas, e ligava-se ao entendimento que elas tinham sobre sua própria natureza pois “uma Igreja que se visse como um agrupamento de pessoas redimidas pela ação de Deus, no seio de uma humanidade perdida, veria a sua obrigação missionária de um ponto de vista consentâneo com a sua natureza essencial” (DUNSTAN, 1964, p. 137).

É importante explicitar que esse movimento missionário, que desencadeou diversas mudanças socioespaciais, se inicia efetivamente no século XVIII, pois as igrejas da reforma eram igrejas nacionais e se viam com responsabilidades limitadas, que não ultrapassavam as fronteiras das nações que se estabeleceram. Somado a isso, as igrejas protestantes acreditavam ainda na teoria de que como a obra das missões “era assunto de Deus, não competia aos seres humanos intervir nela” (DUNSTAN, 1964, p. 139).

A respeito do protestantismo, Pereira (2014) esclarece que existem muitas divisões no meio evangélico, centenas de organizações separadas, tendo algumas que se recusam a manter qualquer espécie de relações umas com as outras (*ibid*). Este cenário é resultado do que a própria reforma significou, marcada pelos princípios da liberdade e responsabilidade, e que, segundo teóricos como Amaral (1934 *apud* MENDONÇA, 2007) propiciou o “despedaçamento do corpo de

⁶ Foi William Carey quem realmente “pôs o movimento missionário em atividade” (DUNSTAN, 1964, p. 139) ao fundar em 1792 a chamada Sociedade Missionária Batista e ir até a Índia, fazendo com que o Cristianismo organizado iniciasse “a moderna conquista do mundo” e declarasse seu caráter internacional (*ibid*).

Cristo” haja vista impedir a centralização absoluta do poder como na Igreja católica romana (*ibid*). Assim, vemos surgir desde o tempo pretérito uma gama de ministérios, que interpretam a Bíblia de diferentes maneiras e assumem diferentes posturas eclesiais.

São inúmeras as denominações evangélicas em todo o cenário mundial, que contam com diferentes credos que influenciam diretamente aos hábitos e práticas cotidianas das sociedades em que se estabelecem. Esses “ministérios” (como são chamados os serviços e atividades de uma congregação de fé) seguem uma variedade de práticas que os fazem parecer distintos entre si e ao mesmo tempo semelhantes. Sobre isso o autor Moraes (2010) afirma também que o que existe é uma miscelânea de concepções entre as vertentes do protestantismo, com componentes que podem ser bastante próximos e que transformam a cultura existente.

No que tange a inserção e atuação do movimento evangélico no Brasil, o historiador Robério Souza (2008) esclarece que os protestantes que estiveram no país durante o início do século XVI e XVII pouco contribuíram na concepção e prática religiosa da sociedade colonial. Segundo o mesmo autor, as práticas e ações dos protestantes que aqui chegaram nesse período – com destaque para holandeses e franceses – serviram apenas para identificar o “protestante como invasor” (*ibid*, p. 08).

A dificuldade do protestantismo em adentrar o país durante o alvorecer do século XIX é resultado da ação da Coroa Portuguesa (assumidamente católica), que proibia, na maioria dos casos, a entrada de nações estrangeiras. Sendo assim, era quase impossível que a fé cristã reformada encontrasse espaço para se expandir no país. Mesmo na sociedade portuguesa a fé protestante não se ampliava em número de adeptos.

Segundo o autor Souza (2008), para os missionários protestantes estava difícil adentrar no Brasil, até “mesmo livros protestantes aqui não chegavam, provavelmente nem sequer eram procurados” (p. 08). A influência da chamada Contra-Reforma, que foi liderada pela Companhia de Jesus “varrera o protestantismo até da curiosidade portuguesa. As bibliotecas dos ‘ilustrados’ lusitanos, se acaso deram lugar ao pensamento reformado foi apenas em sua forma filosófica” (*ibid* p. 08).

A mudança dessa realidade só foi possível devida a chegada da família real no país em 1808, marcando o início de novas relações entre as nações, resultando na abertura de portos e de suas fronteiras às nações consideradas amigas. Sendo assim, foi durante esse período que os protestantes puderam adentrar em nosso país de maneira efetiva.

A partir daquele momento, os protestantes conseguiram maior espaço e visibilidade no país, devido a permissão de realizarem cerimônias religiosas não católicas no território nacional, o que acabou motivando novos movimentos missionários protestantes a se estabelecerem no país. Para que os cultos/encontros protestantes fossem realizados, era necessário “terem foro particular e de serem celebradas em locais de arquitetura semelhante a casas residenciais” (*ibid*, p. 08).

Os grupos de missões evangélicas protestantes que chegavam no Brasil em meados do século XIX, eram, de acordo com Gonçalves (2011), um fenômeno ainda bastante discreto, e em algumas situações se remetia apenas ao interesse de venda de bíblias, como no caso das igrejas advindas dos Estados Unidos da América (EUA).

As primeiras incursões protestantes para o Brasil se deu pelos protestantes tradicionais, no movimento de imigração e missão, que representava a raiz embrionária das chamadas redes de “internacionalização primária (missionários) e secundária (templos) no final do século XIX e início do século XX” (SENHORAS; SANTOS; CRUZ, 2016)

As missões protestantes que vieram para o Brasil cumpriam a necessidade que as igrejas reformadas tinham de expandir o movimento para outras nações (*ibid*). Segundo estes autores, o protestantismo brasileiro em termos de surgimento e difusão se deu de maneira até certo ponto lenta, caracterizada pelo forte ecletismo teológico, metodológico e organizacional.

Foi apenas a partir do final do século XIX para o XX que o protestantismo encontra abertura para ser reconhecido no direito de se firmar no país, através de igrejas entendidas como históricas⁷ (tradicionais/não pentecostais) (MENDONÇA,

⁷ O autor Mendonça (1986) ao traçar referências para as tipologias do protestantismo brasileiro classifica o “protestantismo de missão” e o “protestantismo de migração” em Igrejas protestantes históricas. Segundo Giumbelli (2001) as igrejas tradicionais “têm suas diferenças expressas em termos teológicos, em posicionamentos políticos, em tipos de governo eclesial, em perfis de adeptos e em graus de abertura ecumênica” (p. 92).

2008⁸). Segundo Mcgrath e Marks (2004 *apud* PEREIRA 2014) as igrejas históricas⁹ são as igrejas ou denominações que foram originadas durante a Reforma protestante, e ainda, as que surgiram em contexto próximo por sua inspiração.

É importante ressaltar que a chegada das chamadas Igrejas tradicionais no Brasil correspondia ao cumprimento de um projeto evangelizador, que segundo Martins e Cardoso (2009) era também expansionista e civilizatório, e objetivava alcançar todas as sociedades. Essas igrejas ao chegar no Brasil utilizaram diferentes técnicas e conhecimentos de cunho evangélico, que já haviam sido empregadas em outros países (*ibid*).

A respeito da chegada da fé protestante no Ceará, foi a partir das ações de um casal, advindos de um centro missionário presbiteriano estadunidense, que se chamavam De Lacey e Mary Wardlaw que o movimento protestante deu seus primeiros passos de fixação no estado. Sobre o centro missionário em questão *Board of Nashville da Southern Presbyterian Church* milhares de evangelistas chegaram a América Latina a fim de expandir a fé protestante. Sobre sua atuação o autor Souza explicita:

Com o pretensioso objetivo de não apenas conseguir adeptos, mas de ocupar o posto de religião hegemônica que, havia mais de quatrocentos anos, pertencia ao catolicismo, a Missão Presbiteriana fez uso de uma mensagem que valorizava a fé protestante como elemento imperativo para o desenvolvimento de uma civilização moderna e depreciativa a fé católica, acusando-a de ser fonte de atraso e superstição. Em outros termos, apropriando-se da metáfora iluminista, o protestantismo aparecia como a LUZ e o catolicismo como as TREVAS (SOUZA, 2008, p. 09 a 10).

A estratégia desenvolvida pelos missionários presbiterianos alcançou os primeiros cearenses, sejam profissionais liberais, funcionários públicos dentre outros, que queriam uma transformação da realidade por eles vivenciadas, haja vista estarem insatisfeitos com a estrutura marcadamente hierarquizada da sociedade imperial e da atuação da Igreja Católica que fortalecia a realidade existente. Posteriormente, surgiu em 1892 a Igreja Presbiteriana de Fortaleza (IPF), a “primeira instituição de confissão protestante oficialmente organizada no Estado do Ceará” (*ibid*, p. 11). Até o final do século, a obra dessa Igreja ficou restrita a cidade de

⁸ O trabalho de Antônio Gouvêa Mendonça representa uma importante introdução ao estudo do pensamento do movimento protestante, relacionando sociedade brasileira e forma de compreensão e assimilação do protestantismo, inicialmente histórico.

⁹ O autor Pereira (2014) trabalha em sua tese a Geografia da religião sob a ótica da constituição do espaço sagrado protestante da tradição Batista, uma das primeiras Igrejas no contexto da reforma que representa uma das principais potências do Protestantismo no mundo hodierno.

Fortaleza, se estabelecendo posteriormente em Baturité e outras cidades no século seguinte.

O século XX foi marcado pela criação de novos ministérios, que se direcionavam da capital do estado ao interior. É válido ressaltar, que o surgimento de comunidades de confissões evangélicas deu-se em meio a espaços de intensas tradições católicas no interior do estado. Na maioria das situações, houve apropriação de elementos dessa fé de forma que novas práticas sociais surgissem e reconstruíssem o cotidiano dos habitantes das cidades – de maior ou menor grau de desenvolvimento - do estado (*ibid*).

3.2 Crescimento e densidade do movimento evangélico no país e na RMF.

Ao falarmos de crescimento do movimento evangélicos, estamos nos dispondo a discutir sobre aspectos quantitativos e qualitativos que o caracterizam no país e na RMF. No que tange ao aspecto quantitativo, uma breve demonstração do *boom* evangélico no país é feita a partir de uma análise de censos do IBGE. Todavia, é importante atentar que esse crescimento quantitativo, que está ligado a mudança de religião nos censos não significa uma efetiva mudança de hábitos e comportamentos culturais, tendo em vista que as religiões cristãs e não cristãs de uma maneira geral, por exemplo, podem possuir aspectos semelhantes entre si em relação ao modo de vida urbano operante.

Se entendermos unicamente o crescimento de evangélicos, de forma que a mudança confessional (de igreja, de adesão institucional) seja religiosa, cairemos no discurso midiático convencional haja vista não termos mutação social significativa se apenas se há mudança de instituição.

O outro aspecto que será aqui apresentado, faz menção a densidade do movimento evangélico, que varia suas características a depender dos ministérios existentes. Cada ministério pode ser alocado em um grupo, com características que variam desde concepções teológicas adotadas à práticas e ritos por exemplo. Essa discussão contribui com a pesquisa haja vista existir uma variedade de igrejas evangélicas no país e na RMF que se alocam nessas frentes do movimento evangélico. É bastante comum por exemplo, termos concentrações de igrejas evangélicas em um mesmo recorte espacial com características diferentes que vão desde sua dimensão organizacional à forma com que tratam a doutrina cristã. É

válido ressaltar que seria um importante avanço a criação de uma nítida tipologia geográfica das igrejas evangélicas, em que deixamos aqui nossas futuras ambições.

3.2.1 Densidade do movimento protestante

Ao estudarmos e analisarmos profundamente o movimento evangélico na contemporaneidade, vemos o quão denso e heterogêneo ele se constitui. Essa densidade pode resultar em diferentes tipologias de cunho sociológico e/ou religioso, que variam conforme os autores. É importante explicitar que ainda não existe uma tipologia geográfica para essas vertentes, o que nos leva a apropriação de tipologias traçadas em outras áreas de conhecimento.

A tipologia proposta por Mendonça (1989; 1990) a respeito do protestantismo, que contém uma crítica religiosa e um enfoque sociológico, possui como critério base o genealógico, que busca classificar “famílias de igrejas”. Assim, essas “famílias” são diferenciadas em virtude da base teológica, de posicionamentos políticos, perfil de fiéis, dentre outros. Em virtude de suas características, as igrejas podem ser alocadas em dois grupos principais, sendo eles: Igrejas Históricas e Igrejas Pentecostais. É importante destacar que antes mesmo da dissidência do Pentecostalismo, o autor reconhecia este como seita segundo as formulações sociológicas clássicas. Posteriormente a essa colocação tem-se o reconhecimento dessa nova tipologia chamada pentecostalismo.

Bittencourt (1994) também se propõe em pensar uma tipologia para o movimento protestante. Essa, corrobora com os parâmetros classificatórios pensados inicialmente por Mendonça. Uma atenção maior é dada aos grupos pentecostais, agora divididos em dois grupos: clássicos e autônomos. Tem-se ainda uma nova agregação em sua tipologia, chamada Neodenominacionalismo, que corresponde a algumas igrejas mais recentes e que não se definem como tradicionais nem como pentecostais.

A partir dessas tipologias e de nossas análises reconhecemos que existem três categorias principais de Igrejas evangélicas no Brasil: Igrejas Históricas, Igrejas Pentecostais e ainda, como dissidência do Pentecostalismo temos as chamadas Igrejas Neopentecostais.

No Brasil, muitas são as denominações evangélicas que se dispersam nestes grupos apontados anteriormente. Destacamos o crescimento de fiéis na nova

vertente apontada como Neopentecostalismo (uma dissidência do pentecostalismo protestante brasileiro). Segundo Mariano (1999) podemos classificar igrejas evangélicas como neopentecostais no subcampo pentecostal brasileiro devido as novas posturas adotadas e as tendências que tendem a aproximar a igreja do mundo, com práticas que são extensivas ao templo/igreja.

Para entender essa densidade do movimento evangélico é preciso ressaltar de antemão que tanto o pentecostalismo como o neopentecostalismo são movimentos protestantes, porém com características diferentes do protestantismo histórico surgido na Europa. Como forma de alcançarmos um maior entendimento a respeito das Igrejas evangélicas vislumbradas no Brasil e alguns aspectos relacionados a sua historicidade, temos o seguinte quadro:

Quadro 2 – Aspectos gerais dos grupos protestantes

	Igrejas Históricas	Igrejas Pentecostais	Igrejas neopentecostais
Origem	Período da reforma ou após reforma protestante (séc. XVI e XVI), nos países da Europa.	Século XIX, nos Estados Unidos.	Década de 1970 como dissidência do movimento pentecostal brasileiro.
Abrangência	Europa e demais continentes.	EUA, Europa, e Países da América Latina como Brasil e Chile.	Contexto nacional.
Organização interna	Congregações independentes, com formas bastante igualitárias de organização eclesiástica.	Comando hierárquico.	Comando hierárquico.
Fundamentos Bíblicos	Bíblia e Credo apostólico.	Bíblia.	Bíblia.
Algumas Denominações	Igrejas Batista, Episcopal, Luterana, Metodista e Presbiteriana Independente, dentre outras.	Assembleia de Deus, O Brasil para Cristo, Congregação Cristã no Brasil, Deus é Amor e Renascer em Cristo.	Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Igreja Internacional da Graça de Deus e Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra.

Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019).

O neopentecostalismo difere-se do movimento pentecostal, ao romper com algumas características deste movimento, como por exemplo, as normas rígidas de vestimenta, aparência e comportamentos; os cultos tornam-se mais adivados com a inserção de aplausos, danças e hinos mais “fervorosos”. Surgem

também novas teologias, que correspondem a atitudes sociais do viver a fé cristã, que visam uma maior prosperidade aqui na terra, tendo em vista que no movimento pentecostal todas as riquezas estavam no céu.

Segundo Miklos (2012, p. 49) “o discurso da Teologia da prosperidade, alinhado aos valores de mercado, enfatiza a posse de bens materiais. A pobreza é obra do maligno, e estar com Deus é livrar-se dela” o que difere da concepção de boa parte dos pentecostais que adotam a teologia da libertação, que “se coloca numa perspectiva popular libertária, cuja principal missão histórica é a construção do reino ao lado do povo sofredor e oprimido” (MIKLOS, 2012, p. 49).

Ainda que se tenha um rompimento em determinadas práticas, existe uma aproximação entre o pentecostalismo e o neopentecostalismo brasileiro, pois:

Constituem, em suas mensagens e liturgias, adaptações a determinadas circunstâncias sociais ou traços da mentalidade popular. Desse modo, suas características institucionais não podem ser dissociadas das razões de seu êxito em ganhar novos adeptos de forma bastante aproximada. (GIUMBELLI, p. 87, 2001).

As igrejas que fazem parte do neopentecostalismo cresceram rapidamente no Brasil, impulsionadas pela Igreja Universal do Reino de Deus – IURD. Para Santos (2015) a igreja Universal do Reino de Deus surge como marco inicial do movimento neopentecostal no Brasil, que nasce em meados da década de 70, impulsionando a criação de igrejas em padrões e características de práticas semelhantes.

Dentro das ciências sociais muitos são os estudos que se dedicam em entender o pentecostalismo no Brasil. Um dos estudos que mais se destaca divide-o em três períodos, que acabam fazendo uma caracterização desse ao longo do tempo no país. Veja o quadro 3 com os períodos do pentecostalismo:

Quadro 3 – Períodos que caracterizam o Pentecostalismo no Brasil

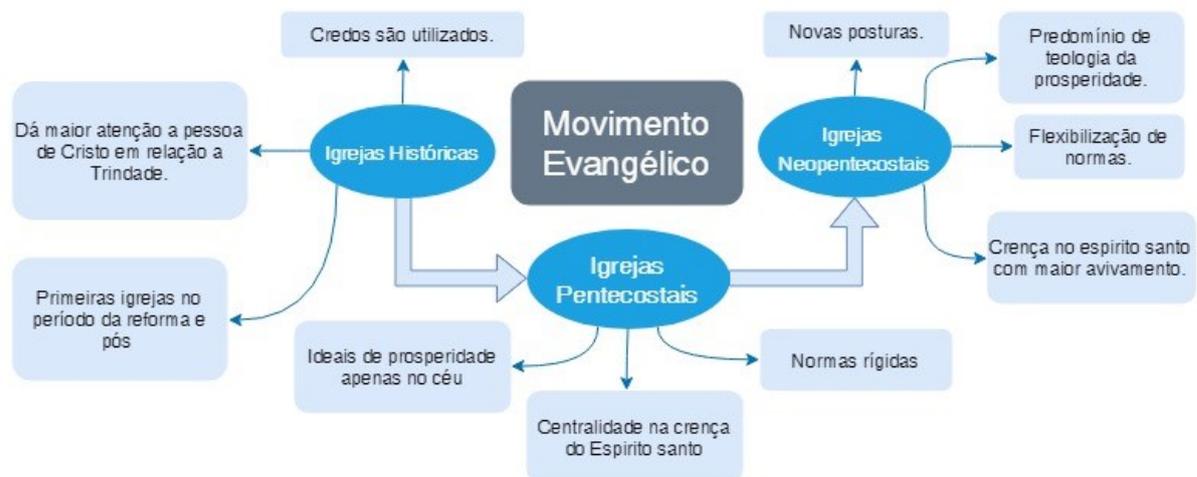
Períodos	Caracterização
Pentecostalismo Clássico	<p>Se estabelece com o surgimento da Congregação Cristã do Brasil (1910) e da Assembleia de Deus (1911). Essas davam uma grande ênfase a apenas os dons de línguas estranhas. Desde o início já se caracterizavam pela forte oposição ao catolicismo, e sua conduta ascética.</p> <p>Exemplos: Congregação Cristã no Brasil, Metodista.</p>

<p>Pentecostalismo Neoclássico</p>	<p>Inicia-se no Brasil na década de 1950, com a chegada dos missionários norte-americanos Harold Williams e Raymond Botright. Acreditam no batismo do espírito Santo pelo falar em línguas e em outras manifestações divinas. Outras características de destaque nesse período são marcadas pelo uso do rádio e as tendas de lona, para difusão e maior alcance de público. Surgem nessa onda igrejas como Evangelho Quadrangular (1953); O Brasil para Cristo (1956) e Deus é amor (1961), dentre outras.</p> <p>Exemplos: Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), Igreja Brasil Para Cristo, Deus é amor.</p>
<p>Neopentecostalismo</p>	<p>Início na década de 1970, cujos líderes são, em sua maioria líderes nacionais. A igreja que marca fortemente esse período no país é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Essas igrejas utilizam bastante a mídia eletrônica, chamada de “televangelismo” e os meios de comunicação em massa em geral.</p> <p>Exemplos: IURD, Assembleias.</p>

Fonte: Sousa; Magalhães (2002). Adaptação da autora.

Assim, é possível ver o quão denso é o movimento evangélico no país. A vertente Pentecostal que deu origem a Neopentecostal possui variações, conforme o período em que se desenvolvem. É evidente, que dentro do movimento evangélico possam existir características semelhantes ou distintas entre elas (Figura 07).

Figura 7 – Mapa cognitivo das características das principais vertentes do Movimento evangélico brasileiro



Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva. Organização MACROMAPAS (2019).

Acima, é possível visualizar as características (em proximidade e distanciamento) das vertentes do movimento evangélico apontadas. As igrejas reformadas históricas, precursoras do movimento, possuem uma postura mais tradicional e centrada em Cristo, marcada ainda por credos. As igrejas pentecostais, surgidas dentro da vertente histórica, reformulam-se pela necessidade em ter um maior avivamento da igreja, sendo esta a principal diferença entre elas e as históricas. Por fim, com o movimento neopentecostal temos o surgimento de novas teologias (com destaque para a da prosperidade), que resultou em novas práticas religiosas nesta vertente.

O crescimento das Igrejas evangélicas no Brasil, alocadas nas três vertentes caracterizadas anteriormente, se dá de maneira diferenciada nas regiões brasileiras. Isso ocorre porque as condições socioespaciais e a própria dimensão organizacional e forma de atuação das igrejas criam fatores determinantes para o crescimento e permanência dos ministérios e congregações em diferentes áreas e localidades.

3.2.2 Quadro religioso no Brasil e na RMF: um olhar sobre o movimento evangélico

Ao analisarmos o censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vemos a adesão da população brasileira frente as diversas religiões. Tal pesquisa nos permite ter um panorama de dados correspondente as diversas religiões, permitindo a avaliação das tendências internas e mais relevantes ocorrentes no país.

Ressaltamos aqui que foi a partir de 1940 que os recenseamentos passaram a ser feitos com maior rigor no nosso país, todavia, é importante destacar a não visibilidade ou inibição de determinadas confissões religiosas ou grupos minoritários. Ainda a respeito da disponibilidade de informações e dados estatísticos, algumas Igrejas também apresentam determinados dados, porém, segundo Hortal (1991) corre-se o risco do número de membros/fieis ter sido aumentado desmesuradamente e prejudicar notadamente as pesquisas realizadas.

A respeito do panorama religioso brasileiro, segundo dados disponibilizados pelo IBGE em 1872, cerca 97,93% da população brasileira declarava-se católica. Já em 1890 esse dado havia sido reduzido para cerca de

98,92% de adeptos. Segundo dados de recenseamento, em 1940 cerca de 95,01% da população brasileira era católica; no ano de 1950 o número era de 93,48%; em 1960 um total de 93,07%; e na década de 1980 cerca de 88,96% de população católica. Em 1991, 82,96% da população era católica e em 2000 o país tinha um percentual de 73,57%.

Embora o catolicismo persista sendo majoritário na população brasileira, observou-se uma contínua tendência histórica ao longo do século XX de declínio proporcional em razão da conformação de uma maior diversidade religiosa reflexiva à nova dimensão territorial urbana do país, uma vez que houve, tanto, avanço concentrado do protestantismo pentecostal e suas derivações neopentecostal e celular, quanto, avanço marginal do ateísmo, do espiritismo e outras religiões (SENHORAS; SANTOS; CRUZ, 2016, p. 140).

Dessa forma, nota-se uma diminuição percentual de católicos no país, dando margem a ascensão de outras religiões como o protestantismo. Essa diminuição do catolicismo foi, portanto, constante desde o século XIX, com maior acentuação pós década de 1990, período em que houve um intenso crescimento dos grupos evangélicos pentecostais, que atuavam com forte proselitismo.

Outros fenômenos também podem ser elencados de forma a determinar essa diminuição de católicos e o crescimento de protestantes/Evangélicos no Brasil durante o século XX. Temos uma teia complexa de inter-relações, envolvendo fenômenos socioespaciais que vão desde a urbanização do país, às chamadas migrações internas, e ainda, a própria ascensão e impacto da mídia (MIKLOS, 2012). Percebe-se, portanto, que o crescimento do movimento evangélico ocorre em consonância a fenômenos socioespaciais diversos.

No que tange o censo do IBGE de 2010, temos uma amostra bastante clara a respeito da constância do crescimento de evangélicos no país. O censo demonstra, portanto, que os evangélicos em suas inúmeras frentes são o grupo que mais crescem. Muito embora o Brasil seja um país predominantemente católico, é evidente o crescimento dos evangélicos e outras filiações não cristãs.

Ressaltamos ainda o aumento da pluralidade religiosa no Brasil, e, portanto, nas cidades durante século XXI. Veja abaixo os principais dados sobre a filiação religiosa da população brasileira nos últimos censos:

Tabela 01 – Distribuição percentual da população, por grupos de religião - Brasil - 2000/2010.

Grupos de religião	2000	2010
Católicos romanos	73,7%	65,0%
Evangélicos pentecostais e neopentecostais	10,4%	13,4%
Evangélicos não determinados	1,0%	4,9%
Evangélicos de Missão (Tradicionais)	4,1%	4,0%
Umbandistas e candomblecistas	0,3%	-
Espiritas	1,3%	2,0 %
Outras religiosidades	1,8%	2,7%
Sem religião	7,4%	8,0%
Total	100%	100%

Fonte: Censos do IBGE (2000, 2010). Elaboração da autora.

A respeito da tabela acima, não há dúvida, portanto, que a conversão a fé evangélica continua em expansão no Brasil, embora menor do que possa parecer à primeira vista. É importante analisar ainda que nos últimos censos o número de fiéis nas igrejas de Missão (Históricas) diminuiu – com exceção dos batistas (PEREIRA, 2014), e que, por outro lado, tem-se uma crescente pentecostalização das igrejas protestante. É importante atentar ainda que o número de evangélicos não determinados foi o que obteve maior crescimento, quase cinco vezes a mais do correspondente ao censo passado. Em contrapartida ao crescimento de evangélicos no país, há uma diminuição das religiões afro-brasileiras gerando algumas discussões no campo da Geografia - que não serão apontadas aqui pois não é o nosso foco.

Tais dados apenas confirmam a ideia apresentada por Camargo (1973) ao analisar os censos de 1940 a 1960, de que haveria uma transição religiosa no país, e que se consolidou no século seguinte. Segundo o autor Silva (2017, p. 149), essa mudança, determinada pela constante perda por parte da religião tradicional no país, pode ocasionar uma “tensão entre o poder simbólico hegemônico (católico) e o capital simbólico emergente (evangélico)”.

Vale esclarecer que o crescimento do movimento evangélico em número de adeptos variou com maior ou menor grau de intensidade dependendo da região do país. Observe os dados sobre os grupos de religião da população por regiões brasileiras, retirados dos últimos censos:

Quadro 4 – Distribuição percentual da população, por grupos de religião – Regiões do Brasil - 2000/2010.

Grupos de religião	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Católica Apostólica Romana	71,3	60,6	79,9	72,2	69,2	59,5	77,4	70,1	69,1	59,6
Evangélicas de Missão	4,3	4,8	2,9	3,4	4,3	3,9	5,7	5	4,2	4,1
Evangélicas de origem pentecostal	14,4	20,1	6,9	10,1	12	14,3	8,7	10,9	13,4	16,6
Evangélica não determinada	1,1	3,6	0,5	2,9	1,2	6,3	0,9	4,3	1,3	6,1
Espírita	0,4	0,5	0,6	0,8	2	3,1	1,2	2	1,9	2,3
Umbanda e Candomblé	0	0,1	0,1	0,2	0,4	0,4	0,5	0,6	0,1	0,1
Sem religião	6,6	7,1	7,7	8,3	8,4	9	3,9	4,8	7,8	8,4
Outras religiosidades	1,7	2,5	1,3	2	2,2	3,4	1,5	2,2	2	2,7
Não sabe/não declarou	0,2	0,1	0,2	0,1	0,3	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1

Fonte: Censos do IBGE (2000, 2010). Elaboração da autora.

A partir do quadro acima é possível notar que o contingente populacional de pessoas que se consideram católicos reduziu em todas as regiões do país. Conforme os dados acima, a região que demonstrou maior crescimento de evangélicos foi a região Norte, sendo ela também a que tem o maior número de protestantes: 28,5% de sua população.

Embora a região Nordeste tenha tido um importante crescimento de evangélicos perceptíveis nas cidades de uma década para outra, ultrapassando o da Região Sul, o contingente populacional de evangélicos registrado no censo de 2010 é ainda o menor de todas as regiões: Norte com 28,5%; Sudeste com 24,6%; Sul com 20,2%; Centro Oeste com 26,8% e por fim o Nordeste, com apenas 16,4% da sua população considerada evangélica.

No Ceará, o crescimento de evangélicos também se deu de maneira mais lenta. Segundo Camurça (2000) essa dificuldade encontrada pelos evangélicos em ampliar os fiéis em estados do Nordeste como no Ceará, em áreas mais ruralizadas, é por conta da cultura do povo, que está intimamente ligada as estruturas simbólicas do catolicismo, que se manteve por muito tempo como uma tradição, e não uma opção para conversão. Isso também nos permite entender que o catolicismo está presente nas territorialidades comunitárias, hierárquicas desses espaços rurais.

Frente a essa dificuldade, o crescimento evangélico no Ceará - ainda que mais tímido em números - é semelhante ao do Brasil no que tange ao predomínio de pentecostais. Veja abaixo, os dados retirados do censo de 2010.

Quadro 5 – Percentual de Grupos por religião no Ceará

Grupos de Religião	Valor absoluto	Valor Percentual
Católica Apostólica Romana	6663512	78,84
Católica Apostólica Brasileira	24262	0,29
Católica Ortodoxa	4928	0,06
Evangélicas de Missão	137390	1,63
Evangélicas de origem pentecostal	825592	9,77
Evangélica não determinada	273453	3,24
Outras religiosidades cristãs	13641	0,16
Espiritualista	592	0,01
Umbanda e Candomblé	8624	0,1
Outras declarações de religiosidades afro-brasileiras	73	0
Novas religiões orientais	1651	0,02
Outras religiosidades	113	0
Sem religião	361819	4,28
Total	8452381	100

Fonte: Censo do IBGE (2010). Elaboração da autora.

Vemos que o Estado do Ceará possui pouco mais de 14% de sua população considerada evangélica, ficando atrás apenas da religião católica. Isso demonstra que ainda que devagar o movimento evangélico tem cumprido seu objetivo de alcançar pessoas, por meio da realização da “boa obra”, haja vista as

peças que se convertem a essa fé desenvolverem novas práticas sócio espaciais. Sobre o fato da ambição dos protestantes em alcançarem pessoas para sua crença religiosa, o autor Miklos (2012) esclarece que isso ocorre porque os evangélicos “têm por princípio religioso a divulgação de sua fé. Como consequência, existe [...] o desejo missionário do proselitismo que tem como característica basilar a simplificação da mensagem para conversão de muitos” (p. 37).

No âmbito da Região Metropolitana de Fortaleza, a dinâmica da diversidade religiosa expressa-se de forma mais intensa. Segundo Silva (2017) a materialidade e a fluidez do sagrado tornam possíveis analisarmos o fenômeno religioso metropolitano e as mudanças do perfil religioso da população, que segundo o último censo demográfico do IBGE em 2010 demonstra um constante crescimento de evangélicos e de outras religiões na RMF (Quadro 06).

Quadro 6 – Ranking por evangélicos e católicos na RMF segundo censo 2010 do IBGE

MUNICÍPIO	Ranking Evangélico	Ranking Católico	População evangélica (%)	População Católica (%)
Pacatuba	1 °	16 °	24,91	67,34
Caucaia	2 °	17 °	24,47	65,89
Maracanaú	3 °	19 °	24,32	64,81
Eusébio	4 °	18 °	24,03	65,77
Fortaleza	5 °	15 °	21,35	68,39
Horizonte	6 °	14 °	21,04	69,87
Paraipaba	7 °	10 °	20,51	74,73
Pacajus	8 °	13 °	20,45	72,02
Chorozinho	9 °	9 °	18,75	76,72
Itaitinga	10 °	12 °	17,8	73,27
Maranguape	11 °	8 °	17,68	76,81
Aquiraz	12 °	11 °	16,5	74,62
Cascavel	13 °	5 °	16,42	79,91
São Gonçalo do Amarante	14 °	7 °	16,21	77,25
Paracuru	15 °	6 °	16,05	78,96

Trairi	16 °	4 °	15,12	82,05
Pindoretama	17 °	3 °	13,27	82,22
São Luís do Curu	18 °	2 °	13,27	82,75
Guaiuba	19 °	1 °	11,11	84,97

Fonte: Censo do IBGE (2010). Elaboração da autora.

Assim, conforme o último censo, os três municípios da RMF que possuem o maior número de evangélicos são Pacatuba (24,91%), Caucaia (24,47%) e Maracanaú (24,32%). A metrópole Fortaleza está em quinto lugar no *ranking* de evangélicos na RMF, contando com 21,35% da sua população sendo evangélica. Ainda segundo o censo de 2010, os três municípios da RMF que possuem os menores índices de evangélicos são, em contrapartida, os que possuem o maior número de católicos: Guaiúba (84,97%), São Luís do Curu (82,75%) e Pindoretama (82,22%).

Ainda a respeito dos dados coletados no último censo do IBGE é, seja na escala nacional ou metropolitana, destacamos as dificuldades em se apreender, haja vista a própria escala temporal dos dados aqui apresentados na pesquisa, o quadro mais recente do perfil religioso da população brasileira e da RMF. A dificuldade em ter acesso a dados sobre os grupos religiosos gera reivindicações por muitos estudiosos da religião e de outras áreas do conhecimento para que haja, além dos censos, outras possibilidades de se capturar as declarações religiosas, com critérios de coleta e divulgação mais condizentes à pluralidade religiosa no país, que não se limitem, por exemplo, a pergunta usada pelo IBGE: Qual a sua religião ou culto? (SANTOS, 2014).

O crescimento de evangélicos na RMF, presente nos dados demográficos, pode ser observado por meio das diversas igrejas que se materializam no espaço metropolitano, com diferentes formas e dinâmicas organizacionais. Sobre a forma desses templos, o autor Silva (2017, p. 150 a 151) esclarece:

As arquiteturas dedicadas à construção ou instalação dessas instituições religiosas são as mais variadas possíveis, indo desde os grandes templos dedicados a congregar os fiéis em rotineiros espetáculos de fé, até mesmo àquelas sedes menores que abrigam os grupos recém-criados ou que tem uma caracterização doutrinária mais conservadora. [...] Algumas vezes, antigas lojas e antigos galpões passam a integrar o cenário religioso metropolitano, geralmente ocupados por grupos que estão em ritmo de crescimento mais consolidado e que não se importam tanto com espaços

dedicados ao caráter educacional que permeia a formação religiosa desses sujeitos.

Vemos, portanto, que os templos e igrejas evangélicas possuem uma forma variada seja na RMF ou em todo o contexto nacional. Sobre os templos evangélicos nos espaços urbanos, o autor Abumanssur (2004) afirma que os templos evangélicos podem passar a existir em espaços antes não considerados sagrados.

Assim, conforme o autor Abumanssur (*ibid*), não existe necessariamente a necessidade de uma distinção anterior ao templo entre espaço sagrado e profano. Os espaços profanos, assumem uma nova temporalidade e dimensão diferente quando são destinados a serem espaços do culto protestante. Sendo assim, espaços como salas comerciais, galpões, casas, garagens dentre outros podem ser igrejas evangélicas no contexto atual (*ibid*). Abaixo, veja alguns templos evangélicos na RMF que possuem estruturas variadas, que podem ser desde pontos comerciais e galpões a espaços residenciais (Figura 08):

Figura 8 – Demonstração das estruturas variadas dos Templos e Igrejas na RMF



Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019).

O autor Lima Junior (2016) ao discutir sobre a forma e estrutura das igrejas protestantes em São Paulo, afirma que a locação de espaços para tornarem-se templos protestantes ocorre devido a uma estratégia organizacional e um caminho alternativo encontrado pelas igrejas, em sua maioria pentecostais e neopentecostais. Assim, em consonância com as palavras de Abumanssur:

As casas de cultos pentecostais perdem o caráter monumental e o sentido da permanência perdendo-se, em consequência, na paisagem urbana e se confundindo com os demais edifícios de uma rua. **A lógica que informa a escolha de um local para uma dessas igrejas é a mesma que qualquer empreendedor usaria para abrir um ponto comercial: fluxo de pessoas, facilidade de acesso, transporte abundante etc.** Esses templos deixam de ser referência em si mesmos e acabam por se referenciar em outros pontos urbanos para localizarem-se na percepção de seus frequentadores (ABUMANSUR, 2004, p. 188) (*Grifos nossos*).

Segundo dados da Federação das Igrejas Evangélicas do Estado do Ceará (FIEECE), no ano de 2017 só em Fortaleza, contávamos com mais de 3.500 templos evangélicos, sendo as Igrejas Assembleia de Deus, Universal e Batista as que possuíam maior número de membros. A respeito dos novos ministérios em Fortaleza e na RMF, acreditamos que a tendência é de um crescimento cada vez mais intenso, haja vista as estruturas descentralizadas, os embates internos constantes que resultam na criação de novos ministérios, em sua maioria pentecostalizados.

Em complementação ao crescente número de templos e igrejas evangélicas na metrópole e na RMF temos ainda o aumento constante de pequenos agrupamentos religiosos não institucionalizados, que integram assim os espaços da cidade. É importante evidenciar ainda que ao se instalarem em diversos contextos socioespaciais, o movimento evangélico propiciou mudanças, dissidências e (re)criação de novos cenários na cidade. Sendo assim, é possível concordar com o autor Parente (1998) que ressalta que os templos são de suma importância na organização do espaço urbano, pois determinam a organização do espaço e formam sua paisagem.

Ainda sobre o crescimento do movimento evangélico, é possível entender que o número de templos e comunidades evangélicas cresce desde as áreas consideradas mais centrais e desenvolvidas às áreas e zonas mais periféricas. O crescimento ocorre devido “A estrutura descentralizada, os constantes embates

internos, a concorrência por território e público” que resultam no constante e intenso crescimento de igrejas evangélicas (SILVA, 2017, p. 150).

É evidente, portanto, que a densidade do movimento evangélico está diretamente associada ao crescimento de adeptos, que se apropriam desse capital simbólico emergente. Assim, tanto na Região Metropolitana de Fortaleza como no Brasil vemos uma proliferação de Igrejas evangélicas, que encontram nos diversos contextos sociopolíticos e econômicos meios para ampliação do seu poder simbólico sobre diferentes sujeitos sociais.

Sobre a ampliação do poder simbólico do movimento evangélico, que corrobora com seu crescimento quantitativo, vemos surgir uma nova estética, cuja linguagem cada vez mais parecida com a linguagem do espetáculo é divulgada e captura a atenção do público (MIKLOS, 2012). Assim, o que se observa também nesse cenário de práticas espetaculares é “uma ampliação na utilização dos meios eletrônicos de comunicação para fins religiosos” (*ibid*, p. 37).

É importante ressaltar que esse quadro segundo Miklos (*ibid*) tem no Brasil uma situação emblemática, haja vista as principais religiões utilizarem esses recursos para sustentação interna. Assim, é possível notar que “o uso dos meios eletrônicos de comunicação tornou-se uma condição fundamental de existência e manutenção das atividades religiosas da sociedade moderna” (*ibid*, p. 44).

Somado a isso, outro fator que reforça o crescimento do movimento evangélico na contemporaneidade urbana seja no país ou na RMF é a sua capacidade de mobilização que se manifesta por meio de eventos e festividades, de forma que sejam ampliados sua visibilidade e influência no espaço urbano, que ultrapassam os limites institucionais. Nessa perspectiva:

O que está em jogo, mais do que o poder político, é o poder simbólico, ou seja, a capacidade do discurso religioso de encarnar, na sua lógica, segmentos cada vez mais amplos da experiência de vida, em domínios considerados profanos, e conferir-lhes novos significados, frente às incertezas de um mundo em mutação. (MIKLOS, 2012, p. 47).

Assim, é possível compreender que os eventos festivos marcam a disputa pelo espaço simbólico, ou seja, pelo local que se quer como o local de festa. As festividades e eventos nos permite encontrar os signos que estão espacializados, propiciando que os diferentes grupos sociais se identifiquem em contextos espaciais específicos. Assim, “ela torna possível a produção de símbolos territoriais que se estendem além de seu desenvolvimento. A essência festiva se define, deste modo, a

partir da interpenetração do evento sociocultural com os lugares que lhe dão espaço” (FERREIRA, 2003, p. 05).

Ao buscarem um crescimento efetivo, as igrejas evangélicas estabelecem conexões que podem gerar espacialidades e temporalidades distintas. No caso das festas que ocorrem constantemente como estratégias para alcançar novos fiéis vemos surgir redes, que são forjadas por uma variedade de objetivos que permitem, portanto, a condução de certos tipos de ações pelos ministérios.

É possível perceber, portanto, que para além de um panorama estatístico, vemos o movimento evangélico crescendo e alterando a realidade onde se insere, obtendo maior crescimento nas cidades do país, o que significa dizer, que símbolos e rituais dessa fé tem crescido, e portanto, criado novos quadros e conexões que fortalecem a tendência de transformação no quadro religioso do país e na RMF. A própria dimensão de centralidade na RMF pode está intimamente ligada às articulações em redes pelas igrejas evangélicas.

Importante lembrar, que esse processo de crescimento do movimento evangélico na RMF é marcado ainda por constantes embates e problemáticas. Esses embates, podem se traduzir nas relações conflituosas que ocorrem não apenas com outras religiões como também entre os próprios cristãos reformados. Além disso, o grau de intensidade – e densidade - que esse crescimento ocorre varia conforme o recorte espacial. Isso decorre, devido a não linearidade do processo, em que o movimento evangélico pode ou não encontrar maior permissividade para adentrar numa realidade socioespacial específica.

Assim, para ir além das informações que se tem a respeito das igrejas evangélicas, traçando e fomentando percepções significativas, que podem servir de base para o entendimento de outros recortes espaciais em que tenhamos concentração e expressiva densidade do movimento evangélico na RMF, partiremos para as análises empíricas, sabendo que: I) Existem aspectos particulares de cada ministério; II) A estrutura organizacional e associativa das igrejas pode corroborar em novas dinâmicas espaciais, que variam, por exemplo, pela época/período vivenciada; III) O grau de facilidade em adentrar/conhecer a realidade dos ministérios pode ser dificultada, por ideias e noções forjadas nos sujeitos que constroem e se apropriam desses espaços e IV) É inevitável que novas questões surjam, e torne complexo o estudo pois, pelo que o nome aqui trabalhado já diz, há um constante movimento.

4 REDES DE SOLIDARIEDADE EVAGÉLICA E A DINÂMICA CÍCLICA DAS FESTAS CRISTÃS (NATAL E PÁSCOA)

Neste capítulo apresentaremos a discussão do que chamamos de redes de solidariedade do movimento evangélico e a relação que estabelecem com as festividades cristãs, a partir de um estudo focado no Município de Caucaia – CE.

Pensar as redes de solidariedade com foco nas igrejas evangélicas como principal articuladora ultrapassa a dimensão técnica das redes, “recentemente elaboradas pela inteligência e contidas nos objetos técnicos” (SANTOS, 1999, p. 210). Ela se atém às múltiplas relações, estabelecidas dentro e fora do movimento evangélico. É importante destacar que as igrejas evangélicas também utilizam a “comunicação em rede, instantaneidade e cultura digital” (TRIVINHO, 2007, p. 21) em suas articulações.

As igrejas evangélicas possuem estratégias organizacionais em redes de solidariedade (colaborativas e de sociabilidade) que reverberam e podem ser facilmente reproduzidas em outros cenários culturais como os políticos. Segundo Silva (2016) os eventos e festividades propostos por agentes religiosos, relacionados às práticas patrimoniais, ainda que mantenham “características efêmeras ou esporádicas, em algumas de suas realizações, deixam marcas espaciais, institucionais e nas relações sociais” (*ibid*, p. 22). Tais práticas, tendem a reconfigurar o espaço urbano, fazendo com que os evangélicos adquiram reconhecimento no âmbito da cidadania e do atendimento às demandas da sociedade moderna.

Nessa realidade metropolitana, muitos processos e fenômenos ocorrem e as interações socioespaciais são continuamente ampliadas criando, assim, inúmeras redes geográficas, com destaque para as de solidariedade. Essas redes, com acentuada participação evangélica, podem vir a prover respostas cotidianas a necessidades imediatas de quem vive nas múltiplas periferias (urbana, social, cultural e, inclusive, psicoespiritual), antecipando os serviços urbanos públicos essenciais e modernos para se estabelecerem. O movimento evangélico cria esses serviços em redes de solidariedade, com maior acesso econômico e geográfico. Portanto, cria (onde não existe), recria (onde deixou de existir ou não atende a contento); fortalece (onde percebe fragilidade), ou acrescenta novos elementos de

prestação de serviço acessíveis nas redes que estão limitadas, e assim novas centralidades (urbano-devocionais) surgem na RMF.

No caso de Caucaia, vemos a presença constante de religiões, que para além da função espiritual, criam vínculos associativos e solidários dentro do município. Tais conexões, em que destacamos as evangélicas, estão presentes em toda extensão de áreas urbanizadas do município, fomentam um desenvolvimento social em suas abrangências (espirituais/econômicas, etc.) e interferem diretamente no espaço geográfico. As redes de solidariedade não se limitam ao movimento evangélico e continuam criando novos quadros de centralidade para além da metrópole.

Sendo assim, de forma a termos uma contextualização completa, o capítulo apresentará inicialmente as interfaces evangélicas analisadas na av. Heribaldo Rodrigues, no bairro Potira (Caucaia-RMF/CE). Essas igrejas podem possuir congregações especializadas em outros bairros do Município de Caucaia, bem como em outros municípios da RMF, a incluir a capital (Quadro 7). É válido destacar, que se tratando de ministérios recentes (novos), estes localizam-se apenas no recorte estabelecido.

Quadro 7 - Igrejas pesquisadas e seu quantitativo em Caucaia e Fortaleza

Ministérios pesquisados	Total no Bairro Parque Potira	Total no Município de Caucaia	Total em Fortaleza
Igreja Universal do Reino de Deus - Parque Potira (IURD-PP)	2	17	20
Igreja de Deus no Brasil - Parque Potira (IDB-PP)	2	4	4
<i>Igreja Pentecostal Ministério Maanaim (IPMM)</i>	1	1	--
<i>Igreja Assembleia de Deus Celebrai a Cristo (ADCC)</i>	1	1	-
<i>Igreja Missão Evangélica Pentecostal do Brasil – Parque Potira (MEPB-PP)</i>	1	5	18

Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2020).

Posteriormente, faremos discussões sobre as redes de solidariedade, a dinâmica festiva e as articulações e projetos solidários que o período estabelecido entre o Natal e a Páscoa fortalecem e impulsionam. Neste percurso, serão

trabalhadas nossas análises empíricas, as quais, a essa altura foi possível realizar, haja vista a pandemia de Covid vivenciada no país desde março deste ano de 2020.

4.1 Contextualizando as interfaces do estudo: As igrejas evangélicas em Caucaia (CE) - RMF

Antes de apresentarmos o Município de Caucaia, é importante fazermos uma breve inserção deste na área de influência da metrópole Fortaleza. Sendo assim, Caucaia se fez presente já no primeiro momento de institucionalização da RMF, criada a partir da Lei Complementar Federal nº 14, 8 de junho de 1973 onde inicialmente são criadas no Brasil nove regiões metropolitanas (RM's). As RM's recém criadas incluíam capitais de estados e suas áreas de polarização, sendo municípios de mesma unidade econômica e que visam a realização de serviços em comuns. O que faz pensar em um planejamento e gestão com perspectivas que relacionem os interesses a serem estruturados em um tipo de conselho deliberativo e consultivo.

Inicialmente a RMF foi composta por cinco municípios: Fortaleza, Caucaia, Maranguape, Pacatuba e Aquiraz. Em 1983 é incluído Maracanaú, 1987 Eusébio, 1922 Itaitinga e Guaiuba. A partir de 1999 mais quatro municípios passam a integrar a RMF, são eles: Chorozinho, Pacajus, Horizonte e São Gonçalo do Amarante e em 2009 é incluído também, Pindoretama e Cascavel na área de influência da metrópole. Em 2014, os municípios de Paracuru, Paraipaba, São Luís do Curu e Trairi são integrados a RMF (Quadro 8).

Quadro 8 - Municípios inseridos na RMF desde 1973 à 2014.

Municípios Inseridos na Região Metropolitana de Fortaleza				
1973	1983-1922	A partir de 1999	2009	2014
Fortaleza	Maracanaú	Chorozinho	Pindoretama	Paracuru
Caucaia	Eusébio	Pacajus	Cascavel	Paraipaba
Maranguape	Itaitinga	Horizonte		São Luís do Curu
Pacatuba	Guaiúba	São Gonçalo do		Trairi
Aquiraz		Amarante		

Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2020).

Com o aumento do número de municípios na área de influência da metrópole Fortaleza ao longo das últimas décadas, a RMF passou a ser composta pelos 19 municípios apontados no quadro anterior. Observe a figura 09 com o mapa

da RMF, que conta com a presença do município de Caucaia:

Figura 9 – Mapa da RMF



Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2020).

Sobre a relação que se estabelece entre Caucaia e Fortaleza, é possível ver que Caucaia está sobre constante influência da metrópole (PEREIRA JUNIOR, 2015), incorporando algumas características e agregando e desenvolvendo outras. Entendemos, portanto, como contíguo e intenso processo de metropolização que se estabelece, ampliando, assim, a metrópole (ASCHER, 1998) e proporcionando mudanças socioespaciais em Caucaia. Sobre o processo de metropolização a autora Lencioni esclarece:

O processo de metropolização do espaço se expressa na intensificação e multiplicidade dos fluxos de pessoas, mercadorias e informações, bem como pelo crescimento do número de cidades conurbadas, onde não se distingue muito bem, na continuidade da área construída, o limite municipal de cada uma delas. E, também, pela expansão territorial do aglomerado metropolitano e pela extensão e densificação territorial da concentração das infraestruturas. (LENCIONI, 2011, p. 136).

Dessa forma, entendemos que a metropolização contemporânea tem provocado expressivas transformações na configuração espacial de Caucaia; tem

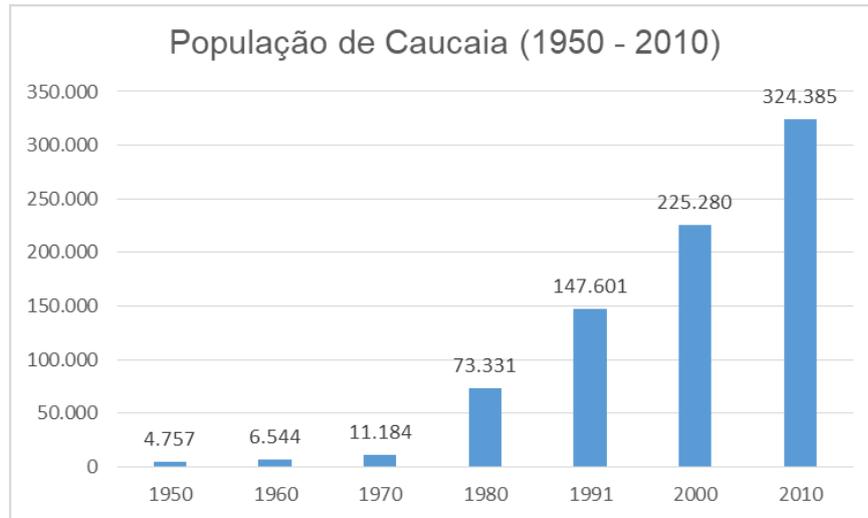
ainda fortalecido práticas culturais (a exemplo das devocionais) características do espaço urbano e ampliado desigualdades e conflitos socioespaciais¹⁰ (COELHO, 2017). Tal quadro, de diversidade e desigualdade ocorre em outras cidades brasileiras.

[...] o espaço urbano envolve o material e o imaterial, o objetivo e o subjetivo, o sujeito e o objeto, ideologias e representações. Assim, as cidades estariam ligadas à materialidade do momento atual, que tem como modelo a metrópole, e que apresenta contradições em sua própria organização espacial. Contradições expostas nas formas espaciais, que carregam em si a questão simbólica produzida pelas ideologias e representações, através das atividades políticas, econômicas e culturais, influenciando a própria formação da sociedade (FERREIRA, 2014, p. 5).

O processo de urbanização em Caucaia – intensificado a partir da década de 1980 - ocorreu por meio de dois vetores (do tipo ocupacionais metropolitanos). Segundo Dantas e Silva (2009) o primeiro vetor está associado a construção de conjuntos habitacionais por meio de políticas governamentais; o segundo, está associado às práticas de lazer litorâneas, como o turismo e o veraneio.

Ainda a respeito de Caucaia, segundo o último censo do IBGE (2010), a sua população equivalia a pouco menos de 326.000 habitantes, o que demonstra um crescimento de quase 100.000 habitantes na última década (Figura 10). Dessa população total, cerca de 65% se considera católica e cerca de 24% se considera evangélica.

¹⁰ O professor Coelho (2019) produziu um importante trabalho de mestrado sobre o Município de Caucaia e a vulnerabilidade social. Segundo ele, a desigualdade social está fortemente presente no município, marcado pela má distribuição de renda, observada através das formas urbanas de ocupação nos diferentes bairros. Sendo assim, tem-se desde casas de alto padrão, e em bairros de população vulnerável temos ocupações irregulares, que resultam em aglomerados subnormais.

Figura 10 – Crescimento populacional em Caucaia (1950 - 2010)

Fonte: Censo do IBGE (2010). Elaboração da autora (2019).

É importante ressaltar que em relação ao movimento evangélico, o município de Caucaia se destaca frente ao quantitativo de evangélicos em ascensão ao longo das últimas décadas. Em contrapartida, o número de católicos vem diminuindo em termos percentuais (Quadro 09), como já visualizado no capítulo anterior. Tais dados são comprovados pelas igrejas evangélicas que marcam expressivamente, e com maior frequência, a paisagem urbana nos diferentes distritos e bairros de Caucaia.

Quadro 9 – Recorte de grupos por religião em Caucaia

Grupos por Religião em Caucaia	Valor percentual		
	1991	2000	2010
Católica Apostólica Romana	86,6	78,93	65,25
Católica Apostólica Brasileira	-	-	0,49
Católica Ortodoxa	-	-	0,15
Total de Católicos:	86,6	78,93	66,59
Evangélicas de Missão	1,14	1,70	1,96
Evangélicas de origem pentecostal	5,53	11,11	16,54
Evangélica não determinada	-	0,89	5,97
Total de Evangélicas:	6,67	13,70	24,47

Fonte: Censos do IBGE (1991, 2000, 2010). Elaboração da autora.

O município conta com oito distritos (divisão territorial datada de 1991), sendo eles: sede Caucaia, Bom Princípio, Catuana, Guararu, Jurema, Mirambé, Sítios Novos e Tucunduba. Destes, o distrito de Jurema possui a maior densidade

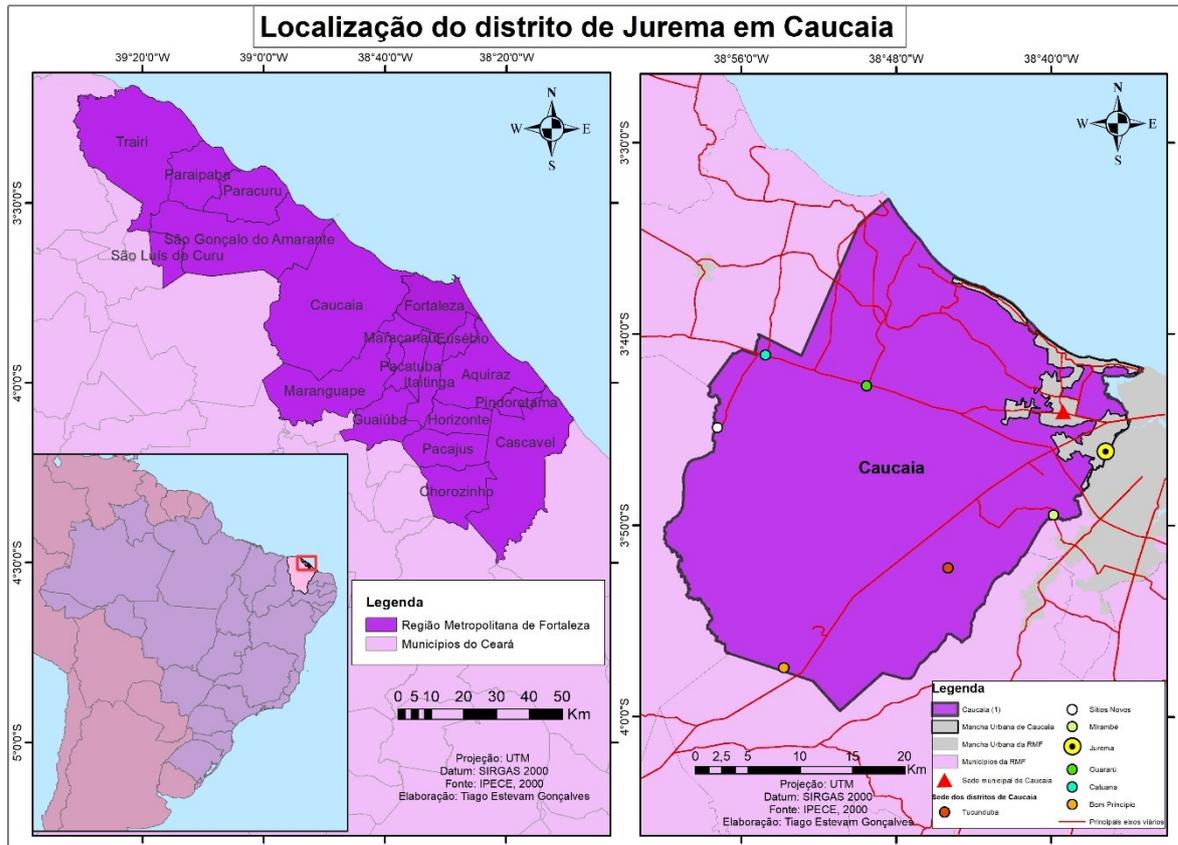
populacional. Sobre este município, Coelho (2017) indica que a sua formação liga-se ao surgimento de inúmeros conjuntos habitacionais na década de 1970 “que direcionaram a expansão da malha urbana em direção ao distrito sede, assim como a formação de uma área de comercial e de serviços ao longo da Avenida Dom Antônio de Almeida Lustosa transformando-se, hoje, em uma subcentralidade” (COELHO, 2017, p. 54).

A respeito da distribuição populacional nos distritos de Caucaia, vemos que há áreas centralizadoras, que estão densamente ocupadas. Nessa perspectiva, o distrito sede e Jurema se destacam com a maior concentração populacional do município, e no sentido inverso temos Bom Princípio e Tucunduba com a menor população.

Segundo Teles (2005), a lógica de ocupação no Município é pautada na migração de pessoas de cidades vizinhas, com destaque para Fortaleza. Dessa forma, a ocupação segue as lógicas da oferta e procura, a lógica de sobrevivência das classes menos abastadas “resultado da especulação fundiária de áreas mais valorizadas que ‘expulsa’ para áreas sem maiores interesses ao mercado, a população mais pobre” (p.97).

Na impossibilidade de fazermos um estudo detalhado sobre as redes evangélicas em todo o município, propomos um recorte espacial dentro do distrito de Jurema (Figura 11), de forma que a realidade seja evidenciada, entendendo que esse fenômeno pode repetir-se nos outros municípios da RMF a depender dos aspectos socioespaciais das áreas analisadas.

Figura 11 - Mapa de Localização do distrito de Jurema/Caucaia - CE



Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2020).

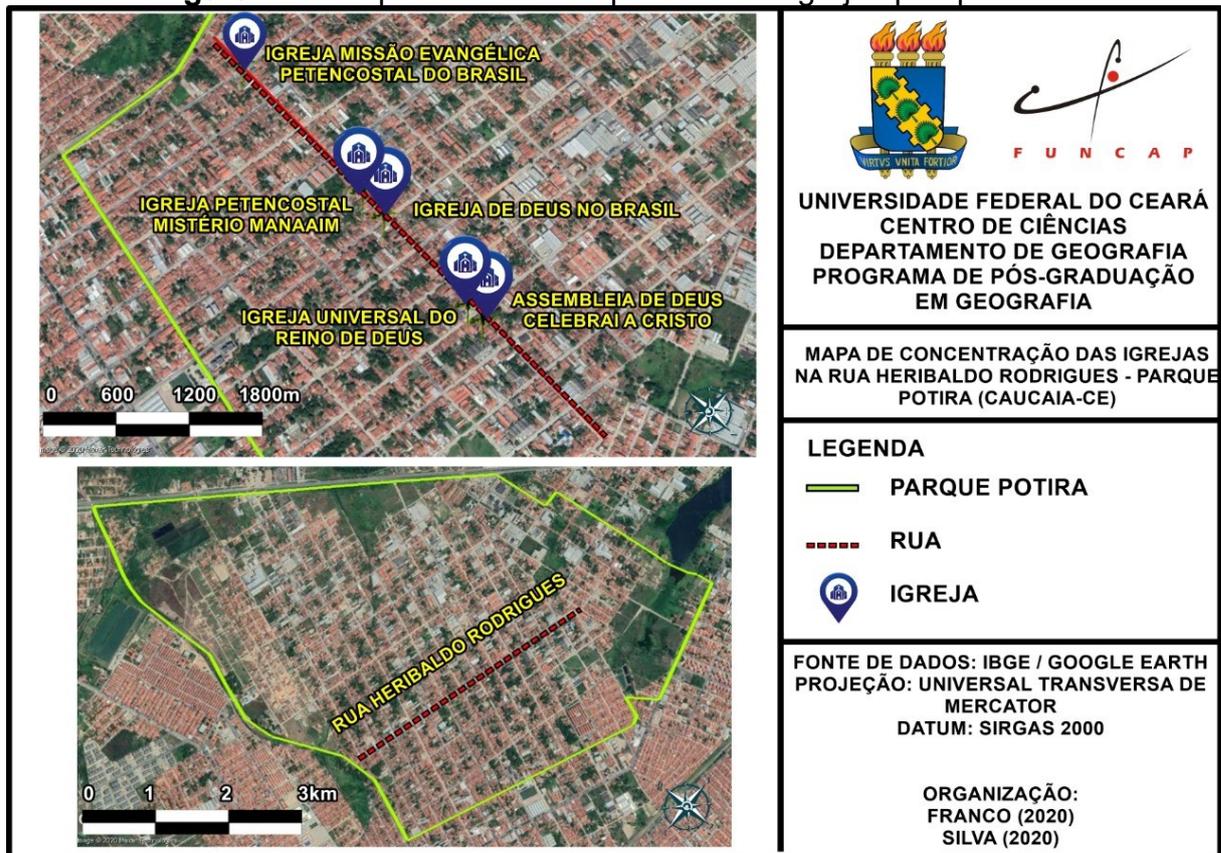
A respeito do distrito de Jurema, ele se consolida como um dos mais urbanizados do Município de Caucaia, com uma população que ultrapassa cem mil habitantes. Segundo os dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) a densidade demográfica do distrito é semelhante aos dos bairros mais densos da metrópole Fortaleza, com cerca de 7.000 hab./km² (IPECE, 2014).

Vale ressaltar que o distrito de Jurema é mais integrado a metrópole do que o distrito sede de Caucaia, o que proporciona maior atuação dos processos de metropolização. Os constantes fluxos que se estabelecem do distrito para Fortaleza são possibilitados, portanto, pelas vias de acesso como a BR 020, pelos sistemas de transporte público viário e férreo que facilitam o movimento pendular Jurema-Fortaleza.

Priorizamos uma análise qualitativa do Parque Potira¹¹, que se insere no distrito de Jurema, em virtude de se observar, com maior profundidade, a correlação de aspectos socioespaciais entre os elementos das redes de associativas. Esta área está em expansão dentro do distrito devido aos investimentos do setor público e privado, apresentando em sua organização espacial uma efervescência de templos evangélicos nas variadas vertentes do movimento.

Dessa forma, tendo por base a dinâmica urbana do Potira, nosso estudo focado se deu em uma das principais avenidas do bairro, cujo setor terciário está em expansão, além de possuir em seu entorno residências e equipamentos urbanos próximos. Assim, o recorte estabelecido foi a Avenida Heribaldo Rodrigues (Figura 12), onde encontra-se constante fluxos de pessoas por inúmeras motivações, estando entre um dos fatores determinantes para concentração de igrejas evangélicas, que visa atender diferentes públicos.

Figura 12 – Mapa do recorte espacial e das igrejas pesquisadas



Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2020).

¹¹ O Parque Potira está em constante expansão na contemporaneidade, com destaque para os empreendimentos imobiliários. A área é popularmente conhecido por “bairro”, ainda que a organização territorial de Caucaia seja em distritos e conjuntos habitacionais.

Acreditamos ser importante conhecermos as características e dinâmica organizacional dos ministérios, bem como as práticas culturais religiosas estabelecidas por seus membros além dos muros da igreja, de forma a compreender como estes constituem e articulam-se em redes de solidariedade com outras igrejas e outros elementos externos ao movimento, resultando em novas centralidades urbano-devocionais na RMF. A seguir, tal apresentação será feita de forma a ter-se as seguintes características gerais dos ministérios: Histórico do ministério; dimensão organizacional; público e interação com a comunidade. Vale ressaltar, que a espacialidade, em termos de distância/vizinhança das 5 igrejas, é próxima o que as leva a estabelecerem convívio local na avenida estudada.

Importante ressaltar que a coleta destes dados foi marcada por dificuldades no percurso. O movimento evangélico em muitos aspectos restringe a transparência de suas ações; com as igrejas evangélicas aqui pesquisadas não foi diferente. Tal dificuldade foi ainda atenuada, pois a pesquisadora tentou estabelecer, *a priori*, maior grau de familiaridade e proximidade por ser cristã.

4.1.1 Igreja Universal do Reino de Deus – Parque Potira (IURD - PP)

Antes de apresentarmos especificamente a IURD-PP, é necessário apresentar alguns esclarecimentos sobre o ministério. Sendo assim, as igrejas que fazem parte do neopentecostalismo cresceram rapidamente, impulsionadas pela Igreja Universal do Reino de Deus – IURD. Para Santos (2015) a igreja Universal do Reino de Deus surge como marco inicial do movimento neopentecostal no Brasil, que nasce em meados da década de 70. Este movimento é entendido como um desdobramento do pentecostalismo. A Universal no contexto atual é uma das maiores igrejas do país, tendo sedes em todas as capitais brasileiras e adentra todos os dias na casa de milhões de famílias do país por meio da emissora Record TV (MARIANO, 2004). O ministério da IURD possui como presidente o seu fundador, bispo Edir Macedo.

Sobre o crescimento da IURD no país, Mariano (*ibid*) afirma que nenhuma outra igreja cresceu tão rápido e em tão pouco tempo. Segundo o autor:

Em 1985, com oito anos de existência, já contava com 195 templos em catorze Estados e no Distrito Federal. Dois anos depois, eram 356 templos em dezoito Estados. Em 1989, ano em que começou a negociar a compra

da Rede Record, somava 571 locais de culto. Entre 1980 e 1989, o número de templos cresceu 2.600%. Nos primeiros anos, sua distribuição geográfica concentrou-se nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Salvador. Em seguida, expandiu-se pelas demais Capitais e grandes e médias cidades. Na década de 1990, passou a cobrir todos os Estados do território brasileiro, período no qual logrou taxa de crescimento anual de 25,7%, saltando de 269 mil (dado certamente subestimado) para 2.101.887 adeptos no Brasil, de onde se espalhou para mais de oitenta países. (MARIANO, 2004, p. 125)

Esse rápido crescimento da IURD esteve atrelado ao constante uso de elementos midiáticos, seja para divulgar seus princípios, seja para atração de fieis e criação de sua identidade cultural (CAMPOS, 1997). Outra característica determinante para o crescimento da IURD é que se trata de um ministério urbano (BLEDSOES, 2012), concentrando suas catedrais nas capitais do país, por serem grandes centros urbanos. Sobre a expansão das igrejas da IURD, o autor Santos Filho (2016) explicita:

A IURD adotou a expansão radial de suas igrejas, através da periferização. As periferias das grandes cidades se tornaram alvos de pontos de nucleação, por intermédio de aluguel de galpões ou compra de pequenos terrenos para construção de templos secundários. No entanto, a hierarquia se mantém fixada nas catedrais. (p. 82)

É importante ressaltar que as igrejas que compõem a IURD possuem uma ótima infraestrutura, oferecendo assim, maior nível de conforto do que inúmeras igrejas no país e na RMF. Em dados estatísticos, segundo o IBGE (2010), a maior concentração de fiéis da IURD está no Sudeste (47%), seguido pelo Nordeste (23%), e por fim no Sul e Centro Oeste (9% nas duas regiões).

A respeito do Ceará, vemos que este é o estado que possui a segunda maior concentração de fiéis da IURD na região Nordeste, perdendo apenas para a Bahia. É na capital do Ceará que temos a maior concentração de templos. Sua disseminação no estado foi do tipo radial e nuclear, partindo da metrópole para os municípios da RMF e posteriormente para o interior do estado, se concentrando em bairros com altos índices de povoamento e na maioria dos casos, mais vulneráveis (SANTOS FILHO, 2016).

Caucaia se destaca como um dos municípios que possui a maior concentração de templos da IURD, com 17 templos. Destes, o templo localizado na avenida Heribaldo Rodrigues no Bairro do Potira faz parte do nosso recorte espacial (Figura 13), o que nos leva ao entendimento, que os templos da IURD localizam-se em pontos estratégicos das cidades, e neste caso, não seria diferente, haja vista ser

esta avenida é uma das mais movimentadas no bairro, reunindo desde a função residencial à função comercial por exemplo, além de inúmeros equipamentos importantes para o Caucaiense.

Figura 13 – IURD Parque Potira



Fonte: Acervo da autora (2019)

Por fora, é possível perceber a grandiosidade deste templo que fortalece o reconhecimento e identidade de seus fiéis, contando com uma ótima infraestrutura; tal fato interliga-se a leitura de Bonnemaïson (2002), em que as formas podem acabar substanciando a identidade dos seus fiéis, atrelado a formação geossimbólica do ministério. O geossímbolo consiste em “um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que fortalece sua identidade” (p. 109). Sobre este templo, ele está aberto diariamente, com reuniões distribuídas ao longo do dia (Quadro 10).

Quadro 10 – Horário das reuniões ao longo da semana da IURD - PP

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
---------	---------	-------	--------	--------	-------	--------

08:00	07:00	07:00	07:00	07:00	07:00	07:00
10:00	15:00	15:00	15:00	15:00	12:00	12:00
18:00	19:00	19:00	19:00	19:00	15:00	15:00
					19:00	19:00

Fonte: IURD – PP. Elaboração da autora (2020).

Sobre a IURD- PP, que está presente no bairro há sete anos, segundo dados da administração do templo, ela conta com cerca de 350 membros ativos e dizimistas. Além destes, existem inúmeros simpatizantes (pessoas que visitam o templo pelos serviços sociais e religiosos oferecidos) que se fazem presentes em cultos e eventos da igreja (destaque nos finais de semana).

Segundo líderes da igreja, os membros são assíduos e o fluxo de pessoas varia conforme o período e o projeto desenvolvido pelo ministério, como as campanhas, que tendem a atrair mais fiéis e simpatizantes. Ainda sobre a movimentação neste templo, destacamos os horários durante a semana da primeira reunião, que possuem a maior presença de fiéis, e nos dias que se tem o culto do meio dia. A noite também é marcada pela intensa presença de fiéis.

A respeito da estrutura organizacional dessa igreja, assim como em todos os templos da IURD, os pastores são os responsáveis pela ministração da palavra e demais ordenamentos, eles estão à frente das atividades desempenhadas na congregação.

Os pastores das igrejas da IURD estão alinhados e sempre em consonância com o que o templo central estabelece, contando, para seu melhor desempenho, com a colaboração dos obreiros. Isso significa que há um controle hierárquico no ministério.

Os cultos possuem temáticas, que variam desde o aspecto da “Prosperidade financeira” à “Cura espiritual”, e neste caso, destacamos a teologia da prosperidade sempre presente nas reuniões da IURD – PP, subsidiadas na ideia de que se estamos na plenitude da graça de Deus, somos por Ele abençoados, o que está em concordância a ética protestante apontada por Weber (2007). É no domingo que temos a estrutura do rito mais comumente presente nos demais cultos tradicionais cristãos, marcado pelo momento de adoração (louvor), oração, oferta e pregação do pastor. Sobre a variedade de temas nas reuniões da IURD, o autor Santos Filho (2016) esclarece que a IURD “fornece uma variabilidade de cultos ampliando seu raio de atuação ao gosto dos fiéis, aproveitando as formas do templo em um uso constante e flexível do espaço para repassar sua doutrina” (p. 98).

Vemos, portanto, que a IURD – PP se destaca no bairro, de forma a influenciar e impactar diretamente a comunidade que está inserida. Muitas são as atividades que permitem um engajamento de seus membros nos ministérios e uma das características mais marcantes visualizadas no templo, foi a devoção e participação dos fiéis nos rituais realizados.

4.1.2 Igreja de Deus no Brasil - Parque Potira (IDB-PP)

A Igreja de Deus no Brasil possui uma longa história. Seu surgimento deu-se nos Estados Unidos, no ano de 1886 cujas características eram de “uma igreja rural, formado por pequenos e médios proprietários de terra, na região montanhosa entre os estados do Tennessee e da Carolina do Norte.” (MARTINS, 2016, p. 17).

O surgimento do ministério ocorreu por meio de uma reunião, regida pelo pastor Ricardo G. Spurling, em que membros discutiam inconformados sobre o caminho que a igreja reformada tradicional estava traçando, baseada em tradições e credos dos homens e cada vez mais distanciada de um verdadeiro avivamento.

É importante explicitar, que desde o início “os nomes da denominação foram sendo trocados” (MARTINS, P. 21), Iniciando com o nome União Cristã, depois chamada de Igreja da Santidade de Camp Creek e somente em 1907 chamada de Igreja de Deus (*ibid*). Apesar das perseguições a igreja foi solidificando-se e crescendo em número e membresia.

A fundação da Igreja de Deus se deu, portanto, na busca de um avivamento da igreja e que segundo Martins (*ibid*) “não trouxe só alegria. Várias pessoas se posicionaram contra o movimento e começaram a perseguir os crentes pentecostais. Os primeiros a levantarem-se contra estes pentecostais foram os próprios líderes de igrejas tradicionais da região” (p. 27).

A chegada desse ministério no Brasil foi em 1952, no Estado do Paraná, representando o cumprimento dos projetos de desenvolvimento e expansão geográfica. Para consolidar ainda mais este trabalho no Brasil, a Igreja de Deus assumiu e oficializou a união com a missionária Caroline Mathilda Paulsen cujo seu ministério era a Igreja Calvário Pentecostal. A partir dessa unificação, a igreja de Deus tinha a base para continuar seu crescimento no país, pois os ministros e obreiros que vieram do Calvário Pentecostal fariam o trabalho de evangelização.

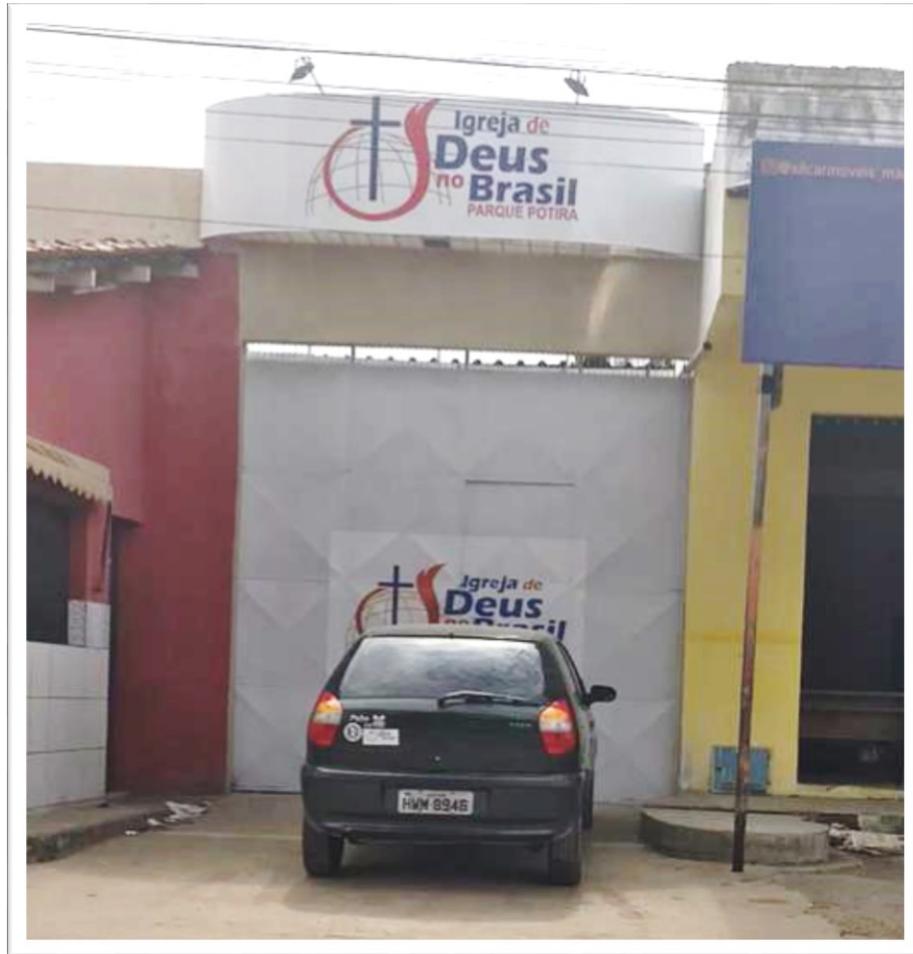
A Igreja de Deus no Brasil (IDB) está atualmente localizada nas diversas regiões do país, e propõe uma atuação ligada as diversas esferas da vida cotidiana. O ministério propõe a abertura de igrejas locais e regiões administrativas, além de investir em meios de comunicação social, objetivando dedicar-se ainda a obras de promoção humana, social, cultural e educacional.

A sede administrativa da IDB situa-se na cidade de Brasília, no Distrito Federal, e de lá, saem as principais decisões para as demais congregações. Na sede, tem-se a Assembleia Nacional, administrada pelo Conselho Executivo Nacional, que governa a IDB. Em âmbito regional, tem-se a Assembleia Regional, que é administrada pelo conselho executivo regional. No âmbito das igrejas locais, estas são governadas pela Assembleia local, por uma diretoria local.

Nesta perspectiva, a IDB-PP se constitui como uma igreja local, ainda em consolidação e expansão. A igreja enfocada, possui quase uma década na comunidade (nove anos), porém, se pode perceber seu crescimento lento mas significativo na realidade analisada haja vista a IDB ser direcionada a atuar:

Em trabalhos congregacionais, evangelísticos, missionários, sociais e educacionais através de institutos bíblicos, seminários, universidades, escolas, creches, orfanatos, asilos, centros agrícolas, hospitais, programas de rádio e televisão, produção de literatura cristã, música e entre outros. (MARTINS, 2016, p. 42)

Assim como em todas as Igrejas de Deus no Brasil, a IDB-PP (Figura 13) é regida eclesiasticamente pelo Ensino↔Disciplina↔Governo da Igreja de Deus (EDGID), fundamentada nos princípios da santidade bíblica, que determinam as práticas espirituais (jejuns, oração, louvor etc.). Sua membresia está alocada nas categorias estabelecidas pelo ministério, sendo elas: Ministro ordenado (Pastor); Ministro licenciado; Ministro exortador; Membro maior de idade; Membro menor de idade.

Figura 14 – Templo da IDB - PP

Fonte: Acervo da autora (2019)

Ainda sobre a membresia da IDB-PP, ela conta com cerca de 70 membros ativos. Ademais, existe uma maior concentração de pessoas e maior número de visitantes na programação que ocorre domingo à noite. É importante ressaltar, que embora o quantitativo de membros não seja elevado, isto coincide com o próprio crescimento de fiéis desta igreja no país, que ao longo de décadas tem cerca de 30.000 membros em todo o território nacional. Segundo o Pastor da IDB-PP isso é porque se preza por um crescimento qualitativo de membros que estejam em concordância ao que a igreja estabelece.

A respeito das programações da IDB-PP, ela conta com atividades durante toda a semana. Os cultos ocorrem nas terças e quintas feiras das 19:30 às 21h e nos domingos as 18:30h. Outra programação fixa da igreja é a escola bíblica dominical que ocorre de 09h as 10:30h. Outras programações podem ocorrer aos sábados, como cultos de jovens, missões, dentre outros.

As programações ocorrentes na IDB-PP têm como principal objetivo evangelizar e fomentar a conversão dos moradores do bairro, e ainda, segundo o pastor responsável, ajudar os moradores do bairro a se desenvolverem e buscarem novas perspectivas para suas vidas. Sendo assim, é possível perceber o grau de importância estabelecido às práticas evangélicas, utilizando-se de diversas estratégias dentro da comunidade.

4.1.3 Igreja Pentecostal Ministério Maanaim (IPMM)

A Igreja Pentecostal Ministério Maanaim (Figura 15) é um ministério recente, portanto, trata-se de um ministério em desenvolvimento e consolidação. Sendo assim, é perceptível o quanto tem sido comum o surgimento de novos ministérios no país e na RMF, apropriando-se de espaços que outrora eram entendidos como profanos.

Figura 15 – Templo da IPMM no Parque Potira



Fonte: Acervo da autora (2018).

Por conta da falta de trabalhos acadêmicos para ajudar na contextualização da igreja, as informações que serão aqui expostas foram coletadas, principalmente, a partir das entrevistas semiestruturadas e não diretivas com os líderes da igreja, bem como do Pastor presidente. Assim, conforme coletado, a igreja surgiu pela necessidade que um grupo de irmãos tinha de “reunirem-se em oração”. Posteriormente eles resolveram formalizar as reuniões que já ocorriam a pouco mais de um ano. Hoje, o ministério existe e possui pouco mais de um ano, estando localizado desde o início no bairro investigado.

A respeito da membresia, o ministério conta com aproximadamente 50 membros, conforme explicitado na entrevista. Destes, a maioria são adultos, muitos tendo vínculos familiares entre si. Segundo o Pastor, os seus membros estão engajados e buscam fortalecerem as atividades espirituais. As chamadas rodas de oração e os cultos campais são as principais ações que a igreja realiza com o propósito evangelizador e fortalecedor da fé evangélica.

A igreja possui sua doutrina pautada na crença do espírito santo, e assim como os demais ministérios aqui tratados, pratica atividades espirituais comum aos evangélicos durante os cultos (oração, louvores, etc.). Um dos projetos que a igreja desenvolve na comunidade, e no qual damos destaque, é visitar clínicas de reabilitação; isso ocorre por que o próprio pastor presidente já foi “liberto” deste vício ao se converter a Cristo.

A respeito das programações da igreja, tem-se cultos semanais as terças e quintas feiras as 19:30h, e aos domingos as 18h. No domingo pela manhã, o Pastor tem realizado cultos campais a fim de alcançar mais adeptos para sua igreja e dar assim, maior visibilidade a ela no bairro. Ao perguntarmos sobre as redes sociais da igreja, o Pastor nos informou que não é muito “antenado” a isto, inclusive, nem o próprio utiliza.

A aproximação com esta igreja nos fez perceber os contrastes existentes entre os ministérios. A temporalidade, a coesão, a atuação dos membros e as práticas cotidianas são fatores que enriquecem nossas análises e, portanto, demonstra a importância em ter, dentre as interfaces pesquisadas, um ministério como a IPMM.

4.1.4 Igreja Assembleia de Deus Celebrai a Cristo (ADCC)

As igrejas chamadas Assembleias de Deus estão disseminadas em todo o país e segundo Bittencourt (2003) são a maior denominação evangélica da América Latina. Sendo assim, comumente nos deparamos com igrejas desta vertente pentecostal. A respeito do surgimento da Assembleia de Deus (AD) no país, sua introdução ocorre no início do século XX, pela expansão da doutrina pentecostal.

Segundo Bittencourt (2003) foram os evangelistas suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg que fundaram a AD no país. Eles foram os responsáveis por criar “a primeira congregação pentecostal no Brasil” (ANDRADE, 2010, p. 14). Segundo Andrade (*ibid*), o termo AD não tem origem certa, existia uma igreja norte americana com este mesmo nome. Sobre o surgimento desta nova igreja e seus primeiros passos de desenvolvimento, Andrade explicita:

Agora, a Igreja AD, já criada e com uma estrutura mínima de funcionamento, começa a atrair muitas pessoas curiosas em conhecer o movimento pentecostal. Não bastassem as perseguições impostas pela Igreja Católica Romana a todos os protestantes de modo geral, a Igreja AD, ainda sofreu duras perseguições dos próprios protestantes. [...] quanto mais ataques, mais se percebia que o movimento pentecostal crescia. (ANDRADE, 2010, p. 14).

Quanto mais ataques, mais visibilidade ganhava a doutrina pentecostal. Teve-se, posteriormente, o fortalecimento da cultura expansionista, fazendo com que crescessem mais simpatizantes da doutrina da AD, fazendo crescer o número de Assembleias (CONDE, 1968).

Sabendo da grandiosidade da AD, é comum que sejam visualizados inúmeros ministérios na RMF. Assim, no nosso recorte de análise, tem-se a Assembleia de Deus Celebrai a Cristo (ADCC) (Figura 16). É comum nas Assembleias de Deus ter-se a seguinte divisão: Ministério, presbitério e membros. As decisões são direcionadas ao pastor presidente em conjunto aos ministros. Após as decisões serem tomadas, estas são passadas aos presbíteros e dessa maneira, serem divulgadas nas congregações.

Figura 16 – Assembleia de Deus Celebrai a Cristo



Fonte: Acervo da autora (2018).

No caso da ADCC, as decisões ficam na própria comunidade, haja vista ser um mistério novo (02 anos) e ainda não haver congregações. O Pastor entrevistado da ADCC é, portanto, o pastor presidente e fundador do ministério. Em relação a membresia, a igreja conta com cerca de 50 membros ativos, que estão inseridos dentro dos ministérios. Destes agentes, muitos são chamados a serem “cooperadores da obra” e são separados para exercerem funções ministeriais.

No que diz respeito as programações, a ADCC possui cultos semanais nas quartas feiras as 19:30h e sextas feiras as 19h. Aos domingos, os cultos ocorrem a partir das 18:30h e atraem a maior quantidade de adeptos. É valido ressaltar, que segundo o Pr. Roni, uma das maiores contribuições da igreja, além de levar o evangelho à comunidade, é contribuir no desenvolvimento do bairro, por meio de ações sociais, mobilizando a membresia.

4.1.5 Igreja Missão Evangélica Pentecostal do Brasil – Parque Potira (MEPB)

A Missão Evangélica Pentecostal do Brasil atua em diversos estados do país. Seu efetivo estabelecimento no país ocorreu em 1965, tendo sua primeira sede nacional em Recife. Transferida para Natal logo posteriormente.

A respeito de sua organização, a MEPB possui um colegiado chamado Supremo Concílio, que a dirige em âmbito nacional. Esse Supremo Concílio é composto por um Presidente, Vice-Presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, 1º tesoureiro, 2º tesoureiro e três oficiais complementares

Em relação ao seu percurso histórico, o surgimento da MEPB foi em decorrência da ação missionária ordenada pela The Church By the Side of the Road - Igreja da (do lado) Beira da Estrada, para expandir a nova fé pentecostal norte americana, no ano de 1939. Os primeiros evangelistas que chegaram ao Brasil com este intuito foram Harland Edwin Graham e Hazel Evelyn Rader Graham; posteriormente, chegaram o casal de canadenses para ajudar neste serviço, são eles: Ethel Wadlin Matson e Harold Wesley Matson. Os primeiros batismos foram realizados no ano de 1942.

A respeito da identidade fortalecida no ministério, é importante ressaltar a importância que se é dada para a evangelização do Brasil como um todo, distribuindo seus templos em diferentes pontos do território nacional: presente em 21 estados da federação, em 133 municípios e 16 capitais do país (MEPB, 2019). A própria logo do ministério (Figura 17) tem uma simbologia relacionada a ação do espírito santo, ao evangelho de Cristo (bíblia) e a atenção dada a missão no país.

Figura 17 – Logo da MEPB



Fonte: MEPB, 2019.

No caso do Ceará, temos a segunda maior espacialização dos templos da MEPB do país, ficando atrás apenas do Rio Grande do Norte. Sendo assim, a MEPB se faz presente nas cidades de Amontada, Apuiarés, Banabuiú, Beberibe, Camocim, Capistrano, Cascavel, Caucaia, Fortaleza, General Sampaio, Ibicuitinga, Itapipoca, Itapiúna, Jaguaribara, Maracanaú, Maranguape, Palmácia, Pentecoste, Quixadá, São Gonçalo, São Luiz do Curu, Sobral, Taperuaba, Tururú e Umirim.

Em relação ao templo da MEPB – PP, ela possui cerca de 100 membros. Entre estes o Pastor, missionários, obreiros (presbíteros e diáconos), líderes de departamentos e membros batizados. É importante ressaltar, que visualizamos um predomínio de adultos na MEPB-PP e dessa maneira, os departamentos mais atuantes são o feminino e o masculino.

A respeito das programações cotidianas, a MEPB-PP possui cultos durante a semana, sendo as terças e quintas as 19:30h. No domingo tem-se a Escola Bíblica dominical (EBD) as 09h e a noite, culto da família com início às 18:30h. As programações como congressos, conferências e cultos temáticos (missões por exemplo) ocorrem aos sábados.

Segundo o pastor da MEPB-PP, a igreja local existe a mais de uma década. A própria igreja era antes de ser uma igreja apenas sua residência. Isso nos confirma que a ideia de que a MEPB deve estar sempre disponível para seus fiéis faz-se valer por meio de inúmeras estratégias.

Por se tratar de uma igreja antiga na comunidade, muitos adultos que moram próximos a ela acabam frequentando-a, o que corrobora com a interação da igreja com a comunidade do bairro no qual está inserida. Além disso, a igreja se tornou um ponto de referência dentro do bairro, sendo como uma expressão de localização: “fica perto da Missão evangélica do Potira”.

Não existem pesquisas aprofundadas sobre este ministério no país, o que nos faz pontuar a importância de investigar essa comunidade e sua atuação dentro da RMF, haja vista ela ter projetos sociais e missionários, além de programações de cunho social.

4.2 As igrejas evangélicas e as Redes de solidariedade na RMF

4.2.1 Discutindo as redes em Geografia e a existência das redes de solidariedade no movimento evangélico

Pensar no conceito de redes nos remete instantaneamente a seguinte pergunta: que tipo de redes são essas?. Essa pesquisa caminha no sentido de reforçar um novo debate que se constitui dentro da Geografia cultural. Assim, reflete-se sobre a aplicação do conceito não apenas em sua dimensão técnica, mas também sob suas proposições operacionais que podem constituir centralidades devocionais. Com os exemplos empíricos, poderemos comprovar a hipótese que o movimento evangélico ao organizar-se em redes cria/fortalece novas dinâmicas sócio espaciais, com ênfase em novos fixos e fluxos onde se instalam.

É importante ressaltar que o conceito de redes em uma perspectiva nitidamente geográfica, com destaque para a rede urbana, tem se destacado em inúmeros trabalhos desde a década de 1960. Segundo Corrêa (2013), a Geografia em seus diferentes olhares pode contribuir e tornar inteligível a ação do homem sobre a Terra, em que inúmeras construções como os lugares centrais e a própria paisagem cultural podem ser reveladores.

As discussões embutidas ao conceito de redes¹² envolvem desde o aspecto técnico ao aspecto social. No que tange ao aspecto social, é possível ver

¹² A autora Dias (2012), faz uma importante revisão sobre o conceito. Fala do termo que não é recente e tampouco a preocupação em compreendê-lo, sendo a partir da década de 1970, por sua

que na sua própria constituição existem inúmeras relações sociais de diferentes ordens embutidas. Segundo Corrêa (2013 p. 200), elas envolvem “poder e cooperação, além daquelas de outras esferas da vida”. Em outras palavras, existem redes de vínculos sociais, como o caso da rede de parentesco constituída de “membros de uma grande família, ou a de um grupo de pessoas que se organizam em torno de um interesse comum” (*ibid*, p. 201). O que distingue esse conceito dentro da Geografia é o enfoque dado ao espaço geográfico, o que nos leva ao entendimento de que muitas são as redes que podem ser objetos de investigação geográfica, envolvendo a espacialidade e a natureza social dos objetos. Sob os aspectos que determinam tratar-se de uma rede geográfica, o autor Correa esclarece:

Espacialidade e natureza social são as características distintivas das redes geográficas. As redes de parentesco, organizacional e fluvial, vistas, as duas primeiras sem o espaço e a terceira sem a sociedade, não configuram redes geográficas. Por mais importante que seja o seu conhecimento, não constituem objetos de investigação geográfica. (CORRÊA, 2013, p. 202)

A explicação sobre o que constitui as chamadas redes geográficas nos leva a considerar que as redes estão em toda parte, e podem e devem ser analisadas e pesquisadas pelos geógrafos. Em complementação ao que o autor Corrêa explicita sobre o conceito, devemos destacar que as redes são marcadas por diferentes temporalidades.

Segundo Corrêa (2013) existem três dimensões possíveis para analisarmos as redes em Geografia. Cada uma delas sugere temas pertinentes para serem analisadas especificamente, podendo descrever as suas complexidades. As dimensões sugeridas pelo autor são a organizacional, a temporal e a espacial que envolvem a tríade tempo, espaço e dinâmica interna. Sobre essas dimensões de análises das redes em uma perspectiva geográfica, o autor esclarece:

No que tange à dimensão organizacional, sugeriu-se que se considerassem os agentes sociais (Estado, empresas, instituições e grupos sociais), a origem (planejada ou espontânea), a natureza dos fluxos (mercadorias, pessoas, informações), a função (realização, suporte), a finalidade (dominação, acumulação, solidariedade), a existência (real, virtual), a construção (material, imaterial), a formalização (formal, informal) e a organicidade (hierárquica e complementaridade). A dimensão temporal, por sua vez, envolveria o conhecimento da duração (longa, curta), da velocidade dos fluxos (lenta, instantânea) e da frequência (permanente,

associação as inovações e técnicas que se cria uma vasta literatura sobre seu papel na organização territorial.

periódica, ocasional). Finalmente, a dimensão espacial abrangeria o conhecimento da escala (local, regional, nacional, global), da forma espacial (solar, dendrítica, circuito, barreira) e das conexões (interna e externa). (CORRÊA, 2013, p. 205)

Vemos que as dimensões indicadas pelo autor proporcionam diferentes pontos para se analisar uma rede específica. É importante ressaltar que o pesquisador está livre para escolher dentre as dimensões acima, ou ainda, caso estude todos os aspectos apontados, a intensidade sob cada ponto pode variar conforme seu grau de interesse. Nesse sentido, entendemos que pensar sobre as redes evangélicas nos possibilitam considerar inúmeras situações e pontos no que tange ao tema de redes geográficas.

A problemática é o que determina o caminho traçado no estudo de redes em Geografia, pois podemos analisar desde os agentes envolvidos “vendo-se, para cada um, a função, a frequência dos fluxos e a forma da rede. Ou, com base em outra problemática, é possível estabelecer relações entre a origem da rede, sua finalidade, a velocidade dos fluxos e a conexão” (CORRÊA, 2013 p. 205). Dessa forma, compreendemos que as questões e o interesse sobre o que se quer saber a respeito das redes determinam a seleção dos aspectos relacionados as dimensões do espaço, tempo e estrutura interna.

Em nossas análises, ressaltamos a espacialidade presente nas redes. O que se expressa em localizações e pontos específicos (nós) que resultam em diferentes interações sócio espaciais entre elas (DIAS, 2012). O termo redes de solidariedade, faz menção a relação estabelecida pelas igrejas reformadas, que impulsionam fluxos intensos e diferenciados no âmbito dessas redes envolvendo pessoas, capital, informações, mercadorias; como também cria fixos. Nessa rede, criam-se centralidades em que há uma manifestação de aspectos inerentes às redes geográficas como a criação de hierarquias, disputas de território e poder, dentre outros.

A respeito do termo solidariedade, ele é discutido por muitos autores da sociologia, com destaque para Durkheim. O termo aparece em sua obra clássica “Da divisão do trabalho social” que discute e problematiza como os diferentes grupos constituem uma sociedade e como eles a mantêm coesa, de forma a persistir no tempo unida e marcada pelo compartilhamento de valores e costumes. Nesse sentido, o autor utiliza os conceitos de solidariedade mecânica e solidariedade

orgânica, para entender as mudanças (contínuas e descontínuas) nos agrupamentos sociais a partir da modernidade.

Anteriormente à modernidade se estabelecer, nas sociedades primitivas, o tipo de solidariedade predominante segundo Durkheim (1979) era do tipo mecânica, entendendo que a estrutura e morfologia da sociedade influencia a vida de seus membros, englobando-os. Com a modernidade, tem-se o alargamento das liberdades individuais, concernindo a liberdade de pensamento e ação. Tem-se, portanto, o surgimento da solidariedade orgânica, que pressupõe a emergência dessa nova forma de moralidade. Uma das pretensões do autor é demonstrar que ainda com a modernidade, as formas de solidariedades se articulam, e sendo assim, a própria dimensão religiosa é demonstrativa dessa continuidade.

Nessa conjuntura, entendemos que a religião articula práticas primitivas à complexidade estabelecida no período contemporâneo. Isso, de certa maneira, demonstra que a religião não constitui uma ruptura completa com o passado, e portanto, com as práticas sociais estabelecidas que aproximam as formas de solidariedade orgânica à mecânica. Isso ocorre pois, ainda que a modernidade tenha trazido a laicização e diminuído a influência das instituições religiosas, segundo o autor, não significou uma superação da religião.

Houve, portanto, a sobrevivência das características do que constitui o sagrado, de certos sentimentos coletivos, e que de certa maneira envolve nos rituais e cerimônias os membros da comunidade. Os atributos do passado, os valores embutidos nas crenças preservam um tipo de solidariedade envolvente, correspondente aos povos primitivos e condizentes às demandas das sociedades modernas.

Para entendermos melhor a inexistência dessa completa ruptura, podemos trazer à tona as relações de solidariedade como uma constante das comunidades religiosas e também como uma premissa de organização coletiva do cristianismo, como no caso das redes de solidariedade evangélica. Em nosso recorte de estudo, as igrejas evangélicas propiciam a socialização, a confiança e, portanto, redes de ajuda mútua; elas trabalham a solidariedade no âmbito da coletividade em Cristo, e salienta a premissa da individualidade em Cristo (duas esferas da vida comunitária). As redes de solidariedade estabelecidas constituem maior amplitude geográfica, envolvendo diversos sujeitos e atuando intensamente na (re)organização do espaço geográfico.

Dessa forma, as redes de solidariedade adentram não apenas no cotidiano religioso, também se inserem nas demais esferas como o trabalho, os negócios, o consumo e o lazer. A cultura religiosa propiciada pelo movimento evangélico atribui sentido às práticas socioespaciais e motiva diferentes ações, o que nos leva ao entendimento de que amplia-se o desenvolvimento social.

As várias formas de interação entre os indivíduos, resultam em uma ação coletiva que contribui para o civismo ou a vida humana associada em forma de comunidade. Quanto maior a rede de engajamento cívico – seja nas associações de moradores, grupos religiosos, festas de bairro etc. – maiores as conexões entre os indivíduos, maior o capital social. (SERAFIM; MARTES; RODRIGUEZ, 2012, p. 219).

Sendo assim, é possível compreender que na rede de solidariedade tem-se o constante fluxo de recursos e interações, por meio dos nós de articulação que a estrutura em redes permite. As relações que são estabelecidas nas redes podem ser “formalmente instituídas quanto relações informais e são simultaneamente resultado e causa de um conjunto de forças que agem sobre as pessoas ou unidades sociais” (*Ibid*, p. 220).

A dimensão organizacional do movimento evangélico reflete principalmente na constituição de redes de solidariedade, agregando e fortalecendo a fé protestante no desenvolvimento de práticas e comportamentos que transcendem a dimensão individual. Nas palavras de Lüchmann (2014):

Essas redes permitem a conexão entre os indivíduos, estimulando relações baseadas na confiança e na transcendência da esfera estritamente individual. Daí a importância de associações que promovem os encontros face a face ou das associações secundárias, por permitirem o desenvolvimento dessas conexões (p. 163).

A existência da comunicação secundária bem como do associativismo religioso estabelecido no cotidiano pelas igrejas evangélicas é movida pela mesma crença “que unifica o protestantismo, independentemente das controvérsias e disputas entre os seus adeptos” (DUNSTAN, p. 07).

Nessa articulação que envolve a dimensão organizacional das igrejas, e que concretiza a constituição de redes solidárias - bastante fraternas - são estabelecidas estratégias culturais de convívios e cooperação que buscam, na maioria das vezes, uma renovação, agregação de uma juventude ativa e na concretização de ritos e rituais - que envolvem práticas de lazer e as festas – direcionados a fé cristã.

No que tange ao aspecto temporal dessas redes, é possível perceber que as redes de solidariedade evangélicas possuem movimentos de articulações mais intensos durante os ciclos natalino e pascal (dezembro-abril). Nesses recortes temporais as redes de solidariedade evangélicas podem tornar-se mais densas e eficientes, de forma a transpassar barreiras espaciais adversas.

É importante lembrar, que a perspectiva de redes de solidariedade não está restrita ao movimento evangélico, sendo portanto, incorreto dizer que a fé cristã reformada foi pioneira em estabelecer essa solidariedade. Na verdade, ela se insere em uma ideia maior de solidariedade humanista e religiosa presente no espaço urbano.

4.2.2 A dinâmica cíclica das festas cristãs (natal e páscoa) para as práticas solidárias.

Pensar a festa como objeto de estudo da Geografia traz à tona a íntima relação que se estabelece entre espaço e tempo, pois “toda festa corresponde a um tempo-espaço especial” (OLIVEIRA, 2007, p. 23). Isso ocorre porque a natureza da festa é efêmera e ao mesmo tempo precisa de um substrato geográfico para que ocorra. O contexto de festa estabelecido exalta uma identidade social, qualifica lugares, paisagens, monumentos, dentre outros. Sendo assim, a dimensão festiva envolve objetos materiais em sua dimensão imaterial e demonstra a força de uma coletividade.

Nas sociedades, de forma geral, existe o tempo da festa. Dessa forma, a festa assume inúmeras características, tendo, portanto, uma realidade heterogênea. (TEIXEIRA, 2010). Sobre a festa, sua principal característica faz menção a sua relação com o tempo. Segundo Teixeira (*ibid*), a festa ocasiona uma ruptura com o tempo cotidiano, que por ser universal, proporciona a “inautenticidade, o anonimato, a desidentificação” (p. 20). Importante ressaltar, que para que a festa ocorra é necessário ter-se um ambiente de regozijo, um propósito que implique “uma ruptura com o cotidiano, seus trabalhos, cuidados e cansaços” (LAGES, 2010).

Sendo assim, entendemos que a festa surpreende o óbvio da vida cotidiana. Ela recria o tempo, fazendo com que, tanto no plano individual como no plano comunitário, resinifique-se a realidade vivenciada. A necessidade por este outro tempo mítico, intemporal, encarnado na festa, é pelo fato de o seu tempo ser

um tempo fora do tempo” (TEIXEIRA, 2010, p. 21), ou seja, além da dimensão cotidiana.

Existe uma multiplicidade de festas, que abarcam diversas temporalidades e características, segundo Oliveira (2007), todas as formas de festejar trazem consigo um ato de fé, ainda que sejam identificadas e reduzidas a um “exótico consumível” pelo planejamento turístico por exemplo. No tempo das festas religiosas, temos uma evocação do tempo mítico e a experientiação do tempo linear. Isso demonstra que as festas religiosas têm a articulação, aproximação, relações conflituosas entre o vivido e o evocado. Sobre isso, nas palavras dos autores:

A valorização conferida a um objeto (coisa ou evento) que a festa emana como ruptura e elevação face ao cotidiano, submetendo o profano (necessário, porque toda a festa vive de comportamentos humanos) ao sagrado/separado (o objecto da festa). (TEIXEIRA, 2010, p. 23)

Nenhuma festa religiosa (sagrada e central), em qualquer escala de abrangência, deixa de ter sua dimensão profana (laica e periférica). O contrário, embora seja verdadeiro, não se manifesta de forma tão clara e imediata. Pode-se afirmar que essa “duplicidade” das festas seja complementada por outra duplicidade de ordem política: a festa também é o espaço ritual das tensões e conciliações simultâneas. Em todas elas algo de passado e de futuro se torna desafiadoramente presente (OLIVEIRA, 2007, p. 24).

É perceptível, portanto, que a festa religiosa articula elementos e objetos sagrados/sacralizados aos aspectos profanos pois “sem espírito e corpo não há festa” (TEIXEIRA, 2010, p. 24). É válido ressaltar, que nas festas religiosas – com destaque para as protestantes - a dimensão espiritual, que faz menção ao porquê da celebração, costuma sobressair-se sobre a dimensão “material (os ingredientes da festividade). Assim, se as comunidades religiosas privilegiam a primeira dimensão, as festas espontâneas dos jovens deixam transparecer mais a segunda” (TEIXEIRA, 2010, p. 24), ou ainda, reduz-se festas religiosas apenas a sua dimensão profana, como é o caso da festa carnavalesca (OLIVEIRA, 2007).

Para o entendimento da festa, é necessário conhecer suas motivações de realização, e o modo como serão estabelecidas as celebrações. Isso nos permite identificar o caráter simbólico presente nas festas religiosas pois “cabe ao símbolo não somente significar a coisa ou o evento, mas sobretudo celebrá-los, utilizando os meios de expressão que melhor revelam o valor outorgado ao objeto da festa” (TEIXEIRA, 2010, p. 25).

Segundo Teixeira (2010) a festa corrobora com a identificação dos grupos ou comunidades, pois atua com papel simbólico mediador. Isso ocorre pelo fato da festa trazer à memória elementos específicos da crença religiosa, proporcionar momentos de sociabilidade entre os sujeitos envolvidos, identificar e os aproximar. As festas – religiosas ou não – “são uma restauração periódica das fontes da sociedade” (TEIXEIRA, 2010, p. 29).

Sobre as festas religiosas, presente em todas as sociedades (HACKMANN, 2006), acreditamos que elas se constituem como meio produtor de sociabilidade. Além disso, teóricos como Turner (1969) apontam que elas são capazes de informar e fortalecer códigos sociais; atuando como meios que legitimam uma ordem e visão de mundo. Nesse contexto de festividade, é garantido “o estatuto e a existência do indivíduo ou do grupo” (TEIXEIRA², 2010, p. 63). Assim, as festas religiosas trazem consigo um capital simbólico, que pode ser conservado, reproduzido e manipulado conforme os objetivos e contexto sócio espacial vivenciado.

Sobre a relação estabelecida entre as festas e as cidades, é importante ressaltar que as festividades estiveram por muito tempo orientando o calendário das sociedades. Sendo assim, as festas marcaram os principais ritmos e eventos da vida social, fortalecendo a relação que se estabelece entre o sagrado e o profano. Sobre a dualidade sagrado-profano que pode estar presente nas festas, Lages afirma que os “acontecimentos de conteúdo espiritual e os outros de cariz marginal apenas mostra que as realidades culturais prosperam no conflito” (LAGES, 2010, p. 138).

Para entendermos a dimensão festiva cristã, é importante destacar que sua estrutura é do tipo teândrica. Isso quer dizer que as principais festas são distribuídas a partir de eventos relacionados a Jesus Cristo. Isso ocorreu devido a comunidade primitiva cristã não ter se adaptado única e simplesmente às festas dos judeus, divergindo em alguns aspectos; o resultado foi o surgimento das festas específicas cristãs (HACKMANN, 2006).

As festividades tipicamente cristãs foram iniciadas, a partir das reuniões que se estabeleceram entre os seguidores de Cristo. Segundo o autor Hackmann (2006) o ponto inicial deu-se a partir da comemoração da ressurreição de Jesus, em que a “redenção da humanidade ocorreu”. Posteriormente, ao final do século II “a Páscoa hebraica torna-se uma Páscoa cristã. Um século mais tarde, a festa das semanas torna-se o Pentecostes cristão, sendo Jesus o novo conteúdo dessas

festas, embora continue a ser enviada a referência às antigas festas hebraicas” (HACKMANN, 2006, p. 873).

Ainda a respeito das festividades cristãs, uma típica e original festa é a Ascensão, ocorrendo entre a Páscoa e Pentecostes. O Natal é “a última festa das grandes festas cristãs a nascer [...] provavelmente por volta de 335, em Roma. Nasceu para se opor à festa do deus Sol” (HACKMANN, 2006, p. 873).

Vê-se, portanto, que as igrejas cristãs distribuem suas principais festas entre o nascimento e a morte de Jesus, e nelas, tem-se elementos de identificação. Sobre isso, o autor Teixeira aponta que podem existir festas que tentem fortalecer uma espécie de cultura do “oriente mítico” ou de “Europa cristã”, tentando neutralizar a herança helênica instaurada pelos processos de hibridização cultural. Os demais eventos cristãos, caminham no sentido de fortalecer a crença e dogmas cristãos, e ainda, de forma a diminuir a “progressiva paganização da cultura” (TEIXEIRA, 2010, p. 32).

Vale ressaltar, que as igrejas cristãs reformadas centram suas festividades apenas na pessoa de Jesus Cristo, diferentemente da vertente do catolicismo ortodoxo, por exemplo, que acreditam que “Venerar Nossa Senhora ou um santo ou uma santa não afasta de Jesus Cristo, mas se torna uma manifestação de sua salvação” e nesse sentido, as festas religiosas dirigidas “a Nossa Senhora ou a um santo ou uma santa, de devoção popular, exaltam a soberania de Jesus Cristo e de sua salvação, mantendo a centralidade cristológica, pois Jesus Cristo permanece sempre como o centro da fé” (HACKMANN, 2006, p. 882).

Sobre as festas do Natal e da Páscoa, o autor Lages (2010) insere-as no quadro das chamadas “fast feast”. Essa terminologia faz menção a festa (do fim) de um jejum, e no caso do Natal e da Páscoa, “a primeira, terminando o jejum e a abstinência do Advento, continuada ainda na Consoada e resolvida no repasto do dia seguinte, com seus pratos escolhidos e rituais; a segunda, nas festas pascais em que se quebram iguais restrições da Quaresma” (LAGES, 2010, p. 135).

Nessa perspectiva, em nossas atividades empíricas, foi possível compreender a importância das festas e eventos cujas características se aproximam do tempo festivo, para o movimento evangélico. As cinco igrejas pesquisadas, demonstraram atribuir bastante valor às festividades cristãs – com destaque para as que ocorrem durante os ciclos natalino e pascal; não apenas pelo sentido simbólico (em relação ao que motiva a celebração: Ex: Nascimento de Cristo).

No que tange ao aspecto simbólico, todas as igrejas acreditam ser importante valorizar as festividades cristãs, que giram em torno do nascimento e morte de Jesus Cristo. É válido ressaltar, que as festividades cristãs apropriadas pelas igrejas reformadas são centradas unicamente na pessoa de Jesus. Assim, as práticas mais comuns visualizadas e comunicadas pelas igrejas durante o recorte de dezembro-abril, que ligam-se a dinâmica da festa, são as relacionadas ao Natal e a Páscoa.

No período natalino, a festividade pode ser realizada na forma de Cantatas de Natal, comumente realizadas no dia 25 de dezembro. Como o próprio nome já determina, hinos natalinos evangélicos são apresentados, de forma a relembrar aspectos do nascimento e trajetória do messias na terra. É importante destacar o grau de empenho pelas igrejas na realização dessas atividades, pois, independentemente do tamanho do ministério (maior ou menor quantidade de fiéis), a celebração é realizada, e segundo os pastores, conta com o empenho dos membros e até da participação de membros de outros ministérios.

Figura 18 – Cantata de Natal MEPB em 2018



Fonte: Acervo da autora (2018).

Além disso, alguns instrumentos, aparelhos de som e elementos decorativos/ de iluminação são alugados pelas igrejas, demonstrando que a

organização desse evento envolve outros sujeitos, como microempreendedores da área. O desenvolvimento dos comércios do entorno e da área são fortalecidos pelas práticas de festividade, sem dúvidas sequer.

Outro destaque evidenciado nas igrejas evangélicas que acreditamos se estender também as demais, ocorre pelo grau de importância atribuído às festividades, haja vista a visibilidade que estes eventos proporcionam dentro da sociedade que estão inseridas. As igrejas evangélicas acreditam que essas festividades constituem um importante momento de evangelização, ou seja, de alcance de novos membros e adeptos. Também constituem uma oportunidade de demonstrarem a identidade da cultura religiosa que têm fortalecido e que acreditam ser propícia aos cidadãos da RMF.

Destacamos aqui, que as festividades dentro desse recorte temporal podem resultar em outras formas de articulação. A dimensão organizacional das igrejas evangélicas fomenta a criação de diferentes estratégias para reviver/relembrar/honrar essas datas e nesse contexto, alcançar mais fiéis. Um dos pontos bastantes comuns percebidos é que com a festa de Natal e seu efeito de solidariedade durante todo o mês de dezembro, por exemplo, as igrejas evangélicas sentem a necessidade de proporcionar ao bairro benefícios que vão além da dimensão espiritual. Isso quer dizer que, para além da sua função eclesial, as igrejas evangélicas analisadas tendem a desenvolver um importante papel social, que, de maneira bastante intensa, transforma a realidade socioespacial dos habitantes da cidade.

O que rege as práticas evangélicas é a noção de integralidade (SANCHES, 2009). Essa integralidade consiste no entendimento de que a realidade dos homens é vasta e integra inúmeros aspectos que estão relacionados entre si. Sendo assim, estes aspectos não podem ser tratados parcialmente, e a igreja, nesse sentido, deve buscar atuar em todas as esferas possíveis, de maneira integral (*ibid*).

Sendo assim, a relação que se estabelece entre as igrejas evangélicas com o período natalino resulta em diferentes ações sociais solidárias. De forma a comprovar o que estamos falando, a IURD pesquisada teve como principal iniciativa a realização de um evento social, de forma a oferecer diversos serviços para a sociedade. Segundo o Pastor da IURD-PP, o evento, realizado no dia 22 de dezembro de 2019, significou o “O Natal da IURD, para a comunidade”. Veja a figura 19 em mosaico sobre a divulgação e realização do evento:

Figura 19 – Mosaico de fotos da Divulgação e realização do evento da IURD- Potira.



Fonte: Acervo da autora (2019).

A respeito desse evento, é importante atentar que sua realização ocorreu em uma escola municipal, referência no bairro. Segundo apreendido nas entrevistas, é comum que atividades como essa sejam realizadas na escola, pois existe uma intensa valorização por parte da gestão da escola de práticas como essa, que proporcionem benefícios a comunidade menos abastada, sendo assim, o próprio público da escola.

A ADCC, nesse mesmo espírito solidário e dando destaque ao que foi explicitado pelo pastor presidente, também realizou uma ação social no mês de dezembro na própria igreja, de forma a atrair mais pessoas e agregar valor ao ministério (Figura 20).

Figura 20 – Folder de divulgação



Fonte: Rede social Instagram da ADCC.

Na ocasião, é importante atentar que para participar e ter acesso aos serviços disponibilizados no evento, a igreja cobrou 01kg de alimento. Tal fato evidencia uma estratégia bastante frequente utilizada pelas igrejas evangélicas analisadas que é a arrecadação de alimentos, de forma que sejam disponibilizadas cestas básicas e fardos de alimentos para a população mais carentes do bairro (fiéis, visitantes e demais sujeitos), bem como a instituições que desenvolvam atividades sociais dentro do bairro e áreas adjacentes (orfanatos, lares de idosos e casas de reabilitação de usuários de drogas por exemplo). Essa estratégia, ocorre nas igrejas durante todo o ano, em que são levantados alimentos nos dias de santa ceia¹³, porém, é no período de fim de ano que a solidariedade se intensifica e que essa ação assume assim, maior proporção e alcance no bairro.

A dinâmica festiva continua exercendo sua influência, também, durante o período de páscoa. Neste período, é comum que o movimento evangélico debruce inúmeros esforços em montar atividades relacionadas a essa data. Assim, nas

¹³ Momento mensal em que é rememorado o sacrifício de Cristo na cruz, havendo a comunhão pelo partir do pão e pelo vinho que simboliza o sangue de Cristo.

igrejas evangélicas pesquisadas percebemos uma variação na forma de celebração e apropriação desta data:

Quadro 11 – Celebração evangélica durante a Páscoa no ano de 2019

Igrejas Pesquisadas	Atividades realizadas
Igreja Universal do Reino de Deus - Parque Potira (IURD-PP)	Campanhas e reuniões
Igreja de Deus no Brasil - Parque Potira (IDB-PP)	Cultos celebrando o sacrifício de Jesus
<i>Igreja Pentecostal Ministério Maanaim (IPMM)</i>	Retiro neste período
<i>Igreja Assembleia de Deus Celebrai a Cristo (ADCC)</i>	Retiro neste período
<i>Igreja Missão Evangélica Pentecostal do Brasil – Parque Potira (MEPB-PP)</i>	Culto e Peça Paixão de Cristo

Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019)

Vemos, portanto, a multiplicidade de atividades que marcam o período de dezembro-abril nos ministérios. As principais festas e celebrações cristãs neste período corroboram com diferentes estratégias de articulação, projetos e ações sociais e demonstram a interação entre o movimento evangélico e a comunidade.

Além disso, para além do movimento evangélico, existem outras confissões cristãs e outras entidades religiosas que atuam em redes de solidariedade em diferentes graus de intensidade durante o período dezembro-abril. No próprio recorte espacial, destacamos a Paróquia Nossa Senhora das Graças do Parque Potira (PNSDG – PP) que possui celebrações e ações solidárias cotidianas e com maior intensidade neste período (Figura 21).

Figura 21 – Paróquia Nossa Senhora das Graças do Parque Potira (PNSDG – PP)



Fonte: Jurema News (2019)

Outras vertentes religiosas como as afrodescendentes e as comunidades espíritas se fazem presentes em vários pontos do país, a incluir a RMF. Sendo assim, destacamos que no bairro Potira existe a presença dessas comunidades, que podem ser aqui mapeadas futuramente, de forma a adensar nossas comparações sobre as redes de solidariedade adensadas pelo movimento evangélico.

5 REDES DE SOLIDARIEDADE EVANGÉLICA E A FORMAÇÃO DE CENTRALIDADES URBANO- DEVOCIONAIS NA RMF

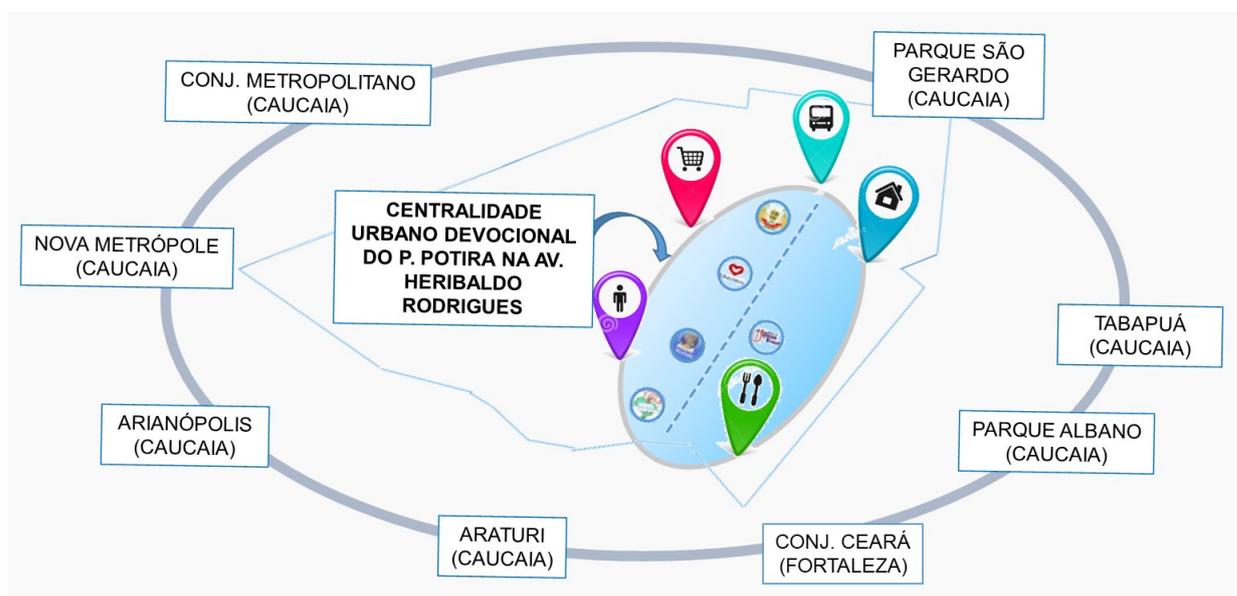
As discussões do tópico anterior demonstram a intensa rede de solidariedade que se estabelece entre as igrejas evangélicas durante, majoritariamente, o ciclo natalino e pascal, movidas pelo espírito solidário inerente a religião. Nessa perspectiva, continuaremos pensando a importância dessas redes de solidariedade, entendendo a participação, protagonismo dos diversos agentes (sociais e econômicos).

Trazemos uma breve introdução ao entendimento de centralidades urbanas, e em que medida, os templos e igrejas podem impulsionar na criação de fixos e fluxos, ao ponto de termos o que chamamos de centralidades urbano-devocionais. É importante lembrar que não faremos um estado da arte detalhado a respeito do tema de centralidade urbana, utilizaremos alguns autores e elementos básicos da discussão para o que achamos ser importante em nossa discussão central.

Vale ressaltar ainda os dados qualitativos expostos neste capítulo, que ajudam a confirmar nossa ideia de que as centralidades urbano-devocionais são corroboradas pelo movimento e integração que a rede de solidariedade evangélica no recorte pesquisado proporciona. Isso significa, que as igrejas evangélicas da av. Heribaldo Rodrigues ao se articularem com sujeitos externos ao movimento (comerciantes, população residente, dentro outros) criam um adensamento urbano-devocional que fortalece a centralidade da área.

Esse adensamento/articulação/integração das igrejas e seus aspectos devocionais aos elementos que constituem o espaço urbano na área, ultrapassam os limites do município, fortalecem a criação de fixos e os fluxos, fazendo com que áreas metropolitanas próximas façam parte da área de influência dessa centralidade urbano-devocional constituída (Figura 22).

Figura 22 – Mapa cognitivo da centralidade urbano-devocional da Avenida Heribaldo Rodrigues, elementos constituintes e áreas de interação metropolitana.



Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2020).

Sendo assim, esse capítulo tentará apresentar a realidade analisada, demonstrando os elementos que constituem a centralidade urbana da avenida pesquisada, e ainda, apresentando elementos que demonstram a organização das redes de solidariedade evangélica e a forma que interagem com diversos sujeitos internos e externos a ela a partir das práticas devocionais festivas e solidárias. O resultado, é o que chamamos de centralidade urbano-devocional.

5.1 Breve contextualização sobre centralidade e sua formação: aspectos visualizados na Av. Heribaldo Rodrigues

5.1.1 Discutindo a centralidade urbana

Diversos teóricos como Sposito (1991) e Oliveira Junior (2008) debruçam sua atenção sobre a cidade e os aspectos que a caracterizam. Dessa maneira, sobressaem-se as diferentes formas de expressão de centralidades nas cidades contemporâneas, o que faz surgir a seguinte questão: O que define uma centralidade? A resposta para esta pergunta evidencia como os espaços são diferentes e se (re)produzem constantemente, ao passo que forjam em si características próprias que são concentradoras de pessoas, serviços, infraestrutura,

dentre outros. Isso revela que o espaço urbano é desigual, forjado a partir das condições de atratividade estabelecidas pela sociedade que nele habita.

Nesse sentido, a dinâmica presente no espaço urbano se mostra conflituosa por apresentar facetas de concentração e dispersão, características presentes já nas primeiras aglomerações como aponta Barreto (2010):

As cidades, ainda que numa forma inicialmente incipiente, resultaram da concentração de várias funções, até ali dispersas e desorganizadas, e da congregação dos habitantes das redondezas, num espaço físico normalmente delimitado por uma construção amuralhada – a cidadela, o que permitiu criar condições para o exercício do poder sagrado e secular, conferindo-lhe, por outro lado, uma carga simbólica, por dominar, em plano elevado, sobre a aldeia e o espaço circundante (BARRETO, 2010, p. 26).

Caminhando nos estudos sobre centralidades e áreas centrais, percebemos que essas têm sido/são destaque para diversas áreas do conhecimento, envolvendo profissionais pertencentes desde a economia à arquitetura por exemplo. Em uma breve discussão sobre os conceitos de centro e centralidade temos que considerar uma diferenciação no que tange às abordagens de estudos das áreas centrais, sendo eles os de estrutura urbana e estruturação. Vale ressaltar, que essas correntes embora aparentem certa proximidade, trazem olhares diferentes e merecem ser atentadas.

Antes de tratar do primeiro grupo de teóricos que se encontram filiados a corrente de estrutura urbana é necessário destacar a teoria proposta por Christaller (1981) que dedicou-se a estudar as causas que levariam as cidades a organizarem-se em redes, com diferentes tamanhos, funções e graus de importância. Este autor colaborou nos estudos no que diz respeito ao papel das áreas centrais, de forma a considerar a relação de interdependência entre as cidades conforme seu desenvolvimento econômico e de seus habitantes. Segundo o autor:

[...] Falemos, neste sentido, simplesmente, da 'centralidade' de um lugar com relação à região circundante, ou o grau em que a cidade exerce funções centrais. Dessa forma, estamos em condições de falar de uma centralidade maior ou menor, crescente ou decrescente, de um lugar (CHRISTALLER, 1981, p.29).

Os autores que fazem parte da corrente pautada sobre o conceito de estrutura urbana, filiados à Escola Estruturalista de Chicago (também conhecida por Ecologia Urbana) e à Escola Francesa Clássica consideravam o centro como sendo algo fixo. Eles atentavam a sua forma e sua localização, buscando fazer minuciosas

descrições das áreas analisadas. Seus estudos buscavam ver o padrão de concentração, traçando modelos que davam conta da realidade analisada, constituindo explicações sobre a forma desse espaço urbano (SILVA, 2001).

O segundo grupo, realizava debates sobre a centralidade intraurbana sob o conceito de estruturação urbana. Diferentemente da corrente anterior, suas análises não se detinham apenas sob o que estava fixo, também se expressam nos fluxos “de pessoas, de automóveis, de capitais, de decisões, de informações e, sobretudo, de mercadorias” (SILVA, 2001, p. 108).

Sendo assim, nessa breve contextualização, percebe-se que o estudo sobre as chamadas centralidades urbanas se articula a noção de estrutura e estruturação urbana, envolvendo portanto os fluxos, que podem ser de pessoas, de mercadorias e informações por exemplo, bem como a concentração de formas com funções urbanas variadas presentes. A concentração de diferentes formas em uma área do espaço geográfico ajuda a entendermos a forma urbana, sua dinâmica e evolução (SANTOS, 1993).

A concentração de diferentes atividades e serviços que corrobora ou impulsiona os fluxos cotidianos leva a centralização urbana. Tem-se, portanto, uma intrínseca relação entre formas, funções e estruturas urbanas, que tornam complexo e modificam o espaço urbano, criando condições para a existência das chamadas áreas centralizadoras.

Corroborando com esse pensamento, o professor Castells (1983) explicita que toda centralidade é um elemento fundante das articulações entre os demais elementos da estrutura urbana, sendo constituída por um conteúdo social ao passo que se trata de um local geográfico. Isso nos leva ao entendimento de que toda centralidade é conteúdo e forma, e nessa estruturação do espaço urbano existem diferentes conflitos: “o centro urbano, como a cidade, é produto: por conseguinte, ele exprime as forças sociais em ação e a estrutura de sua dinâmica interna” (CASTELLS, 1983, p. 274).

É importante ressaltar que as centralidades existentes não se limitam apenas aos centros tradicionais, haja vista o processo de reprodução de novas formas e expressões da centralidade reforçarem a noção de concentração, conforme se reproduz as formas de centralidade (SPOSITO, 1991). Sendo assim, as novas centralidades que se formam tendem a constituir subcentros, distantes dos centros

tradicionais, e que, a medida dos seus desenvolvimentos e dinamismos oferecem serviços e conseguem atender as necessidades de uma população, em escala local.

A respeito da criação e do desdobramento das centralidades urbanas Lefebvre (1999) destaca que os aspectos concentradores do urbano se enfraquecem e se rompem, necessitando de um novo centro, uma área periférica. Isso acontece pois o “o urbano é cumulativo, de todos os conceitos, seres da natureza, resultados da indústria, técnicas e riquezas, obras da cultura, aí compreendidas maneiras de viver, situações, modulações ou rupturas do cotidiano” (LEFEBVRE, 1999, p.112). O que significa para o autor que “a criação se interrompe, mas por sua vez para criar” (*ibid*, p.112).

Essa interrupção/criação descrita por Lefebvre amplia, (re)distribui os fluxos, diferenciando e segmentando os espaços da cidade. Essas novas centralidades estão diretamente ligadas a dinâmica de (re)produção do espaço urbano pois concentram atividades econômicas e sociais, bem como equipamentos urbanos, gerando novas interações e articulações entre as partes do tecido urbano. Sendo assim, as novas centralidades (áreas centrais, subcentros, etc.) se apropriam da função que era anteriormente desempenhada apenas pelos centros tradicionais (CORRÊA, 1995).

É notória a importância, portanto, das discussões envolvendo os conceitos de centro e centralidade, haja vista esses conceitos estarem revestidos da compreensão referente a estruturação do espaço urbano, em várias escalas espaço-tempo.

As áreas que constituem novas centralidades são marcadas pela diversidade cultural, social e econômica. Sendo assim, acreditamos que as centralidades criadas/fortalecidas nas áreas urbanas estão ligadas também as práticas religiosas que são inerentes a cidade. Isso nos leva a acreditar que os templos e igrejas cristãos existentes determinam lugares com maior ou menor poder de centralização.

Em nossa concepção, isso é possível haja vista as transformações que as religiões cristãs passam no espaço urbano. Nesse sentido, podemos visualizar alguns reflexos sobre as devoções, como renovação da experiência cristã. Sobre as mudanças do cristianismo devocional com foco no catolicismo, o autor Lopes (2010) discute as novas práticas devocionais, as formas de linguagens, gestos e ritos e

ainda, a criação de novos espaços para a presença da devoção, intimamente ligadas e existentes no cotidiano das cidades.

Segundo o autor, a referência devocional católica está ancorada na imagética religiosa, dando visibilidade e materialidade a fé cristã e assim, remetendo “à manutenção de princípios que orientam e condicionam os padrões sociais de ação dos devotos, configurados nas relações estabelecidas com a iconografia religiosa” (LOPES, 2010, p. 114). A constituição das novas práticas devocionais católicas, analisadas pelo autor, não se limitam apenas ao que está fixo nas cidades, como também àquilo que está em movimento e no campo do pluralismo religioso contemporâneo.

Em relação ao estudo de Lopes sobre o catolicismo vemos aspectos semelhantes ao movimento evangélico com o que tange as práticas devocionais e a transformação do espaço urbano, fortalecendo um dos aspectos inerentes do movimento que é a relação entre seu crescimento e os processos de metropolização periféricas. Ou seja, assim como no estudo de Lopes, as práticas devocionais assumem importância para a ascensão da cultura estabelecida pelas vertentes evangélicas existentes, que produzem novos espaços, novas formas de agir e falar por exemplo.

Estudos como o de Ricardo Mariano se debruçam em analisar a expansão do movimento evangélico no país. Segundo o autor (2008), a esse crescimento justifica-se a centralidade do movimento evangélico estar nas periferias, suprindo as necessidades da sociedade, que padece pela falta de políticas públicas. Sendo assim, o autor destaca o intenso crescimento do pentecostalismo na periferia das regiões metropolitanas “que priorizaram o proselitismo dos estratos pobres da população, orientação que caracteriza as que ocupam o topo do ranking nacional” (p. 70).

O Pentecostalismo cresce, sobretudo, na pobreza e na periferia das regiões metropolitanas. Seus fiéis concentram-se majoritariamente na base da pirâmide socioeconômica. Comparados à média da população brasileira, os pentecostais congregam mais mulheres do que homens, mais crianças e adolescentes do que adultos, mais negros, pardos e indígenas do que brancos, apresentam maior proporção de pessoas com cursos de alfabetização de adultos, antigo primário e primeiro grau, ocupam mais empregos domésticos e precários e, em sua maioria, recebem até três salários mínimos. (p. 70 à 71).

As igrejas evangélicas atuam, portanto, de maneira bastante intensa nas áreas de periferias urbanas. Lá seu público cresce, expande e constitui novas

práticas devocionais, fortalecendo e adensando o urbano. A centralidade urbano-devocional é portanto o fortalecimento desse complexo urbano a partir das práticas devocionais das comunidades evangélicas. Esse novo cenário marca as inter-relações que se estabelecem entre os fixos religiosos evangélicos na contemporaneidade, os serviços/ empreendimentos, e os moradores da área que podem se constituir como fiéis-consumidores.

5.1.2 Elementos da centralidade urbana da Av. Heribaldo Rodrigues

A av. Heribaldo Rodrigues é marcada pela intensa atuação dos setores da cidade, se constituindo como um nó na malha urbana, oferecendo e dispondo de diversos serviços. Sendo assim, podemos observar o quadro abaixo com os serviços existentes na avenida enfocada:

Quadro 12 – Tabulação de comércios e serviços da Av. Heribaldo Rodrigues – Caucaia/CE

ESTABELECIMENTO COMERCIAL	TOTAL
Água	02
Automotivos	02
Celulares e aparelhos eletrônicos	01
Farmácias	03
Informática	04
Livrarias e papelarias	03
Materiais de construção	03
Moveis	02
Óticas	01
Perfumarias e cosméticos	02
Loja de Sandálias/Chinelas	01
Utilidades	03
Vestuário	06
Vidraçarias	01
Subtotal	34
SERVIÇOS DE ALIMENTAÇÃO	
Açougue	02
Açaiterias e sorveterias	02
Lanchonetes	04
Padarias	01
Pastelarias	01
Pizzarias	03
Restaurantes	04
Sorveterias	01
Subtotal	18
OUTROS SERVIÇOS	
Barbearias e salões	04
Conserto de Eletrônicos	01
Escolas	01
Escritórios (diversos)	01
Funerária	01
Gráficas	02

Igrejas	06
Lan houses	01
Lava jatos	01
Marcenarias	01
Oficinas mecânicas	02
Postos de saúde	01
Salões de beleza	02
Subtotal	24

Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2020).

O Quadro 12 indica que a av. Heribaldo Rodrigues concentra serviços e atividades econômicas, tendo ainda sua influência e atração sobre outras áreas próximas, seja do próprio município de Caucaia ou de Fortaleza. Isso ocorre pelo fato de quando comparamos as demais avenidas do Parque Potira vemos que a avenida pesquisada se destaca, principalmente em razão da infraestrutura e do desenvolvimento de sua função comercial e de prestação de serviços, que permite que sua população supra suas demandas sem ter de, necessariamente, se deslocar à outras áreas do Município como a área de sua sede.

O crescimento do comércio local e ainda a descentralização de algumas atividades comerciais de centros tradicionais ligam-se ao crescimento e distribuição das periferias urbanas, que motiva a instauração de uma nova ordem comercial. Isso significa dizer que essa ordem altera os diferentes espaços da cidade a incluir as áreas de periferia urbana, haja vista “as formas comerciais se localizarem de acordo com suas estratégias empresariais, onde cooptam todas as camadas sociais de renda possíveis, apenas visando lucros” (GOMES, 2019, p. 09). Essa reorganização do espaço geográfico nas cidades modifica a paisagem urbana, faz nascer novos comércios e por consequência um novo público consumidor com gostos relacionados a sua classe social menos abastada.

A respeito da concentração de comércios em geral, acreditamos que essa aglutinação forma “um conjunto coeso que pode induzir o consumidor a comprar outros bens que não faziam parte de seus propósitos” (CORRÊA, 1995, p. 57), cuja relação com as novas áreas centrais, marcadas pela concentração e diversidade de novos serviços, acaba por gerar um novo padrão de consumo. Isso implica em uma funcionalidade e acessibilidade ligadas ao estímulo de associação ao padrão de consumo estabelecido pelo sistema vigente (OLIVEIRA JUNIOR, 2008). Nesse sentido os autores Gluszevicz e Martins esclarecem (2013, p. 13):

O crescimento da cidade, tanto em população quanto em espaço físico, proporciona o desenvolvimento de uma reestruturação interna na organização espacial urbana e comercial que aponta para a emergência de novas centralidades e novas estratégias de localização das atividades econômicas, que engendram mudanças na produção da cidade e nas práticas de consumo de seus moradores.

A centralidade que essa avenida constitui, marcada pelos constantes fluxos de pessoas, mercadorias e capital é fortalecida pela acessibilidade na área e sua localização estratégica próxima a outras avenidas de destaque no distrito como a Av. Dom Antônio de Almeida Lustosa. O conceito de acessibilidade segundo Graeml e Graeml (2002 *apud* SFREDO, PEREIRA, MORAES, DALMAU, 2006) é a demonstração da evolução da definição de localização física. Em que as distâncias envolvidas se tornaram menos importantes que a infraestrutura existente em determinada área.

Conforme Sposito (2001), temos muitos fatores que contribuem para a criação de centralidades e dentre eles estão os meios de transporte que permitem uma maior acessibilidade às áreas geográficas.

Nessa perspectiva, a presença de serviços de transporte público como linhas de ônibus interurbanas, intermunicipais e a estação de trem do Conjunto Ceará que se localiza próxima a av. Heribaldo Rodrigues corroboram com a dinâmica de fluxos na área. A acessibilidade é complementada ainda pelos transportes particulares como os dos chamados 'táxi amigo'.

Percebe-se que a serviços de transporte e acessibilidade nos espaços das cidades se desenvolvem e originam importantes redes que interligam a cidade. Através desses equipamentos tem-se a intensificação da existência dos fluxos metropolitanos. Esses elementos presentes no distrito da Jurema, próximos a av. Heribaldo Rodrigues garantem a fluidez e a manutenção de suas atividades socioeconômicas, corroborando ainda mais em seu desenvolvimento e na ampliação dos processos de urbanização, metropolização e de interação espacial que tem passado.

Em relação a quantidade de templos e igrejas presentes na av. Heribaldo Rodrigues, vemos que esses são bastantes significativos, estando em maior proporção de atividades socioeconômicas expostas no quadro 10. Essas igrejas (cristãs) atendem grande público com características distintas, pois há entre elas uma diversidade de doutrinas e posturas que possibilita com que atendam uma maior diversidade de gostos. A construção e existência desses templos religiosos

evidencia, sua característica nos centros urbanos, que segue sua lógica de implantação:

De um lado, localizam-se onde haja fiéis, para expressar uma comunidade local, de outro, seguindo uma visão racional e administrativa, localizam-se em locais estratégicos “para criar, no mapa da cidade – e do mundo, caminhos visíveis de confluência e fazer nascer [...] a Comunidade de fiéis. (LOPES, 2010, p; 115)

Sendo assim, vê-se que a av. Heribaldo Rodrigues se consolida como uma centralidade urbana, marcada por espaços de práticas religiosas cristãs que fortalecem a dinâmica urbana e acabam por dar um novo aspecto a sua centralidade: a devoção.

5.2 Redes de solidariedade evangélica externa: a constituição da centralidade urbano-devocional

Em nossas atividades de campo, foram percebidos elementos que contribuíram para a consolidação de nossa hipótese, que trata sobre a existência de centralidades urbano-devocionais desenhadas a partir das redes de solidariedade evangélica. Sendo assim, notamos que esta teia de relações constituinte da centralidade que nomeamos por urbano-devocional abarca diferentes sujeitos e organizações.

Vale ressaltar que a centralidade urbana ligada aos serviços nas comunidades periféricas pode ser fortalecida/ estabelecida a partir de articulações em redes de diferentes iniciativas organizacionais. Cleps e Carvalho (2006), ao estudarem a relação existente entre a cidade e o comércio avalia as diferentes formas de apropriação e produção do espaço geográfico, tendo como base as inovações tecnológicas e a mudança locacional de diferentes atividades como o comércio varejista, que cria e redefine “novos fluxos materiais e imateriais, promovendo a formação de novas centralidades” (*ibid*, p. 81).

Nesse contexto, as autoras ao enfocarem as redes de mercantis, de pequenos e médios comerciantes no triângulo mineiro, reitera a importância das práticas de associativismo e do “comércio de vizinhança”, haja vista serem “uma forma de se manter no mercado, visto que as vantagens apresentadas por essas associações não se referir apenas ao aumento dos lucros e à comercialização” (*ibid*, p. 93), e que “a formação das redes de associativismo demonstram que a

concentração do setor também pode ser realizada por pequenos e médios comerciantes” (*ibid*, p. 98). Segundo as autoras:

No caso de Uberlândia, apoiadas na estrutura dos grandes atacadistas, as redes de associações fortaleceram-se e criaram as condições necessárias para que seus clientes possam sobreviver no mercado. Enquanto estabelecimentos comerciais voltados ao abastecimento de populações que habitam os lugares próximos a eles, esses impuseram uma nova dinâmica local que suscitou a formação de sub-centros. (CLEPS, CARVALHO, 2006, p. 99).

Sendo assim, vemos a importância das práticas associativas e de articulação em redes, que acaba por influenciar a dinâmica urbana e criar/ fortalecer as centralidades. A seguir, apresentaremos os elementos que confirmam a integração e articulação na rede de solidariedade evangélica pesquisada, que fomentam fluxos e constituem fixos na área, criando, portanto, centralidades urbano-devocionais.

5.2.1 As igrejas evangélicas da Av. Heribaldo Rodrigues e sua articulação/ colaboração com o comércio próximo

É notória a integração e articulação das formas e funções urbanas. No caso analisado, destacamos a expressão e interação das atividades econômicas (serviços e comércios) presentes na av. Heribaldo Rodrigues com as Igrejas evangélicas pesquisadas, a incluir seus membros. Os comércios, em sua maioria, são fortalecidos e/ou dependem do fluxo de pessoas proporcionado pelas igrejas evangélicas.

As observações diurnas durante a semana mostram um movimento bastante razoável de pessoas na avenida, porém, aos finais de semana, em que algumas dessas igrejas mantêm seus templos abertos para desenvolverem atividades (reuniões entre membros, ensaio, organização do templo e etc.) tende a crescer o aumento de consumo nos comércios. Tal fenômeno também pôde ser observado durante os cultos e encontros abertos a comunidade, em que os fiéis se direcionam aos comércios, no ‘pós culto’ por exemplo.

Vemos, portanto, que a dimensão organizacional das comunidades evangélicas tende a proporcionar dinâmicas espaciais diversas, conforme sua agenda de atividades. Isso demonstra ainda mais a constituição da centralidade

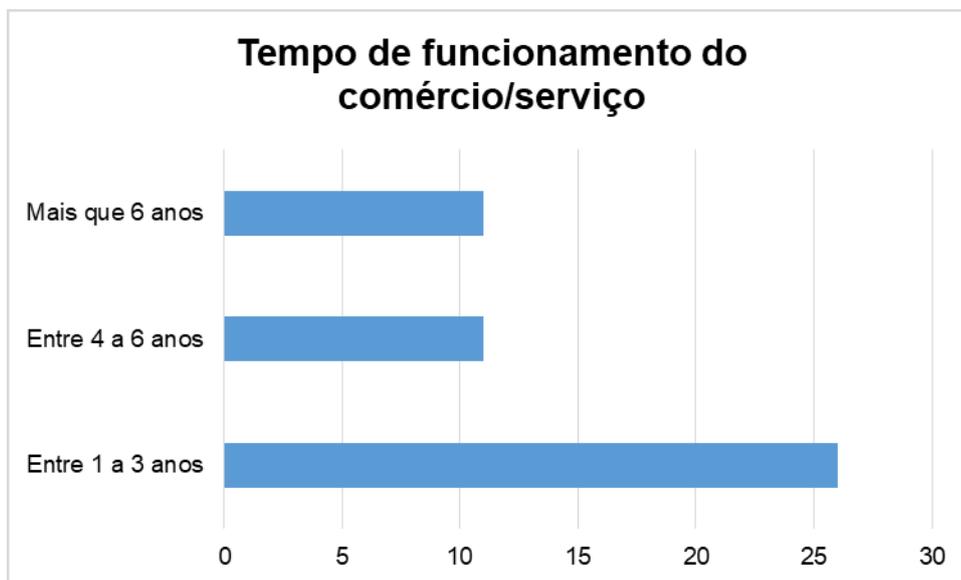
urbano-devocional, que não se limita apenas ao que está fixo, e também ao que está em movimento.

A centralidade se presta a modificações que ocorrem em variações temporais mais curtas e inconstantes. Dessa forma, constata-se que a centralidade pode ser redefinida continuamente em curtos intervalos de tempo, o que torna possível que a sua apreensão se realize a partir da noção de centralidade cambiante. Essa apreensão, é resultante não apenas das relações decorrentes da articulação entre o que está fixo e o que está em movimento, mas das variações impressas e expressas nessa articulação no decorrer de determinados intervalos de tempo. Esses intervalos podem, inclusive, ser de curto período, estabelecendo diferenças de fluxos nas diversas áreas centrais, em diferentes horários de um mesmo dia ou entre diferentes dias da semana. Ou seja, a centralidade exercida por determinada área pode acentuar-se ou dissipar-se momentaneamente e em diferentes intensidades (OLIVEIRA JUNIOR, 2008, p. 215).

Para comprovar a relação de interdependência e colaboração que se estabelece entre as organizações religiosas pesquisadas, seus membros/cooperadores, e o setor terciário da área, um questionário foi aplicado com os comerciantes (APÊNDICE C). Sendo assim, 48 questionários válidos foram analisados para entendermos a relação estabelecida entre os sujeitos econômicos com os demais sujeitos e organizações religiosas, que fortalecem a centralidade urbano-devocional nesta área. A seguir, analisaremos e discutiremos os principais resultados retirados dos questionários a respeito da relação que se estabelece entre Igreja evangélica e o comércio local presente na av. Heribaldo Rodrigues.

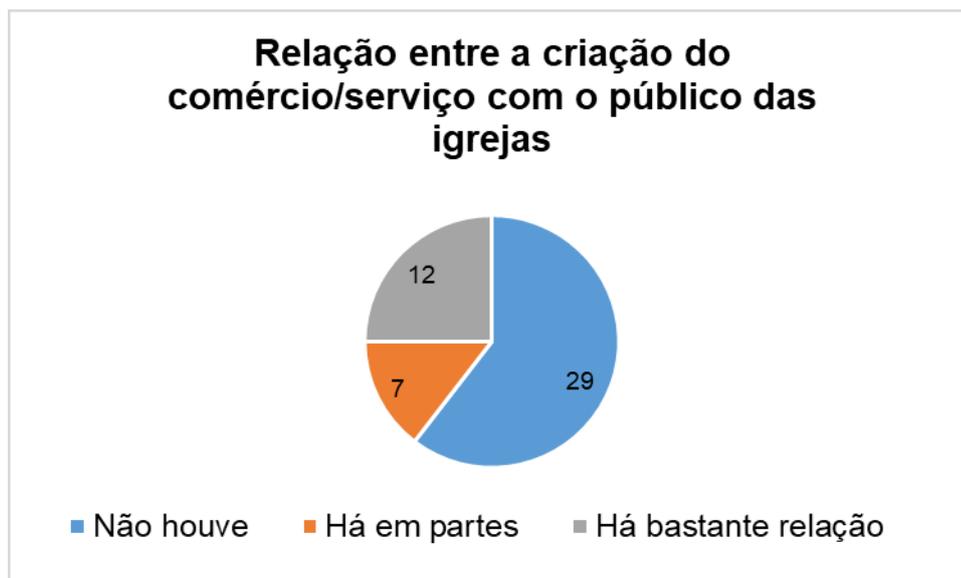
No quadro 12 foi possível perceber a variedade de comércios e serviços presentes na av. Heribaldo Rodrigues, que fazem com que ela se destaque entre várias outras ruas e avenidas do Parque Potira. Esses empreendimentos, possuem características específicas como tempo de funcionamento e que ligam-se diretamente a presença das comunidades eclesiais e do seu público.

No gráfico 1 percebe-se, portanto, que a maior parte dos comércios presentes na av. Heribaldo Rodrigues se tratam de comércios recentes. Isso condiz com a realidade das igrejas evangélicas pesquisadas, pois algumas se estabeleceram na área ou foram criadas em um período de até cinco anos.

Gráfico 1 – Tempo de funcionamento do comércio/Serviço

Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019)

O gráfico 2 demonstra a relação que se estabelece entre a criação desses novos comércios e as igrejas presentes, objetivando atrair seu público frequentador. Esse fenômeno ocorre em diversas áreas onde há a presença de igrejas e das práticas devocionais.

Gráfico 2 – Relação entre a criação do comércio/serviço com o público das igrejas

Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019)

Sobre a relação de criação do comércio próximo às igrejas, Souza, Franco e Silva (2017, p. 02) enfatizam:

Vemos surgir no entorno das igrejas diferentes sujeitos que se apropriam desses espaços para diferentes finalidades. A função comercial, seja na sua forma informal ou formal, está cada vez mais presente devido aos ritos que atraem um grande número de frequentadores que poderá tornar-se um consumidor.

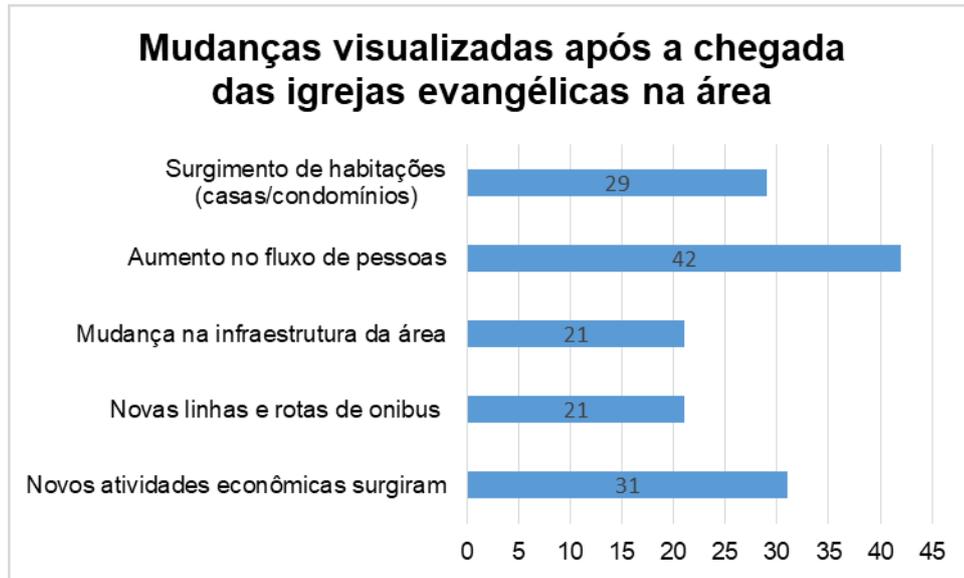
Em um trabalho sobre os critérios locacionais das empresas, os autores Sfredo, Pereira, Moraes e Dalmau (2006) descrevem fatores utilizados pelos comerciantes para a escolha de espaços onde se localizarão. Segundo eles, esses fatores relevantes são os insumos (mão-de-obra, matéria-prima); as atitudes e fatores da comunidade; a proximidade ao mercado consumidor; facilidade de acesso, infraestrutura e localização dos concorrentes. Voltando nosso olhar para nossa análise, podemos evidenciar alguns desses princípios básicos, os quais podem envolver em sua maioria o público que frequenta as igrejas evangélicas.

Outro ponto que merece atenção condiz a percepção e experienciação dos comerciantes sobre as mudanças ocasionadas na paisagem urbana, tendo como motriz a inserção e constituição das igrejas evangélicas na avenida estudada.

Gráfico 3 – Mudanças visualizadas após a chegada das Igrejas evangélicas na área



Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019).

Gráfico 4 – Mudança na área após a chegada das igrejas evangélicas

Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019)

Os gráficos 3 e 4 demonstram como as igrejas evangélicas alteraram a paisagem urbana da av. Heribaldo Rodrigues. Essa alteração influenciou no desenvolvimento do comércio da área, que acaba por se beneficiar das mudanças ocasionadas na organização do espaço urbano. Percebe-se, portanto, que existe uma importante relação entre os comércios e as igrejas evangélicas haja vista a existência dessas igrejas modificarem a paisagem urbana em sua totalidade, envolvendo seus aspectos materiais e imateriais.

A relação que se estabelece entre a paisagem urbana e a religião ultrapassa as características visíveis “tais como locais de culto, apesar destes mostrarem mais claramente formas e funções religiosas, mas também na experiência da fé” (Rosendahl, 2001, p. 27). Sendo assim, “é possível reconhecer o sagrado, não só como aspecto da paisagem religiosa, mas também como elemento de produção do espaço” (*ibid*).

Segundo Silva (2016) existe uma intensa relação entre movimento evangélico e a paisagem. Há, por exemplo, a própria constituição de uma paisagem sonora que se forma na RMF, ultrapassando os limites da propagação de sons e que adentra os vínculos sociais, emocionais dos sujeitos. Segundo o autor (p. 51):

A paisagem sonora compõe a marca de um lugar, pois evoca memórias e imagens mais duradouras do que aquelas que capturamos com nossa visão. A visão captura a superficialidade do espaço de acordo com a velocidade da refração da luz sobre os objetos. Enquanto a audição reage

aos estímulos cerebrais promovidos pelas ondas sonoras que levam maior tempo que a luz para se propagar, tal fenômeno físico parece ter influência sobre marcas sonoras que se apresentam, muitas vezes, mais duradouras que as visuais. **Os sons seriam então o meio de reforçar a identificação dos sujeitos com um determinado espaço, através do estabelecimento de memória e imaginação. Forma-se uma paisagem sonora que estabelece valores diferenciados para cada sujeito envolvido no processo, contribuindo para criação do sentimento de pertencimento devido a apresentarem sonoridades que estabelecem familiaridade na paisagem.** (SILVA, 2016, p. 51. Grifos nossos).

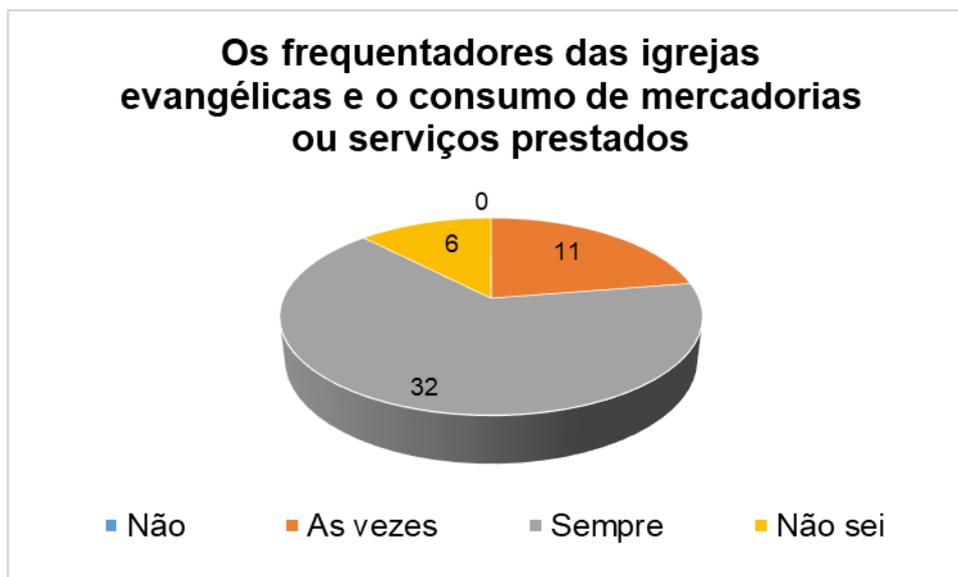
Outro exemplo da inter-relação entre igreja e comércio está na visualização de que se intensifica o fluxo de pessoas, corroborando com o desenvolvimento das atividades econômicas e da infraestrutura na área onde se localizam. Em nosso estudo focado, esses fluxos ultrapassam a escala do município, conforme entrevistas com líderes/ membros das igrejas e análise dos registros de membros, integrando e articulando conjuntos habitacionais de Caucaia (Conjunto Metropolitano, Conjunto Nova Metrópole, Conjunto Arianópolis, Conjunto Araturi e Parque Albano) e de Fortaleza (Conjunto Ceará, Tabapuá e Parque São Gerardo).

Esses constantes fluxos ocasionam mudanças, e ainda, a criação de novos elementos na paisagem urbana que leva a interações espaciais diversas ligadas a devoção, proporcionando, portanto, o fortalecimento e a existência dos comércios locais. Veja:

Acredita-se que a centralidade não se define pela localização, mas pelas articulações entre as localidades, pois se trata de relações espaciais. Assim, estudar o comércio, suas formas e sua localização, significa compreender a organização do espaço urbano e suas complexidades, entender as mudanças sociais e a evolução dos valores e da estrutura urbana. Investigar as atividades comerciais, possibilita analisar a dinâmica da sociedade e o processo de (re)produção da cidade visto que, para o comércio, a localização é uma condição estratégica de desenvolvimento. (CLEPS, CARVALHO, 2006, p. 82)

Entendemos, portanto, que as atividades devocionais desempenhadas pelos fieis das igrejas evangélicas (re)cria uma nova dinâmica social, que dá subsídios para a escolha estratégica de inserção de atividades terciárias diversificadas na área. O próprio público frequentador das igrejas estudadas são também consumidores dos serviços oferecidos pelos comércios locais (Gráfico 05).

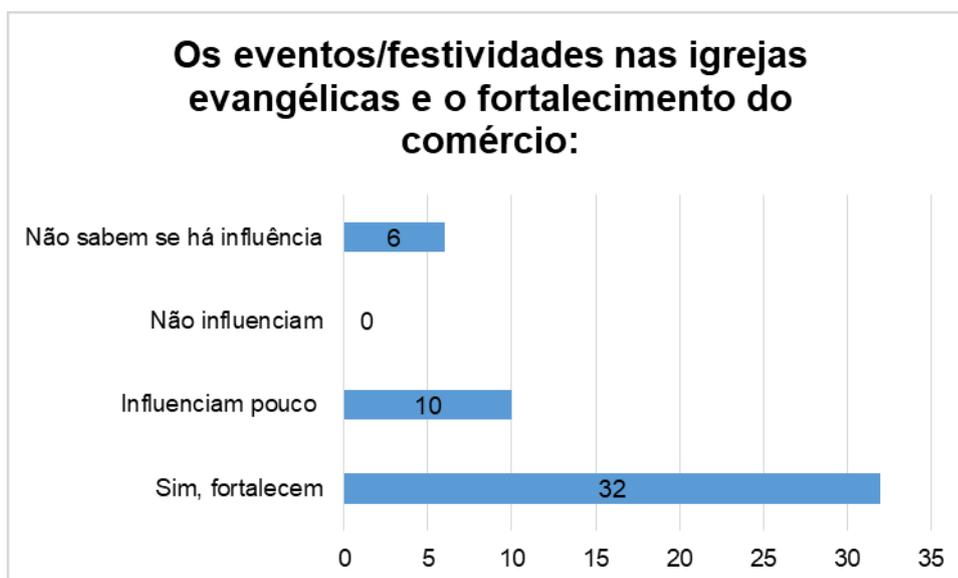
Gráfico 5 – Frequentadores das igrejas evangélicas e o consumo de mercadorias/serviços



Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019)

As relações entre as igrejas evangélicas e o comércio local também se estrutura a partir dos eventos e festividades cristãs, em duas vertentes principais, durante o ciclo de dezembro-abril principalmente. A primeira vertente está relacionada ao poder de atração que as festividades e eventos realizados pelas comunidades eclesiais têm, de modo a fortalecer o comércio local (Gráfico 5).

Gráfico 6 – Os eventos/festividades evangélicas e o fortalecimento do comércio



Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019)

A segunda vertente se trata das articulações e parcerias estabelecidas entre os comércios e serviços da avenida com as igrejas evangélicas. Essas parcerias possuem, em sua maioria, fins solidários para a comunidade, em que 32 comerciantes que participaram da aplicação do questionário (cerca de 66% dos participantes) responderam que se envolveram em alguma dessas práticas de cunho social. Observe no quadro, 13 algumas respostas dos comerciantes, retiradas do questionário:

Quadro 13 – Comerciantes e participação em eventos solidários evangélicos:

Questionário	Resposta coletada
Questionário 07:	<i>Festa de Natal, em prol de alimentos. Ocorrem mais no fim do ano, pelo clima de solidariedade.</i>
Questionário 11:	<i>Uma ação social, em que tinham muitos serviços gratuitos como corte de cabelos e manicure. Ocorrem bastante e sempre ajudo, não só por ser evangélica mais pela comunidade que é bem carente.</i>
Questionário 23:	<i>São eventos para arrecadar doações de roupas, dinheiro e alimentos. Já participei de um monte, principalmente durante o período de quaresma.</i>
Questionário 39:	<i>Um evento na quadra da escola para a comunidade em que entregaram as cestas de alimentos. Já tiveram no natal e no início do ano.</i>

Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019).

Essas respostas são representativas e se assemelham a maioria das respostas do questionário, em que os comerciantes e prestadores de serviços tendem a fortalecer as práticas solidárias desenvolvidas pelas igrejas evangélicas.

Sobre as práticas solidárias, vale lembrar que as mesmas não se limitam a um grupo religioso específico. Trata-se de um aspecto inerente a religião, que fortalece a esperança em mudanças sociais (ALVES, 1993). Segundo Buryti (2008) a religião se envolve nas causas sociais como a pobreza haja vista a falta de assistência e políticas públicas que impõem “a sociedade civil o ônus de se redefinir para assumir funções de provisão e proteção social deixadas pelo Estado”.

É válido ressaltar que a maior parte dos comerciantes ressaltaram nessa questão aberta a ocorrência de eventos solidários, que tendem a ocorrer mais intensamente no período de dezembro e abril, pegando os principais eventos e atividades cristãs (Natal e Páscoa).

As respostas presentes nos questionários, como as expostas no Quadro 13, podem ser confirmadas também na fala de líderes e representantes das igrejas evangélicas da av. Heribaldo Rodrigues durante as entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE A). Na conversa com eles, ao adentrarmos no assunto sobre as

parcerias com representantes próximos a igreja, eles falam sobre o quão importante isso tem sido para efetivação dessas atividades. Sendo assim, observe no quadro 14 algumas falas dos líderes das igrejas analisadas sobre parcerias com representantes próximos a vizinhança eclesial (comerciantes/ prestadores de serviços/ políticos/ etc.):

Quadro 14 – Igrejas e parcerias na comunidade

LÍDER ENTREVISTADO	RESPOSTA COLETADA DA ENTREVISTA
<p>Líder Entrevistado 1/3 MEPB:</p>	<p><i>Nós fazemos o possível para engajar a comunidade em nossas atividades. A gente também precisa deles, de ofertas e como puderem ajudar. Isso é muito bom para a igreja e principalmente para a comunidade. Muitos comerciantes doam alimentos, quando fazemos ações sociais, porque a comunidade daqui precisa. A gente também se envolve em eventos e procuramos tentar alcançar a mesma colaboração como se fosse nós quem estivesse fazendo.</i></p>
<p>Líder Entrevistado 2/3 MEPB:</p>	<p><i>Como você viu, somos uma igreja antiga aqui no Potira. As pessoas nos conhecem e já viram nossas atividades. Elas já foram ajudadas ou fizeram com a gente a obra. Os mercantis recebem os nossos obreiros e ajudam principalmente quando fazemos entrega de cestas básicas. Tem até uns membros que tem negócios aqui perto e fizeram palestras sobre eles. E nos outros eventos eles participam também.</i></p>
<p>Líder Entrevistado 3/3 MEPB:</p>	<p><i>Eu congrego aqui a mais de 6 anos e desde o início, quando nem era obreiro, já via a missão fazer isso aqui. Meu pastor tem ajudado em outras obras aqui próximo, de gente que precisa. Tem muitas áreas aqui no Potira que precisam de cestas, e nós conseguimos nos cultos de santa ceia e com doações do comércio.</i></p>
<p>Líder Entrevistado 1/2 Igreja PMM:</p>	<p><i>Nós estamos aqui a pouco tempo e já organizamos e pomos em prática alguns projetos. Nossa experiência nos mostra que a igreja precisa se destacar, influenciar pessoas e ajudar. Estamos tentando fortalecer a confiança da comunidade para continuar ganhando sua colaboração nos projetos da Manain.</i></p>
<p>Líder Entrevistado 2/2 Igreja PMM:</p>	<p><i>A Manaaim está tentando as parcerias com eles. Em alguns casos eles entram como voluntários, em outros damos alguma oferta simbólica. Temos contato com alguns políticos, mas ainda não chegamos a usar essa ajuda nos projetos sociais ainda.</i></p>
<p>Líder Entrevistado 1/2 IDB:</p>	<p><i>Desde quando nos localizávamos no Potira I a gente tem ajuda dos comerciantes. Sempre apresentamos a ideia, mostramos como nossa intenção ajudará a comunidade e como eles fortalecem e ganham visibilidade na comunidade. Eles nos ajudam, claro, dependendo das condições que estejam (alguns mais e outros menos), e sempre bem-vindo.</i></p>
<p>Líder Entrevistado 2/2 IDB:</p>	<p><i>A gente costuma pedir colaboração, seja com doações, seja com mão de obra e sempre conseguimos. A igreja precisa retornar a era primitiva e dar atenção ao social, a comunidade.</i></p>
<p>Líder Entrevistado 1/1 IURD:</p>	<p><i>Em alguns momentos buscamos, principalmente no finzinho do ano. É comum recebermos doações de alimentos, de mercadorias que fazemos rifas. Isso tudo são para ajudar os membros que estão com problemas de dinheiro e para se manter e as famílias que também precisam, mesmo não sendo membros.</i></p>
<p>Líder Entrevistado 1/2 ADCC:</p>	<p><i>A gente busca sim. Nossa igreja não tem recursos para tudo e sempre que precisamos procuramos ajuda. A gente também retribui essa ajuda, porque tem que haver algum retorno também [...].</i></p>

Líder Entrevistado 2/2 ADCC:	<i>Sim, a igreja costuma fazer. Claro que não é sempre e pra tudo, é mais em datas importantes quando queremos fazer algo maior, aí corremos atrás de renda e recursos.</i>
---	---

Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019).

Vemos, portanto, que as redes de solidariedade evangélica estabelecidas não se limitam aos sujeitos internos as igrejas, elas envolvem os agentes econômicos da própria comunidade (externos a sua dimensão organizacional). Essa relação de conexão e articulação fortalece e impulsiona cada vez mais a existência de centralidades devocionais na periferia urbana, que tende a ser favorecida pelas práticas de desenvolvimento psíquico, espiritual, social, econômico pelas igrejas.

Sobre essas ações desempenhadas pelo movimento evangélico, Almeida e D'Andrea (2004) em uma pesquisa na favela paulistana de Paraisópolis, destacam especificidades das redes evangélicas e suas frentes de atuação:

As redes evangélicas trabalham em favor da valorização de pessoas e das relações pessoais, gerando aumento de auto-estima e impulso empreendedor no indivíduo, mas também fomentam a ajuda mútua por meio de laços de confiança e fidelidade. Nos templos há circuitos de trocas que envolvem dinheiro, alimentos, utensílios, informações, recomendações de trabalho etc. A diferença dos programas sociais promovidos de fora da favela por católicos e kardecistas, trata-se de uma reciprocidade entre os próprios fiéis moradores da favela (pastores inclusive) que se pauta pelo princípio bíblico de ajudar primeiro os 'irmãos na fé' (os frequentadores do mesmo templo). Estes se casam majoritariamente entre si; muitos parentes se evangelizam e se tornam assim 'irmãos de fé'; a sucessão religiosa nos templos também passa costumeiramente pela rede de parentesco. Assim, sobrepõe-se no âmbito evangélico as redes familiares e religiosas, bem como as de vizinhança e de conterrâneos. (ALMEIDA; D'ANDREA, 2004, p. 103 à 104).

Vemos, portanto, que os evangélicos ao criarem suas redes de solidariedade fazem circular dentro delas recursos materiais e imateriais. Além disso, eles integram outros sujeitos e organizações, que reforçam as dinâmicas socioespaciais. Tal fato vem sendo de suma importância para o comércio local, pois o fluxo e o consumo gerado pelas igrejas evangélicas tendem a fortalecê-los, reforçando a perspectiva de centralidade urbano-devocional.

Vimos, no gráfico 5 que a maior parte dos comerciantes confirma que os membros e fiéis das igrejas evangélicas consomem ou já consumiram seus serviços. No quadro 15, temos algumas respostas de membros e fiéis que foram entrevistados e confirmam sua apropriação dos serviços oferecidos próximos na igreja, ainda que não morem no município.

Quadro 15 – Fiéis e seus usos/consumos no bairro

Igreja	Trechos coletados das entrevistas gravadas
Entrevistas MEPB:	<p><i>Entrevista 01/05: Eu moro aqui na Heribaldo então todos os locais que frequento e mais conheço são daqui. [...] Além de ir à igreja eu trabalho, e sinto falta aqui perto mais de banco e hospital.</i></p> <p><i>Entrevista 02/05: O Potira tem crescido bastante. Quando eu me mudei era só mato. Tem surgido lojas de tudo que é tipo e isso facilita pra gente, que acaba comprando por aqui.</i></p>
Entrevistas IPMM:	<p><i>Entrevista 01/03: Eu não moro aqui no bairro como te disse, mas sempre chegamos antes do culto e acabamos vendo tanto o movimento como as coisas daqui. Sem falar que durante o culto é comum precisar comprar algo, depois do culto sair, enfim. O movimento aqui é bom a noite e tem muita coisa aberta para podermos consumir.</i></p> <p><i>Entrevista 02/03: A gente sempre sai depois do culto. Inclusive tem até uma pastelaria aqui no final da rua que a gente sempre vamos. [...] O comércio daqui também tem de tudo e é bom.</i></p>
Entrevistas IDB:	<p><i>Entrevista 01/04: O Potira é um bom lugar. Onde nossa igreja tá agora é bem melhor que o II. Nós moramos aqui no bairro e gostamos. Precisam melhorar mais com praças. [...] De comércio está bom e economizamos deixando de ir para Fortaleza, quando tem o serviço aqui. [...] Essa rua é uma das que tem mais comércio.</i></p> <p><i>Entrevista 02/04: Eu trabalho em Fortaleza, mas minha vida e família é aqui. [...] Aqui no bairro tem comércio, UPA, nossa igreja, tem tudo e aqui na rua tem muita loja e mercantil que atende bem nossas necessidade.</i></p>
Entrevistas IURD	<p><i>Entrevista 01/03: Eu não moro aqui mas noto que é bem desenvolvido, sabe? O que eu preciso quando eu venho de dia ensaiar, aqui tem. Na rua mesmo eu vejo de tudo, camelô, farmácia, gráfica.</i></p> <p><i>Entrevista 02/03: O que eu preciso aqui tem: restaurante, loja, posto. Aqui pertinho mesmo tem uma escola que também é muito conhecida. Tem de tudo e tem gente de outros bairros até de fortaleza que vem fazer negócios. [...] eu costumo ficar por aqui, consumir.</i></p>
Entrevistas ADCC:	<p><i>Entrevista 01/03: Sim, aqui está bem de coisa. A gente mora na jurema e sempre vem por aqui mesmo não sendo dia de culto, para ver os irmãos. [...] Aqui tem açai, mercado, lojas.</i></p> <p><i>Entrevista 02/03: Desde que mudou o prefeito, aqui tá melhor. Tem muito comércio novo, e isso é bom. [...] A gente costuma ficar por aqui, só falta o trabalho mudar para cá.</i></p>

Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019).

Vemos, portanto, que há a apropriação do espaço pelos membros e frequentadores das igrejas. Estes, podendo ser residentes ou não do município, ao se deslocarem aos templos e igrejas consomem diretamente do que a centralidade devocional tem a oferecer, seja com o comércio, os serviços (espirituais ou não) e a

infraestrutura da área. Sobre esse aspecto, ao estudar a dinâmica urbana da área central de Fortaleza os autores Souza, Franco e Silva (2017) afirmam haver uma intrínseca relação com as igrejas cristãs pesquisadas, em que ambos (igreja e setor terciário) se beneficiam:

Vemos que a dinâmica urbana impulsionada por essas igrejas faz com que haja uma dinamização do comércio, e por conseguinte uma produção espacial diferente ao que se tinha antes dessas igrejas. Vemos ainda, que trata-se de uma via de mão dupla, pois muitos dos que também vão consumir do que se é oferecido no entorno dessas igrejas acabam sendo atraídos a visitar/tornarem-se membros participativos dos cultos e missas desenvolvidos nas igrejas. (p. 08 à 09)

Tais informações nos possibilitam pensar um primeiro esboço de uma rede que articula igrejas evangélicas e seus membros, com as festividades, eventos cristãos e práticas solidárias, somados aos agentes econômicos (comerciantes e prestadores de serviços) e a infraestrutura do local.

5.2.2 Articulação/integração entre as igrejas evangélicas da Av. Heribaldo Rodrigues e outros ministérios (destaque para os ciclos natalino e pascal).

Sabemos que existem seis igrejas na av. Heribaldo Rodrigues. Destas, cinco são evangélicas e possuem características específicas que marcam a própria diversidade e renovação do movimento evangélico. Uma realidade existente entre as igrejas evangélicas (não exclusivamente deste grupo religioso) são as articulações em redes, que fortalecem e estimulam o crescimento dessa vertente cristã na urbe contemporânea.

Dessa forma, essa relação de conexão, articulação e integração também ocorre entre as próprias igrejas evangélicas pesquisadas. Apesar da lógica de competitividade que pode existir no movimento evangélico, essas articulações objetivam diversos fins e acabam por atenuar as práticas de distanciamento e “rivalidade” entre elas. A respeito dessas articulações, elas possuem como principal objetivo a propagação do evangelho, que tende a “render frutos ao reino” e o auxílio a comunidade.

Nas entrevistas semiestruturadas com os líderes das igrejas pesquisadas (APÊNDICE A), ao conversarmos sobre as articulações com outras igrejas próximas,

notamos que há em determinados momentos bastante articulação entre eles. Foi possível evidenciar que eles entendem que há diferenças entre elas (doutrinas/regimento/etc.) mas que atividades específicas podem ser fortalecidas pela união entre elas. Essa articulação é ainda mais intensa entre as vertentes evangélicas de um mesmo grupo (pentecostal por exemplo) e de um mesmo ministério (Igreja de Deus no Brasil por exemplo), e ainda, podem ser menos expressivas se tratando de ministérios neopentecostais específicos como a Igreja Universal do Reino de Deus.

Veja no Quadro 16 trechos da resposta dos líderes entrevistados quando perguntados sobre as estratégias de articulações com outras igrejas próximas e planejamentos durante os períodos dos ciclos natalinos e pascal:

Quadro 16 – Estratégias conjuntas nas Festividades segundo os Líderes:

Líder Entrevistado	Resposta coletada da entrevista gravada
Líder Entrevistado 1/3 MEPB:	<i>Há sim. A gente sempre costuma fazer encontros, fazer retiros, fazer alguns projetos juntos com outras igrejas, inclusive daqui próximo. Aqui tem uma igreja que a gente sempre faz, o pastor é nosso conhecido e isso é bem forte dentro do nosso ministério, porque a gente acha que se ajudar é importante. E aí durante o natal e páscoa, como você perguntou, a gente sempre busca fazer atividades, a gente faz cantata de natal, arrecada alimentos, a gente faz a peça de teatro e aí a gente monta na medida do possível, convida outras pessoas para participarem e tudo mais. Então ocorrem assim.</i>
Líder Entrevistado 2/3 MEPB:	<i>Normalmente a gente faz alguns convites, para chamar pessoas que são evangélicas, para virem nos ajudar cantando, fazendo peça, ensinando dança. Então essas pessoas elas vem nos ajudar principalmente nesses períodos assim de natal que a gente tem que fazer algo melhor, que é o momento que a gente tem com a comunidade porque nem todo mundo pode vir no culto do ano novo, então é no natal que a gente tem esse momento principalmente aí. E os outros eventos como na pascoa, que você perguntou, sempre tem, a gente também costuma fazer uma peça, ou então quando a gente não faz porque não tem gente suficiente a gente vai para outra igreja, atende esse convite, articula, tenta se integrar e funciona dessa forma.</i>
Líder Entrevistado 3/3 MEPB:	<i>A nossa igreja ela tem sim alguns momentos que a gente interage com outros ministérios, e a gente quando é culto de mulheres, culto de obreiros a gente convida outros ministérios, outros pregadores, outros cantores, e aí a gente sempre faz essas integrações. No natal e ano novo isso acontece. A gente faz uma cantata, a gente se organiza, quando é evento social a gente também chama outros obreiros para participar, outros obreiros para ajudar, para fazer um evento bom, grande, organizado. A gente tem também o trabalho de pensar com antecedência tudo isso com as comissões. As igrejas do nosso próprio ministério a gente costuma trabalhar junto principalmente, inclusive nos convites, inclusive nas articulações dos projetos sociais e aí a gente sempre consegue. No período de dezembro, isso aí é mais forte, em abril também e no início do ano.</i>
Líder Entrevistado	<i>O nosso ministério ele tem tentado fortalecer essa articulação em nossa igreja. Inclusive pela nossa experiência isso acontece bastante,</i>

1/2 IPMM:	<i>principalmente nas ações sociais dentro das comunidades. Aqui nós ainda estamos tentando fortalecer esse vínculo, nós já fomos convidados para participar de um evento, nós fomos e prestigiamos como foi possível. Quando isso acontecer nos vamos fazer o nosso melhor, nós já estamos organizando internamente um projeto social que vai tentar integrar outras igrejas, para tentar fortalecer em oração, tentar auxiliar no evento em si, nos ajudar na busca de recursos com o que vai ser necessário, convidando pessoas com os contatos que já tem aqui na comunidade. Então a gente está tentando fortalecer essas estratégias.</i>
Líder Entrevistado 2/2 IPMM:	<i>Nós fizemos ano passado um momento de natal e a gente tem sim a intenção de fazer algo maior, como uma peça sobre o nascimento de Jesus; na páscoa uma paixão de Cristo e a gente já começa a pensar nessa articulação, em quem pode ajudar, quem pode participar. Quase certo a igreja vai convidar outras pessoas, e penso que pode ser de igrejas daqui próximas na rua, que já conhecemos alguns líderes. A ideia é realmente se juntar e somar.</i>
Líder Entrevistado 1/2 IDB:	<i>A gente tenta fortalecer esses vínculos com as outras igrejas. Ano passado, no começo do ano, a gente fez um evento com a juventude e a gente convidou outras igrejas, a gente fechou a rua, teve peça, teatro, teve dança, e aí muitas igrejas vieram junto com a gente, e foi um momento bem legal e bem chamativo. Então a gente procura sempre estabelecer essas relações. [...] Sobre o período de natal e páscoa, a igreja desenvolve atividades, Natal normalmente nós fazemos um culto de gratidão, no dia 25, com coral, peça, com um jantar, e aí a gente estende o convite para outras pessoas, para outras congregações da nossa igreja, e na páscoa além do culto a gente fez mais um trabalho voltado com as crianças, certo. A gente costuma fazer arrecadação de alimentos, roupas e brinquedos e entrega as crianças, fazendo com a ajuda do ministério infantil e de outras igrejas. E sempre as coisas tem dado certo, e a ideia é tentar fazer nesse ano mais coisas diferentes, chamado outras igrejas também.</i>
Líder Entrevistado 2/2 IDB:	<i>É muito importante que as igrejas estejam sempre se ajudando. A nossa igreja, claro, ela faz muitos eventos individualmente, para a própria congregação, mas a gente também busca fazer alguns momentos que a gente consiga criar vínculo com outros irmãos de outros ministérios, porque a gente entende que nós todos fazemos parte do corpo de Cristo e a gente tem que se ajudar. Teve eventos grandes que fizemos e convidamos outras igrejas, outros ministérios, e esses momentos tem sido muito bons. Então toda oportunidade que a gente tem, condições que a gente tem, a gente tenta fazer. [...] E os eventos de dezembro são sempre muito bons pois a igreja toda se envolve, chama congregações e da nossa própria também, pra que a gente consiga fazer um momento muito bonito, afinal é sobre o nascimento de Jesus. E também há outros momentos que a gente faz, principalmente nas datas cristãs. É sempre importante está colocando esses eventos.</i>
Líder Entrevistado 1/1 IURD:	<i>A nossa igreja sempre busca realizar eventos solidários, eventos sociais. Nosso objetivo não é apenas levar o alimento físico, mas também e principalmente o espiritual para as comunidades. Nós temos a UniSocial, e aliado a ela temos também voluntários do Força Jovem Universal (FJU), com outros voluntários cristãos, que se unem a gente para realizar essas atividades. Levar socorro aos que são esquecidos pelo poder público, amigos e as vezes pela própria família sempre foi uma marca da nossa igreja. Nos eventos, levamos uma palavra de força e consolo para essas famílias e distribuímos algo. [...] sobre as datas cristãs que você coloca, nossa igreja entende que existem esses marcos, mas também entendemos que existe todo um aspecto pagão em relação a esses eventos e buscamos comemorá-lo de outras formas, principalmente ajudando ao nosso próximo sem medir esforços. Existem muitas comunidades como a UGA-UGA que ajudamos, levamos socorro aos aflitos, construindo um trabalho muito especial.</i>

Líder Entrevistado 1/2 ADCC:	<i>A nossa igreja ela gosta de preparar algo diferente. Se você observar, tem muitos cartazes ali no flanelógrafo que mostram como a gente quer trazer atividades diferentes para os nossos membros. Sempre fazemos convites para pregadores, missionários de outras congregações. Aqui mesmo na rua nós já convidamos o Pastor da Igreja de Deus no Brasil, em que ele veio com a sua esposa e trouxe uma palavra de Deus para os nossos corações. A gente busca desde o início e ao longo desses dois anos que a nossa igreja existe, montar esses momentos, realizar essas articulações, e tem sido muito bom. [...] esses eventos que você coloca, cristãos, nós queremos muito, nós sempre buscamos realizar. Nós fazemos o culto de natal, fazemos o culto da virada do ano, nós fazemos aqui o que é possível pra gente valorizar essas datas. A igreja busca fazer e busca desenvolver. Enquanto a gente não tem ainda todos os ministérios fortalecidos a gente convida pessoas de outras igrejas para nos ajudar.</i>
Líder Entrevistado 2/2 ADCC:	<i>Nós estamos crescendo, nós estamos aprendendo e tem sido muito importante essas atividades em articulação com as outras igrejas, que nos faz criar vínculos com as pessoas, nos faz conhecer outros cristãos. Se a gente não conhecer todo mundo aqui a gente vai conhecer todo mundo lá no céu [...] Essas datas são muito valorizadas pela liderança da igreja, em que buscamos sempre realizar algo e não deixar passar em branco. Ano passado movemos céus e terra para que o Natal fosse bom, e ele foi graças a Deus, a tendência é continuar fazendo e melhorando.</i>

Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019).

Foi perceptível que para os líderes e representantes das igrejas pesquisadas é de suma importância realizar atividades sociais, buscar apoio em outras denominações evangélicas (para além do seu ministério) e ainda, que as datas e eventos cristãos que se estabelecem entre dezembro e abril devem ser de alguma maneira lembradas e associadas a uma atividade diferenciada. Vemos, dessa maneira, que as igrejas evangélicas, da Av. Heribaldo Rodrigues, se articulam direta ou indiretamente, o que proporciona um aumento no número de fiéis na área conforme relatado nas entrevistas. Essa realidade de articulação abrange as vertentes do movimento evangélico pois “é uma das formas de se fazer crescer a comunidade religiosa e, conseqüentemente, a disseminação da palavra, do discurso teológico” (SILVA JUNIOR, 2017, p. 128).

Destacamos ainda a perspectiva da IURD quanto aos eventos e datas cristãs, que advém de orientações do próprio bispo fundador. Ainda assim, vemos que a IURD se rende ao movimento de solidariedade que os períodos natalino e pascal trazem consigo e fortalecem suas atividades sociais, em que a não realização de cultos memoriais é trocada, por exemplo, pelo “Natal da comunidade”. Isso ocorre em consonância não apenas ao espírito solidário que a religião fortalece na cidade, mas e também como uma estratégia de crescimento do movimento neopentecostal dentro das periferias urbanas (SILVA, 2003).

A apropriação de espaços segregados nas cidades por parte das IURDs, se justificam pela busca de poder oferecidos pelos fiéis, tanto no campo político, como também no econômico. Com as estratégias de controle do espaço por parte das IURDs, este segmento religioso neopentecostal é um dos que mais cresce (TEIXEIRA, RATTIS, 2006, p. 9).

Para comprovar e fortalecer o entendimento sobre essas articulações entre as igrejas evangélicas pesquisadas, a troca que se estabelece diretamente com as atividades e indiretamente por meio de fortalecimento das conexões entre elas, trazemos alguns dos discursos dos membros e frequentadores entrevistados, sobre a temática que trata da aproximação entre ministérios. Assim, veja no quadro 17 a seguir, algumas falas de entrevistados, conforme cada ministério:

Quadro 17 – Fiéis e Visitas/articulações à outros ministérios e congregações:

Membro entrevistado	Trechos coletados das entrevistas gravadas
Entrevistas MEPB:	<p><i>Entrevista 03/05: Sim, é comum irmos visitar outras igrejas. Inclusive eu tenho muitos amigos meus aqui que congregam aqui na rua ou perto, e acabam vindo visitar a nossa igreja quando a gente está fazendo algum movimento, quando é algum culto missionário, quando é algum culto de jovens tem essa troca e é muito bom. O ministério de louvor também é muito convidado para cantar, os irmãos vão pregar fora [...].</i></p> <p><i>Entrevista 04/05: Eu já fui com as irmãs para visitar outras igrejas. Esses convites que a gente se organiza para ir nem sempre são por aqui, e sempre que possível a gente vai, propaga o nome da igreja. [...] É muito bom conhecer as pessoas de outras igrejas.</i></p> <p><i>Entrevista 05/05: é comum a gente se juntar e ir visitar outra igreja sim. Tem muitas atividades aqui na igreja, mas tem sábados livres e a gente se junta e vai. É bom para a igreja e para nós, que recebemos algo diferente.</i></p>
Entrevistas PMM:	<p><i>Entrevista 02/03: Bom a gente já participou de um culto campal de uma congregação aqui na rua e a gente tenta fortalecer esses vínculos, apresentando o nosso ministério, tentamos ser simpático [...] Eu como missionário eu visito a comunidade e acabei conhecendo muitas igrejas da área, em que a gente já foi visitar algumas e levar a mensagem e quer ir mais ainda.</i></p> <p><i>Entrevista 03/03: Eu fui da Assembleia e agora estou frequentando [...], e eu já trouxe algumas pessoas para visitar aqui e tem sido muito bom isso tudo.</i></p>
Entrevistas IDB:	<p><i>Entrevista 03/04: temos o costume de conhecer novas pessoas de outros ministérios e aí a gente visita outras igrejas dos pastores, dos missionários e dos demais irmãos que vem aqui e que conhecemos. [...] É sempre bom fazer essa troca que a gente vê que os irmãos gostam, nós gostamos.</i></p> <p><i>Entrevista 04/04: sim, sim eu visito com o pessoal. Costumamos ir em outras congregações, claro, quando não temos atividades aqui na igreja. Quando não, a gente convida outros irmãos para virem, quando eles não</i></p>

	<i>tem atividade no sábado na igreja deles. [...] Eu conheço muita gente da missão, aqui pertinho, das Assembleias, enfim.</i>
Entrevistas IURD	<i>Entrevista 03/03: Bom, a nossa juventude ela é bem unida e a gente já foi visitar outras igrejas, em campanhas e encontros. Antes de irmos temos que conversar com um dos nossos pastores, e só é possível quando não temos atividade. [...] A gente visita mais outras universais, de outros bairros.</i>
Entrevistas ADCC:	<p><i>Entrevista 02/03: Toda oportunidade que a gente tem de tá visitando, participando de alguma campanha, de tá indo para algum evento missionário a gente vai. Depois a gente procura conhecer as pessoas, para convidar elas, para trazer uma palavra na igreja. [...] Nós já visitamos sim as igrejas daqui da rua, tem uma que parece muito com a nossa, e eles são bem receptivos. [...]</i></p> <p><i>Entrevista 03/03: É muito bom essa troca, inclusive ontem mesmo a gente foi visitar uma igreja aqui perto e foi fogo puro, e eu já tava pensando aqui de falar com o nosso pastor para trazer o pregador de lá e fazer um culto abençoado.</i></p>

Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2019).

Percebemos, que em maior ou menor grau, as igrejas evangélicas pesquisadas interagem entre si. A rede de solidariedade evangélica gerada e adensada pelas igrejas envolve o comércio, os serviços, a sociedade e suas práticas cotidianas e acaba por fortalecer a centralidade urbano-devocional da área.

Figura 23 – Mapa cognitivo do adensamento da Rede de solidariedade evangélica.



Fonte: Franco, Gerlaine Cristina Silva (2020).

Percebemos, portanto, que os aspectos inerentes a centralidade urbana na av. Heribaldo Rodrigues se misturam as práticas devocionais consolidadas pelas redes de solidariedade evangélica. Essa interação produz formas espaciais diversas na morfologia urbana, fortalece os fluxos na área e (re)atualiza a face preconcebida de Cidade/Metrópole anti-comunitária. Sendo assim, o resultado é a constituição de uma centralidade urbano-devocional no Parque Potira que se articula a inúmeros bairros e conjuntos habitacionais no município e para além dele, em que sua espinha dorsal (sua haste) é representada pela av. Heribaldo Rodrigues, permeada de elementos que constituem o urbano.

Em uma maior integração e fortalecimento dessa perspectiva, poderíamos nos fazer valer dos intercâmbios associativos das igrejas evangélicas com outras organizações religiosas e entidades não religiosas. Tal fato, exigiria maior atenção, disponibilidade de tempo e contextos favoráveis para a pesquisa que não os de pandemia vivenciados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade e o dinamismo que as práticas devocionais evangélicas acarretam sob o espaço geográfico nos trouxeram até aqui. Sendo assim, nossa pesquisa girou em torno de um objetivo principal, que consistiu em compreender a relação estabelecida entre as redes de solidariedade evangélicas e o desenho de novas centralidades urbano-devocionais na RMF.

O entendimento de que as igrejas evangélicas – e não apenas esse seguimento religioso - são organizadas e se mobilizam em redes de solidariedade mostra como a religião é um motor para a constituição de mudanças socioespaciais. Isso ocorre pois desde o período primitivo a dimensão espiritual e religiosa se faz presente nas sociedades, e com o passar dos séculos, e ainda que o nível de desenvolvimento – técnico/ científico/ racional queira extirpá-la, ela se mantém e se faz presente.

Dessa forma, vemos a intrínseca relação geográfica que se estabelece entre Cidade e Religião, afinal o ser/fazer religioso moldam o espaço geográfico, delimitando-o e territorializando-o. Essa realidade pôde ser evidenciada nas análises dos capítulos dessa dissertação, em que vimos que o campo religioso se fortalece em um contexto global, com destaque para o espaço urbano que é multifacetado e cada vez mais plural. Temos, atrelado ao crescimento do campo religioso, uma ascensão vertiginosa do movimento evangélico no país, que é resultado de sua expansão quantitativa no que tange o número de fiéis, devotos. Essa realidade se molda também na Metrópole Fortaleza e em sua Região Metropolitana.

Nesse contexto de crescimento do movimento evangélico no Brasil, vimos surgir diferentes vertentes desse movimento, ligados a variedade de características que essas igrejas assumem. Assim, cada ministério pode ser alocado em um grupo (igrejas históricas, pentecostais e neopentecostais), com características que variam desde concepções teológicas adotadas à práticas e ritos por exemplo.

Vimos que é nas cidades que o número de igrejas, e portanto, o número de pessoas que confessam a fé evangélica se torna cada vez maior e isso liga-se a própria característica do movimento, que continua bastante próxima da cultura urbana que existe e é constantemente (re)produzida. Essa cultura urbana, foi delineada, transformada e fortalecida pela cultura religiosa que o movimento protestante trouxe consigo, que pode ser visualizada nas práticas socioespaciais.

A cidade, tornou-se assim o *lócus* para a existência das religiões. Ela é marcada por significados simbólicos, pela presença de elementos físicos como templos e igrejas, é palco de hábitos e práticas devocionais que se aproximam, ligam-se e até entram em confronto. Mesmo sendo marcada pelo desenvolvimento técnico, pela racionalidade e por ideias seculares a cidade é a casa dos deuses. É nela que eles se multiplicam em associação a processos inerentes ao urbano.

As práticas de sociabilidade, vivência e atitudes na cidade ligam-se a cultura religiosa no espaço urbano. Sendo assim, foi possível comprovar que a capacidade de mobilização, articulação e associação dentro do movimento evangélico tem ampliado sua visibilidade e influência no espaço urbano do município de Caucaia, ultrapassando seus limites territoriais. Um exemplo disso é que as igrejas evangélicas possuem estratégias organizacionais em redes de solidariedade (colaborativas e de sociabilidade), que reverberam em outros cenários espaciais, envolvendo diferentes sujeitos para além da escala local.

Em nossa realidade metropolitana as redes de solidariedade evangélica proveem respostas cotidianas a necessidades imediatas de quem vive nas múltiplas periferias (urbana, social, cultural e, inclusive, psicoespiritual), antecipando os serviços urbanos públicos essenciais e modernos para se estabelecerem. O movimento evangélico cria esses serviços em redes de solidariedade, com maior acesso econômico e geográfico. Portanto, cria (onde não existe), recria (onde deixou de existir ou não atende a contento); fortalece (onde percebe fragilidade), ou acrescenta novos elementos de prestação de serviço acessíveis nas redes que estão limitadas.

As redes de solidariedade mobilizam conjuntos de instituições (religiosas e não religiosas) capazes de corroborar com os fluxos, impulsionar a criação de fixos, e gerar uma intensa (re)organização espacial. É pela capacidade que essas redes de solidariedade têm em articular tanto a dimensão espiritual às demais esferas da vida cotidiana que temos a possibilidade de serem criadas ou fortalecidas as novas centralidades urbano-devocionais.

Em nosso caminhar empírico foi possível visualizar que as redes de solidariedade evangélicas estão presentes em todo o município de Caucaia e fomentam um desenvolvimento social que interfere diretamente no espaço geográfico. No recorte da Av. Heribaldo Rodrigues localizada no Parque Potira (Caucaia/CE), as redes de solidariedade adentram não apenas no cotidiano

religioso, mas e também, as demais esferas como o trabalho, os negócios, o consumo e o lazer. A cultura religiosa propiciada pelo movimento evangélico atribui sentido as práticas socioespaciais e motiva diferentes ações.

Nesse contexto, foi possível evidenciar que as igrejas evangélicas pesquisadas ao se articularem em redes de solidariedade acabam por favorecer os períodos que abarcam as principais festividades cristãs. Essas festividades ocorrem predominantemente durante os ciclos natalino e pascal e trazem fortemente consigo a ideia de solidariedade, de valorização da fé e do sentido simbólico que motiva a celebração.

Os capítulos apresentados neste trabalho e os fatos expostos por eles nos revelam que a rede de solidariedade evangélica enfocada no Município de Caucaia, adensada e fortalecida pelas festividades e eventos ocorridos durante os ciclos natalino-Pascual corroboram com a centralidade da área, atribuindo a ela um novo aspecto de destaque: o devocional. Essa centralidade urbano-devocional visualizada na análise é, portanto, fruto da interação dos elementos que marcam a centralidade urbana com as práticas devocionais dos evangélicos; sendo assim, há integração e articulação dos serviços/ empreendimentos, dos moradores e frequentadores da área – fiéis ou não - com as igrejas evangélicas distribuídas ao longo da av. Heribaldo Rodrigues.

Dessa forma, foi possível perceber e entender como as igrejas evangélicas atraem constantes fluxos, fortalecem e corroboram com os fixos e a organização espacial da área investigada. Acreditamos que esse fenômeno geográfico possa ocorrer em toda a RMF, em maior ou menor grau de complexidade e urbanidade. Nessa conjuntura, há a articulação entre os espaços metropolitanos da cidade, que acabam sendo atraídos pelos elementos que constituem a centralidade urbano-devocional, como é o caso da av. Heribaldo Rodrigues, que atrai pessoas de diversas áreas do município e externo a ele (casos de bairros de Fortaleza por exemplo).

As igrejas evangélicas assumem destaque, portanto, em nossa análise geográfica e constituem terreno de pesquisa fértil para tantos outros pesquisadores sejam da Geografia ou outras áreas do conhecimento científico, pois estamos distantes de esgotar as possibilidades de estudo em relação ao movimento evangélico e sua interferência sobre a organização e produção do espaço geográfico. Vemos, portanto, a importância dessa pesquisa, que articula a Geografia

à outras áreas do conhecimento, que demonstra a relação existentes entre as redes de solidariedade evangélicas e o desenho de centralidades urbano-devocionais na RMF.

REFERÊNCIAS

- ABUMANSSUR, E. S. **As moradas de Deus**: arquitetura de igrejas protestantes e pentecostais. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004. 200 p.
- ALMEIDA, Ronaldo; D'ANDREA, Tiarajú. Pobreza e redes sociais em uma favela paulistana. **Revista Novos Estudos**, São Paulo, n. 68, 2004.
- ALVES, F. D. Interpretação da história do pensamento geográfico pelo método hermenêutico. *In*: MARAFON, G. J.; RAMIRES, J. C. de L.; RIBEIRO, M. A.; PESSÔA, V. L. S. (org.). **Pesquisa qualitativa em geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013. cap. 2, p. 37-54.
- ALVES, Rubens. **O que é religião**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 131 p.
- ANDRADE, M. O. de. **500 Anos de catolicismos e sincretismos no Brasil**. João Pessoa: Ed. Universitária-UFPB, 2002. 287 p.
- ALMEIDA, M. R. H. de. **As metamorfoses do diabo**: a secularização do mito e sua apropriação pela indústria cultural no século XX. 2008. 148 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2008.
- BARBOSA, M. E. S. **Aracati (CE) no período colonial**: espaço e memória. 2004. 205 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza – Ceará, 2004. Disponível em: http://www.uece.br/mag/dmdocuments/maria_edivani_dissertacao.pdf. Acesso em: 20 jun. 2019.
- BASTOS, A. V. B. Organização e cognição: o que emerge desta interface? *In*: RODRIGUES, S. B.; CUNHA, M. P. (org.). **Estudos organizacionais**: novas perspectivas da administração de empresas. São Paulo: Iglu, 2000. p. 173- 211.
- BARRETO, Rogério. O centro e a centralidade urbana: aproximações teóricas a um espaço em mutação. **Cadernos curso de doutoramento em Geografia - FLUP**, 2010.
- BITTENCOURT, F. J. “Remédio amargo”. *In*: ANTONIAZZI, Alberto *et al.* **Nem anjos, nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 23- 41.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. *In*: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L.(org.). **Geografia cultural**: um século. 3 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-132.
- BONJARDIM, S. G. M; ALMEIDA, M. G. Templos e rituais como patrimônio cultural: a Geografia nas análises da Religião. *In*: VARGAS, M; A. M.; DOURADO, A. M.; SANTOS, R. H. dos. (org.). **Práticas e vivências com a Geografia cultural**. Acaraju: Editora do diário oficial do estado de Sergipe, 2015. p. 11- 22.

BURITY, Joanildo A. **Identidade e cidadania: a cultura cívica no contexto de uma nova relação entre sociedade civil, indivíduos e estado.** *In*: conselho latino Americano de ciência socieales – CLACSO (biblioteca virtual), 2011. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/nabuco/joan5.rtf>. Acesso em: 15 mar. 2020.

CAMPOS, L. S. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal.** Petrópolis: Vozes, 1997.

CARLOS, A. F. A; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. (org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.** São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, C. **Entre práticas e representações.** 2016. 229 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

CARVALHO, J. P. B. De. **Mapas cognitivos baseados em regras difusas: Modelação e simulação da dinâmica de sistemas qualitativos.** 2001. 333 f. Tese (Doutorado em Engenharia Electrotécnica e de Computadores) - Universidade Técnica de Lisboa, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana.** São Paulo: Paz e terra, 1983.

CLEPS, G. D. G.; CARVALHO, P. F. O comércio e a reprodução do espaço urbano na cidade de Uberlândia – MG. *In*: **Geografia: ações e reflexões**, 2006. p. 81- 100.

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial.** São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 1995.

CHRISTALLER, Walter. **Os lugares centrais na Alemanha do Sul.** Tradução de Mario Antônio Eufrásio (versão preliminar). São Paulo: [s.n.], 1981.

DANTAS, E. W. C. O Centro de Fortaleza na contemporaneidade. 2009. *In*: DANTAS, E. W. C; SILVA, J. B.; COSTA, M. C. L. **De cidade a metrópole: (trans)formações urbanas em Fortaleza.** Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 187- 228.

DANTAS, E.W. SILVA, José B. da. A formação histórica da metrópole e principais tendências de desenvolvimento. *In*: BEZERRA PEQUENO, L. R. (org.). **Como anda Fortaleza.** Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2009.

DIAS, L. C. Redes: emergência e organização. *In*: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.a; CORRÊA, R. L. (org.). **Geografia: conceitos e temas.** 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 141-162.

DUNSTAN, J. L. **Protestantismo.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964.

DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social.** São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Lisboa: Livros do Brasil, 1957.

FERREIRA, A. Metropolização do espaço, tensões e resistências: entre espaços de controle e controle do espaço. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, [s.n.] v. 18, n. 493, 2014.

FERREIRA, L. F. O lugar festivo: a festa como essência espaço-temporal do lugar. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 7-21, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/download/7729/5584>. Acesso em: 14 mar. 2020.

GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia de bolso, 1999.

GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. **O livro das religiões**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2001.

GIL FILHO, S. F. Geografia da Religião: reconstruções teóricas sob o idealismo crítico. *In*: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (org.). **Da percepção e cognição à representação**: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007. p. 114-138.

GIL FILHO, S. F. Estruturas da territorialidade católica no Brasil. **Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 10, n. 205, 2006.

GIL FILHO, S. F. **Espaço sagrado**: estudos em geografia da religião. Curitiba: Ibplex, 2008.

GIUMBELLI, E. A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro. **Religião e Sociedade**, p. 87-120, 2001. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9201342-A-vontade-do-saber-terminologias.html>. Acesso em: 27 de set. 2018.

GLUSZEVICZ, Ana Cristina; MARTINS, Solismar Fraga. Conceito de centralidade urbana: estudo no município de Pelotas, RS. *In*: **SIMPÓSIO DE ESTUDOS URBANOS**, 2, 2013, Paraná. Paraná: SEURB, 2013. Tema: A donâmica das cidades e a produção do espaço. Disponível em: http://www.fecilcam.br/anais/ii_seurb/documentos/o-urbano-em-suas-difentes-escalas/gluszevicz-ana-cristina.pdf. Acesso em: 10 mar. 2020.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOMES, R. B. As espacialidades do consumo na região metropolitana de Fortaleza. *In*: **ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA**, 13, 2019, São Paulo. São Paulo: ANPEGE, 2019. Disponível em:

https://www.enanpege2019.anpege.ggf.br/resources/anais/8/1562709549_ARQUIVO_ENANPEGE_2019.pdf. Acesso em: 14 jul. 2020.

GRAEML, A. R.; GRAEML, K. S. Considerações sobre a localização empresarial e sobre sua relevância na era da Internet. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO*, 22, 2002, Curitiba. Curitiba: ENEGEP, 2002.

HACKMANN, G. L. B. O sentido cristão das festas religiosas. *Rev. Trim*, Porto Alegre, v. 36, n. 154, p. 867-883, dez, 2006.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HAESBAERT, R. Por uma constelação geográfica de conceitos. *In: HAESBAERT, R. Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. p.19-51.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

HORTAL, Jesús. Panorama e estatísticas do fenômeno religioso no Brasil. *In: CNBB. A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil (I)*. São Paulo: Paulinas, 1991.

IBGE. **Censo demográfico 2010: resultados da amostra: religião: Fortaleza**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019.

IBGE. **Censo demográfico 2000: resultados da amostra: religião: Fortaleza**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=293626&view=detalhes>. Acesso em: 10 jan. 2019.

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.

LAGES, M. F. Formas emergentes de quotidianização da festa. **Comunicação & Cultura**, n.10, 2010, p. 133-154.

LÉFÈBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LENCIONI, S. A metamorfose de São Paulo: o anúncio de um novo mundo de aglomerações difusas. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n.120, jan./jun. 2011, p.133-148.

LENCIONI, S. Metropolização do espaço: processos e dinâmicas. *In: FERREIRA, A. (org.). Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano – rurais*. Rio de Janeiro: Consequência, 2013. p.17-34.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2015.

LOPES, José Rogério. Velhas devoções, novas devoções: mediações e mudanças no cristianismo devocional contemporâneo. **PLURA: Revista de Estudos de Religião**, v.1, n. 1, 2010, p. 109-135. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/26992424>. Acesso em: 09 jun. 2020.

LÜCHMANN, L. H. H. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 29 n. 85, 2014.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, M.de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Reimpr: Atlas, 2006.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIANO, R. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista eletrônica de Estudos da Religião**, v.4, 2008, p. 68-95. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.htm. Acesso em: 20 jun. 2020.

MARTINS, L. C.; CARDOSO, L. S. A dimensão civilizatória da presença dos americanos no Brasil: Tecnologia, Educação e Religião. *In*: **Revista Cesumarn**, v. 14, n. 2, 2009.

MARTINS, R. S. **Igreja de Deus no Brasil**: sua presença em Goiás (1886 - 2000). 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

MCGRATH, A. E.; MARKS, D. C. **The Blackwell Companion to Protestantism**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2004

MENDONÇA, A. G. **O celeste porvir**: a inserção do Protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

MENDONÇA, A. G. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil: *In*: MENDONÇA, A. G.; VELASQUES FILHO, P. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990. p. 11-59.

MIKLOS, J. **Ciber-Religião**: a construção de vínculos religiosos na cibercultura. São Paulo: Ideias & Letras, 2012.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTERO, P.; ALMEIDA, R. O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas. *In*: RATTNER, H. (org.). **Brasil no limiar do século XXI**:

alternativas para a construção de uma sociedade sustentável. São Paulo: EDUSP e FAPESP, 2000.

NOGUEIRA, L. C. **A hierarquização religiosa no espaço urbano: o caso das religiões afro-brasileiras.** In: 14º Encuentro de Geógrafos de América Latina (CLAG), Lima, 2012.

OKADA, A. **Cartografia cognitiva: novos desafios e possibilidades.** São Paulo: KCM, 2008.

OLIVEIRA, C. D. M. de. Festas Populares religiosas e suas dinâmicas espaciais. **Mercator** – Revista de Geografia da UFC, v. 6, n. 11, 2007. p. 23-32.

OLIVEIRA JUNIOR, Gilberto Alves. Redefinição da centralidade urbana em cidades médias. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 20 (1): 2008. p. 205-220.

OLIVEIRA, I. D. **Religião e as teias do multiculturalismo.** São Paulo: Fonte editorial. Disponível em: <http://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-ciencias-da-religiao/wp-content/uploads/sites/59/2017/09/Ref-Bibliog-2017-Religiao-e-asTeias.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2020.

OSCAR D'ALVA; SOUZA FILHO. **Estado moderno: Reforma Protestante e Contra-Reforma.** Fortaleza: Impreco, 2011.

PARENTE, T. G. **O papel da igreja nas formações das cidades.** CLIO. Série História do Nordeste (UFPE), Recife - PE, v. 1, p. 195-200, 1998.

PASSOS, J. D. Pentecostalismo e modernidade: conceitos sociológicos e religião popular metropolitana. **Revista Nures**, SP – 2006.

PEREIRA, C. J. **Geografia da religião e a teoria do espaço sagrado: a construção de uma categoria de análise e o desvelar de Espacialidades do protestantismo batista.** 2014. 286 f. Tese (doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, 2014.

PEREIRA, C. J. Geografia da religião: um olhar panorâmico. **RAEGA**, v. 27, 2013, p. 10-37.

PEREIRA JÚNIOR, E. Dinâmicas territoriais no Ceará e na Região Metropolitana de Fortaleza – um olhar orientado pelo processo de industrialização. In: COSTA, M.C.L; PEQUENO, R. **Fortaleza: Transformações na ordem urbana.** 1 ed. Rio de Janeiro: letra Capital - Observatório das Metrôpoles, 2015.

PEW RESEARCH CENTER (PRC) (2014), **Global religious diversity**, 2019. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2014/04/04/global-religious-diversity>. Acesso em: 19 set.

PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política.** São Paulo, Hucitec, 1996.

RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. Pesquisas qualitativas: referencias para pesquisa em geografia. *In*: MARAFON, G. J.; RAMIRES, J. C. de L.; RIBEIRO, M. A.; PESSÔA, V. L. S. (org.). **Pesquisa qualitativa em Geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013. p. 23 - 36

ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

ROSENDAHL, Zeny. Diversidade, religião e política. **Revista Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, n. 11-12, 2001.

RUIZ, C. **Paradoxo do imaginário**: a implicação simbólica do imaginário. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SANCHES, R. F. **A teologia da missão integral**: história e método da teologia evangélica latino-americana. São Paulo: Reflexão, 2009.

SANCHEZ, W. L. A multiplicidade religiosa no espaço Urbano. *In*: AFONSO, M. L. S.; PASSOS, J. D. P. (org.). **Fé na Metrópole**: desafios e olhares múltiplos. São Paulo: EDUC, 2009. p. 47-65.

SANTOS FILHO, R. dos. **O templo central da Igreja Universal do Reino de Deus em Fortaleza - Ce**: a compreensão de um espaço sagrado. 2016. 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) -Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, M. I. **A Experiência religiosa e teologia da prosperidade entre fiéis da Igreja Universal**. 2015. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SANTOS, M. G. Os limites do Censo no campo religioso brasileiro. *In*: CUNHA, C. V.; MENEZES, R. D. C. *In*: **Religiões em conexão**: Números, direitos, pessoas. Instituto de estudos da religião (ISER), Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.iser.org.br/site/wp-content/uploads/2015/04/Comunica%C3%A7%C3%B5es-do-ISER-69.compressed.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2019.

SERAFIM, M. C.; MARTES, A. C. B.; RODRIGUEZ, C. L. "Segurando na mão de Deus": organizações religiosas e apoio ao empreendedorismo. **ERA**, v. 52, n. 2, São Paulo, 2012.

SFREDO, J. M; PEREIRA, L. N; MORAES, P. R. P; DALMAU, M. **Análise de fatores relevantes quanto à localização de empresas**: comparativo entre uma indústria e uma prestadora de serviços com base nos pressupostos teóricos. *In*:

XXVI ENEGEP, em Fortaleza - CE, Brasil, 9 a 11 de Outubro de 2006 Acesso em: 10 maio 2020. Disponível em:
<http://docs.fct.unesp.br/docentes/plan/crisrizk/Planejamento%20Ambiental%20e%20Elaboracao%20de%20Projetos/Elabora%E7%E3o%20de%20Projetos/Estudo%20de%20caso%20Localiza%E7%E3o2.pdf>

SILVA JÚNIOR, Isley Borges da. **Espaço, cultura e religião: um olhar para o neopentecostalismo underground.** - 2017. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19570/1/EspacoCulturaReligiao.pdf>.
 Acesso em: 03 mar. 2020.

SILVA, R. Tomaz, *et al.* Igreja Universal do Reino de Deus: A regionalização da fé em Uberlândia-MG. *In: II Simpósio Regional de Geografia: "Perspectiva para o cerrado no século XXI"*. Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Geografia – 26 a 29 de novembro de 2003.

SILVA, L. R. T. da. **Paisagens sonoras na formação de um patrimônio imaterial evangélico na Região Metropolitana de Fortaleza.** 2016. 231 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

SILVA, L. R. T. da. **A conquista da metrópole profana: uma análise comparada de Territorialidades em Fortaleza-CE.** 2016. 164 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

SILVA, William Ribeiro da. **Centro e centralidade: uma discussão conceitual.** Presidente Prudente: Formação, n. 8, 2001.

SOUZA, A. V.; FRANCO, G. C. S.; SILVA, J. B. Comércio, fixos religiosos e dinâmica urbana do Centro de Fortaleza – CE. *In: Anais do III seminário regional comércio, consumo e cultura nas cidades*, 2017.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista Geografia**, São Paulo, UNESP, n. 10, p. 1-18, 1991.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novas Formas Comerciais e a redefinição da centralidade intra-urbana. *In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). Textos e Contextos para a leitura geográfica de uma cidade média.* Presidente Prudente: UNESP, 2001.

STEIL, C. A. Pluralismo, modernidade e tradição: Transformações do campo religioso. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 3, n. 3., 2001, p. 115-129.

TEIXEIRA, A. Substratos sociais do sagrado festivo Uma aproximação antropológica. **Comunicação & Cultura**, n. 10, 2010, p. 57-72.

TEIXEIRA, J. P; RATTS, A. **Paisagens religiosas cristãs e afro-brasileiras no espaço urbano em Goiânia - GO.** *In: Disponível em:*
<http://www.neer.com.br/anais/NEER->

2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20JosePauloTeixeira.ED1III.pdf. Acesso em: 24 nov. 2019.

TEIXEIRA, J. S. Festa e identidade. **Comunicação & Cultura**, n. 10, 2010, p. 17-33.

TELES, Glauciana Alves. **Dinâmicas metropolitanas contemporâneas: Caucaia na Região Metropolitana de Fortaleza**. 2005. 174 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.

WILLIAMS, R. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. *In*: SILVA, L. R. T. da. **Paisagens sonoras na formação de um patrimônio imaterial Evangélico na Região Metropolitana de Fortaleza**. Tese (doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Centro do Ciências, Fortaleza, 2016.

**APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM
REPRESENTANTES E LÍDERES DAS IGREJAS EVANGÉLICAS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



O presente roteiro faz parte de uma Pesquisa de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Ceará Intitulada “REDES EVANGÉLICAS NO DESENHO DE NOVAS CENTRALIDADES DEVOCIONAIS NA RMF”. Esta pesquisa busca compreender a relação estabelecida entre as redes evangélicas e o desenho de novas centralidades devocionais na RMF. A sua participação será de fundamental importância para a realização desse trabalho.

Pesquisadora: Gerlaine Cristina Silva Franco
Orientador: Prof. Dr. Christian Dennys

DATA: / / **RESPONSÁVEL:** _____

DADOS GERAIS

Ministério/Igreja: _____
Sede / Congregação: _____
Função exercida no Ministério: _____
Tempo que congrega no Ministério: _____

PAUTAS DA ENTREVISTA

Breve Histórico da Igreja.

Mudanças no entorno a partir da instituição da igreja no local).

Membresia ativa e frequência de visitantes.

Dinâmica organizacional (cultos, escola bíblica, principais eventos como retiros, cultos campais, marchas e etc.).

A igreja e a comunidade: Participação da comunidade durante os eventos; ações sociais.

Importância das festividades Cristãs.

Estratégias de articulações com outras igrejas próximas e planejamentos durante os períodos dos ciclos natalinos e pascal. (Comissões/atividades/engajamento dos membros, etc.)

Parcerias com representantes próximos a vizinhança eclesial (comerciantes/ prestadores de serviços/ políticos/ etc.)

Perspectiva do ministério enquanto centralidade devocional > fixos e fluxos na produção do espaço.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS FREQUENTADORES E MEMBROS DAS IGREJAS EVANGÉLICAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



O presente roteiro faz parte de uma Pesquisa de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Ceará Intitulada “REDES EVANGÉLICAS NO DESENHO DE NOVAS CENTRALIDADES DEVOCIONAIS NA RMF”. Esta pesquisa busca compreender a relação estabelecida entre as redes evangélicas e o desenho de novas centralidades devocionais na RMF. A sua participação será de fundamental importância para a realização desse trabalho.

Pesquisadora: Gerlaine Cristina Silva Franco
Orientador: Prof. Dr. Christian Dennys

DATA: _____ / _____ / _____

RESPONSÁVEL: _____

DADOS GERAIS DO ENTREVISTADO

Ministério/Igreja: _____

Sede / Congregação: _____

Função exercida no Ministério: _____

Tempo que congrega no Ministério: _____

Idade: () Entre 15 e 17 anos () Entre 18 e 24 anos () De 25 anos em diante.

PAUTAS DA ENTREVISTA

Importância da Igreja para sua comunidade.

Participação em ministério(s) da Igreja.

Engajamento e frequência de Eventos e projetos sociais da Igreja.

Visita/articulações à outros ministérios e congregações juntamente com membros de sua igreja.

Principais atividades durante os ciclos natalino e pascoal.

O ministério e as redes sociais (Instagram/Facebook/Whatsaap, etc.)

A diversidade de usos do bairro/cidade, para atividades de lazer, serviços, visitas.

Prestação de serviços comunitários/solidários, em parceria com a instituição religiosa e demais representantes da comunidade.

**APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO REALIZADO COM COMERCIANTES NO
ENTORNO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



O presente roteiro faz parte de uma Pesquisa de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Ceará Intitulada “REDES EVANGÉLICAS NO DESENHO DE NOVAS CENTRALIDADES DEVOCIONAIS NA RMF”. Esta pesquisa busca compreender a relação estabelecida entre as redes evangélicas e o desenho de novas centralidades devocionais na RMF. A sua participação será de fundamental importância para a realização desse trabalho.

Pesquisadora: Gerlaine Cristina Silva Franco
Orientador: Prof. Dr. Christian Dennys

DATA: _____ / _____ / _____

RESPONSÁVEL: _____

Nome: _____ Idades: _____

Função exercida: _____

Nome do comércio: _____

Ramo do serviço: _____

Endereço: _____

QUESTÕES

Tempo de funcionamento do comércio naquela área:

() Entre 1 a 3 anos () Entre 4 e 6 anos () Mais que 6 anos.

Quantitativo de clientes:

() Ruim () Razoável () Bom () Excelente

Existem igrejas evangélicas próximas a seu comércio:

() Não () Sim

Os frequentadores das igrejas evangélicas consomem as mercadorias ou serviços prestados:

() Não () Às vezes () Sim

Caso não, por que você acha que isso acontece? _____

Existem eventos nas igrejas evangélicas que fortalecem o movimento no seu comércio:

() Não () Às vezes () Sim

Existe relação da criação do Comércio com o público das igrejas evangélicas:

() Não () Em partes () Sim

Após a instalação das Igrejas evangélicas próximas a seu comércio, a área mudou ou tem mudado:

() Não () Em partes () Sim

***Caso a resposta do item anterior seja Em partes ou Sim, o que tem mudado nessa área (pode marcar mais que um item):**

- () Novos comércios e serviços surgidos () Melhorias na infraestrutura pública
 () Novas rotas/Linhas de ônibus mais ativas () Maior Fluxo de pessoas
 () Surgimento de habitações (casas/condomínios).

Houve parceria com as igrejas evangélicas para eventos solidários na comunidade:

() Não () Sim

***Caso a resposta do item anterior seja Sim, no que consistiu o evento? Com que frequência essas articulações ocorrem?**
